

Allyne Fernandes Oliveira Barros

**RECONSTRUÇÃO EM MOVIMENTO:  
OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO TERREMOTO DE 2010  
EM IMIGRANTES HAITIANOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucienne Martins Borges

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barros, Allyne Fernandes Oliveira

Reconstrução em movimento: os impactos psicológicos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos / Allyne Fernandes Oliveira Barros ; orientadora, Lucienne Martins Borges - Florianópolis, SC, 2016.  
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Impactos psicológicos. 3. Desastres naturais. 4. Imigração. 5. Haiti. I. Martins-Borges, Lucienne. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

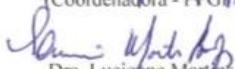
*Allyne Fernandes Oliveira Barros*

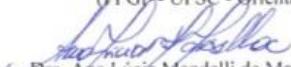
*Reconstrução em movimento: os impactos psicológicos do terremoto  
de 2010 em imigrantes haitianos*

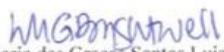
Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

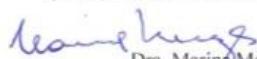
Florianópolis, 17 de Junho de 2016.

  
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)

  
Dra. Lucienne Martins Borges  
(PPGP - UFSC - Orientadora)

  
Dra. Ana Lúcia Mandelli de Marsillac  
(PPGP - UFSC - Examinadora)

  
Dra. Maria das Graças Santos Luiz Brightwell  
(PPGP - UFSC - Examinadora)

  
Dra. Marina Menezes  
(MPSGT - UNIVALI - Examinadora)

Dra. Daniela Ribeiro Schneider  
(PPGP - UFSC - Suplente)



Este trabalho é dedicado à minha  
querida avó, Yvonne (*in memoriam*).



## AGRADECIMENTOS

Agradeço com todo o amor do meu coração à Márcia, a quem desde que nasci (re)conheço como mãe. Por toda dedicação e cuidado, pelo olhar amoroso que me faz acreditar na vida. Pela confiança que ultrapassa qualquer compreensão, muito obrigada!

À Anelise, minha eterna pequena irmã, pelo carinho, tolerância e por sempre me dizer “Vai dar certo!”. Ao Lenine, meu irmão mais velho, por me ensinar a escutar. À tia Nádia, tio Mário e tio Carlinhos, sempre presentes, apoiando e torcendo. Aos meus familiares. Muito obrigada!

À Lucienne, minha orientadora, por me acolher na diferença. Obrigada pela paciência, olhar cuidadoso e crítico, escuta e pelas palavras. Aprendi contigo a me poupar do embate entre o amor e o trabalho: é coerente que partilhem o mesmo espaço.

Ao Márcio, meu grande amigo, colega, com quem compartilho tantos contextos de vida. Obrigada pela cumplicidade! Aprendo contigo a endurecer, sem perder a ternura.

À Mariá, por me inquietar com sua velocidade e me desafiar ao movimento. Como numa dança, aprendo contigo a negociar o passo. Obrigada, amiga!

A todas as minhas queridas e queridos colegas do NEMPsiC: Maiara, Ana Paula Freitas, Mariana Livramento, Júlia, Elina, Cecília, Ana Sofia, Ana Laura, Adalberto, Laura, Gabriela López e Natália. Muito obrigada pelas trocas teóricas, de vida e culinárias! Sou muito grata por trabalhar com vocês.

Aos meus amados amigos de infância: Camila, Débora, Vanessa, Lucas, André, Renato, Fernando e Fernanda. Aos também amados da juventude: Ana Raquel, Marina Deschamps, Úrsula, Maria Luiza, Thaís Farsen, Wagner, Ângela, Daniela Mayorca, Gustavo Machado, Juliana, Tatiana e Leonardo Bitencourt. É muito bom ter vocês por perto (mesmo quando estão longe)!

Àqueles que sempre possibilitaram que a academia me fosse mais leve, com toda a sensibilidade, calor e beleza do teatro: Carol Fava, Denise Miguel, Lilian, Ian e Karim. Obrigada por me acompanharem há tanto tempo!

Aos bons e ricos encontros com: Marilena Deschamps, Camila Klein, Maíra Felipe, Luana Raymundo e Ariane Kuhnen. Aos tantos outros amigos, colegas de percurso e professores com quem muito aprendo.

Ao PPGP-UFSC e à CAPES pelo apoio e financiamento ao meu trabalho.

Aos participantes dessa pesquisa, pela confiança.  
Muito obrigada!

[...] Esse homem morava do lado da minha casa. Passava meus dias inteiros com ele. Ele não sabia ler nem escrever. Só sabia pintar. Paisagens grandiosas. Frutos enormes. Uma natureza luxuriante. Mulheres esguias, hieráticas, que descem os morros com enormes cestas de legumes na cabeça. Ele pintava também animais na selva equatorial. Tudo era sempre verde, abundante, alegre. Suas telas nunca tinham tempo de secar. Pessoas ricas, instruídas, vinham logo comprá-las. Um dia, veio um jornalista do New York Times.

– Baptiste – perguntou –, por que o senhor pinta sempre paisagens tão verdes, tão ricas, árvores vergadas pelo peso de frutas maduras, pessoas sorridentes, enquanto em torno do senhor só há miséria e desolação?

Um momento de silêncio.

– O que pinto é o país que sonho.

– E o país real?

– O país real, senhor, não preciso sonhá-lo.

(Dany Laferrière, 2011)



## RESUMO

Dos diversos meios pelo qual o mal-estar pode irromper na vida do sujeito, um deles refere-se às condições exteriores, como as forças da natureza. As catástrofes naturais podem ser compreendidas como eventos potencialmente traumáticos devido à severidade e intrusão na dinâmica das pessoas e grupos. Assim, costumam ter desdobramentos psicológicos importantes que podem gerar impactos na saúde mental e sofrimento psíquico diante das perdas vivenciadas, geralmente mais intensas que em outros eventos da vida. Os meios de lidar com eventos traumáticos são atravessados pela cultura, pois ela oferece rituais e discursos que orientam o sujeito, inclusive nos acontecimentos que excedem as possibilidades imediatas de representação psíquica. Porém, o processo migratório, principalmente nas migrações involuntárias, implica em diversas mudanças e pode levar o sujeito a um estado de vulnerabilidade psíquica, pois muito daquilo que o orientava em sua existência é ameaçado pelo contato com uma cultura diferente. Em janeiro de 2010 o Haiti foi atingido por um terremoto com proporções catastróficas. A dificuldade do país em responder ao ocorrido, que agravou a situação precária da maioria de sua população, levou muitos haitianos a emigrarem, sendo o Brasil um dos destinos – ainda que provisório. O deslocamento geográfico de haitianos não é novidade, mas a motivação deste ser a ocorrência de um terremoto não é irrelevante. Nesse sentido o objetivo principal deste estudo foi analisar quais os impactos psicológicos de um terremoto que, além de levar a experiência do imprevisível pelo evento em si, foi seguido de uma migração necessária para a continuidade e reconstrução da vida. De caracterização qualitativa e exploratória, o presente trabalho buscou responder à questão por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com imigrantes haitianos que residem em uma região de Santa Catarina. Orientado pelo olhar psicanalítico e etnopsiquiátrico procurou-se escutar a experiência desses sujeitos por intermédio de suas narrativas. Os resultados demonstram que a lembrança traumática, as perdas de pessoas próximas, casa, trabalho e educação foram acrescidas às dificuldades de uma migração que, apesar de facilitada legalmente, é vivida com dificuldade de integração pela maioria desses sujeitos. Em contrapartida, o desejo de reconstrução da história individual e coletiva se apresenta como uma importante força na vida dessas pessoas que, mesmo à distância, procuram compartilhar projetos com os conterrâneos. O contato com a rede social do país de origem foi e continua sendo um importante fator de proteção ao oferecer os

elementos fundamentais de representação da experiência do terremoto e da migração. Pilares da nova casa, interna e externa, propiciam o material necessário para essa reconstrução que não cessa. O presente estudo oferece contribuições à Psicologia, no âmbito nacional, em relação aos fenômenos psíquicos que interpõem as migrações. Para tanto, leva em consideração a escuta dos aspectos referentes às diferenças culturais e o seu papel na elaboração de eventos traumáticos. Compreende um material útil para orientar discussões no âmbito das práticas de atenção à saúde, assistência social e políticas públicas de acolhimento e atenção integral, não somente dessa população específica, mas dos imigrantes e refugiados que chegam ao Brasil.

**Palavras-chave:** Impactos psicológicos. Desastres naturais. Imigrantes haitianos.

## ABSTRACT

The malaise can break into the people's life by various ways, one of them refers to the external conditions such as the forces of nature. Natural disasters can be understood as potentially traumatic events due to the severity and intrusion of the event into the individual and the groups organization and relationship wise. Often they have important psychological consequences that can have an impact on mental health and psychological distress as a result of the experience of loss, usually more intense than in regular life events. The ways of dealing with traumatic events are structured by culture, since it's culture that offers rituals and discourses that guide the subject throughout life, including the unexpected events that exceed the immediate possibilities of a psychic representation. However, the migration process, especially the involuntary migration, involves several changes that can lead the individual to a mental state of vulnerability, because much of what guided him in its existence so far, is threatened by the contact with a different culture. In January 2010, Haiti was hit by an earthquake with catastrophic proportions. The difficulty of the country to respond to the event, has aggravated the precarious situation of the majority of the country's population, and led many Haitians to emigrate. Brazil became one of the destinations - even if temporary.

The geographical displacement of Haitians is not new phenomenon, but having an earthquake as the main motivational element is not irrelevant. In this sense the main objective of this study was to analyse what psychological impacts the earthquake had, in addition to bringing the experience of an unpredictable event itself, followed by a migration needed for continuity and reconstruction of life. Characterized as a qualitative and exploratory research, the present study sought to answer the question through semi-structured interviews with Haitian immigrants living in a region of Santa Catarina. Guided by the psychoanalytical and etnopsychiatric theories, the study tried to listen to the experience of these individuals through their narratives. The results show that the traumatic memory, the loss of relatives, of their home, work and education were added to the difficulties of the migration that, although legally facilitated, is experienced with difficulty to the majority of these subjects during their integration process. On the other hand, the desire for reconstruction of an individual and collective history - family and also Haiti - presents itself as a major force in the lives of people who, even at a distance, seek to share projects with fellow countrymen. Contact with the social network in the country of origin has been and

remains an important protection factor to provide the basic elements of representation of the earthquake experience and the migration as well. Edifications of the new house, internal and external, provide the necessary material for this reconstruction that never ceases. This study offers contributions to Psychology, at the national extent, in relation to psychic phenomena that interpose the migrations. To do so, it takes into account the listening of aspects relating to cultural differences and their role in the elaboration of traumatic events. It's a useful material to guide discussions within the health care practices, social assistance and public policy of reception and full attention, not only for this specific population, but immigrants and refugees who come to Brazil.

**Keywords:** Psychological impacts. Natural disasters. Haitian immigrants.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Dados sociodemográficos

Tabela 2 – Categorias, subcategorias e unidades temáticas

Tabela 3 – Categoria 1: Processo migratório

Tabela 4 – Categoria 2: Exposição ao terremoto

Tabela 5 – Categoria 3: Fatores de risco

Tabela 6 – Categoria 4: Fatores de proteção



## **LISTA DE SIGLAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados  
CNIg – Conselho Nacional de Imigração  
CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados  
EIRD – Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres  
IDMC – Internal Displacement Monitoring Centre  
MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti  
NEMPsiC – Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas  
OIM – Organização Internacional para as Migrações  
PNDC – Política Nacional de Defesa Civil



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
1.1 OBJETIVOS .....	25
1.1.1 Objetivo Geral .....	25
1.1.2 Objetivos Específicos.....	25
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>27</b>
2.1 DESASTRES NATURAIS, MIGRAÇÃO E O TERREMOTO DO HAITI.....	27
2.1.1 Desastres naturais .....	27
2.1.2 Desastres naturais e migração: o caso haitiano .....	29
2.1.3 O acolhimento aos imigrantes haitianos no Brasil .....	32
2.2 SOFRIMENTO PSÍQUICO E CULTURA.....	34
2.2.1 Sintoma.....	37
2.2.2 Angústia .....	38
2.2.3 Trauma.....	39
2.2.4 Fatores de risco.....	41
2.2.5 Fatores de proteção .....	42
2.3 IMPACTOS PSICOLÓGICOS E DESASTRES NATURAIS ...	44
2.3.1 Impactos psicológicos e desastres: um breve panorama .....	44
2.3.2 Notas acerca de aspectos sociais e culturais no Haiti .....	46
<b>3 MÉTODO.....</b>	<b>51</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	51
3.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES .....	51
3.3 INSTRUMENTOS .....	53
3.3.1 Questionário sociodemográfico .....	53
3.3.2 Entrevista semiestruturada .....	54
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES.....	54
3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS .....	55
3.6 ANÁLISE DOS DADOS .....	55
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>57</b>
<b>5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>61</b>
5.1 CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO .....	61
5.2 CATEGORIA 2: EXPOSIÇÃO AO TERREMOTO .....	71
5.3 CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO .....	82
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário sociodemográfico .....</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....</b>	<b>123</b>

**APÊNDICE D – Breve apresentação dos participantes ..... 125**

## 1 INTRODUÇÃO

O mal-estar, a infelicidade e o traumático irrompem na vida do sujeito por diversas vias (Freud, 1930/2010a). Uma delas refere-se às condições exteriores, como as forças da natureza. Em tempos cujo controle sobre aspectos da natureza e a previsibilidade dos fenômenos naturais são maiores – ainda que limitados –, já existem estratégias que podem auxiliar a preparar uma comunidade a atenuar as consequências objetivas de um desastre. Mas será possível dizer o mesmo, no que concerne aos impactos psicológicos da exposição a uma catástrofe natural? Sabe-se que há a possibilidade de desastres ocorrerem, porém algumas consequências são inevitáveis, devido aos próprios limites do previsível.

Para a Defesa Civil brasileira (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007), os desastres naturais são aqueles de origem externa, provocados por fenômenos e desequilíbrio da natureza, que atuam independentemente da ação humana. Podem ser compreendidos como eventos que levam a uma importante ruptura no funcionamento de uma comunidade e/ou sociedade, gerando perdas materiais, econômicas, humanas ou ambientais que ultrapassam a capacidade destes grupos de enfrentá-las com seus próprios recursos (Kaefer, Soares, Brasileiro & Borges, 2011). Esse tipo de evento tem a capacidade de violar o equilíbrio individual e do grupo, ao atingi-los como um todo (Krum & Bandeira, 2008).

Não há catástrofe natural em si, pois a qualidade catastrófica está diretamente relacionada às suas consequências, ao potencial de romper com o funcionamento usual da relação com o ambiente. Portanto, é importante lembrar que o impacto da ação da natureza está fortemente determinado por fatores sociais (Cova & Rincón, 2010; Lopes et al., 2010). A situação deriva em uma série de consequências, as quais podem ampliar os efeitos imediatos e prolonga-los no tempo. A complexidade do evento demanda uma abordagem que vá além da noção de desastre natural como ocorrência pontual e aguda. Logo, prescinde de olhares sociais e particulares sobre a forma como as vítimas lidam com ele.

Devido à severidade e intrusão das catástrofes naturais na dinâmica das pessoas e grupos, é fundamental considerar os desdobramentos psicológicos deste tipo de evento, que pode gerar impactos a saúde mental e sofrimento psíquico diante das perdas vivenciadas (Alves, Lacerda & Legal, 2012; Cohen, 2008; Cova & Rincón, 2010; Loubat, Fernández & Morales, 2010; Martins-Borges,

2013; Sommer et al., 2013). Entretanto a magnitude do ocorrido não é a única responsável por tais consequências: isso dependerá igualmente de como e quais papéis representará na psique de cada sujeito que o vivencia (Bastos, 2008; Kohn, Levav, Donaire, Machuca & Tamashiro, 2005).

As possibilidades de representação do evento catastrófico e potencialmente traumático são atravessadas pela cultura. Esta regula as experiências subjetivas desde a tenra infância, por meio do contato com o outro que ampara e transmite as condições do contexto no qual se constituíra o aparelho psíquico da criança (Betts, 2013). A cultura, portanto, tem uma função protetora na medida em que oferece rituais e discursos que orientam o sujeito ao longo da vida, inclusive nos acontecimentos traumáticos (Sturm, Baubet & Moro, 2010; Rudge, 2009).

Em janeiro de 2010 o Haiti foi atingido por um terremoto com proporções catastróficas. Estima-se que cerca de 300.000 pessoas morreram e aproximadamente 3 milhões sofreram alguma consequência do desastre (Godoy, 2011). A dificuldade do país em responder ao ocorrido, levou muitos haitianos a emigrarem para diversos países, sendo o Brasil um dos destinos. De acordo com Schininà, Hosn, Ataya, Dieuveut e Salem (2010), que publicaram uma experiência de intervenção psicossocial pós-terremoto realizada com o povo haitiano, deslocamentos de pessoas devido a catástrofes naturais exigem destas uma reorganização das fronteiras pessoais, interpessoais, socioeconômicas, culturais e geográficas, o que requer importante capacidade de adaptação.

Ao informar sobre as medidas psicossociais de apoio a população, Schininà et al. (2010) não negligenciaram os aspectos culturais que serviram como forças e limites para as ações. De modo geral, procuraram se apoiar em tais características enquanto recursos de intervenção. Assim, enfatizou-se a importância da ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos – espíritos e ancestrais africanos – para os haitianos no processo de produção de sentido do evento (Pierre et al., 2010). Além disso, consideram as significações culturais atribuídas a conceitos de identidade, bem-estar, trauma e depressão naquele contexto.

Embora haja um número abundante de desastres naturais ocorridos nos países da América do Sul, América Central e Caribe, há carência de estudos sobre as consequências psicológicas deste tipo de evento e alguma negligência com a saúde mental dos afetados (Kohn et al., 2005). A hipótese de tais autores é de que as autoridades precisam se

mobilizar para atender as necessidades imediatas, como aquelas ligadas a perdas materiais, consequências ambientais, destruição de locais de atenção à saúde e riscos de epidemia. Além disso, indica o estigma dos transtornos mentais como possível fator que leva a ignorar os impactos psicológicos.

Muitos estudos sobre as consequências psicológicas dos desastres naturais têm se centrado nos impactos para a saúde mental, geralmente considerados por meio da presença de sintomas e transtornos mentais (Cohen, 2008; Cova & Rincón, 2010; Kohn et al., 2005; Sommer et al., 2013). O Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) é o diagnóstico mais observado em tais investigações (Cova & Rincón, 2010); no entanto também são encontrados quadros de ansiedade e de somatização não específicos. Indica-se que a maior dificuldade é responder as questões concernentes aos efeitos de desastres a médio e longo prazo. Cova e Rincón (2010) chamam a atenção para investigações além dos transtornos mentais e sugerem que se dê a devida consideração àquilo referido pelas pessoas como sofrimento e necessidade, a fim de validar socialmente o que sentem.

Atualmente, Florianópolis e cidades vizinhas têm recebido um número de imigrantes e refugiados que acompanha a tendência nacional de crescimento nesse sentido (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], 2014; Instituto Brasileiro de Geografia [IBGE], 2010). Apesar de não haver precisão quanto ao número de haitianos residentes na região citada, sabe-se da mobilização crescente da sociedade civil<sup>1</sup> com o intuito de acolher imigrantes e pressionar as instâncias públicas a se atentarem ao fenômeno migratório, o que inclui o caso dos haitianos que emigraram após a ocorrência do terremoto. O que se sabe em relação a números é que os haitianos compreendem a principal nacionalidade de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Santa Catarina ocupa a terceira posição no ranking dos estados mais eleitos como residência dessas pessoas (Cavalcanti, Oliveira, Tonhati & Dutra, 2015).

Diante do exposto, nota-se que os desastres naturais contêm na definição o atributo de independência quanto à ação humana, no que diz

---

<sup>1</sup> A presente pesquisa está integrada ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas - NEMPsiC, o qual executa um projeto de extensão universitária que, dentre outras atividades, contribui com um grupo de discussões e ações de mobilização no acolhimento aos imigrantes e refugiados em Florianópolis. Tal grupo é composto por diversos atores da sociedade civil e alguns representantes do poder público.

respeito à origem. Porém, o valor catastrófico só pode ser atribuído em função das consequências do evento para os habitantes de tal ambiente. Devido aos desdobramentos catastróficos do terremoto ocorrido no Haiti, gerador de processos migratórios em grande escala, vê-se diante da seguinte questão de pesquisa: quais os impactos psicológicos da exposição ao terremoto de 2010 para os haitianos imigrantes em uma região no sul do Brasil?

O presente estudo objetivou articular possíveis respostas à pergunta proposta. Diz-se possíveis respostas uma vez que parte de uma compreensão que reconhece a necessidade de estabelecer um recorte e assim, certamente, não contempla uma verdade sobre o fenômeno estudado e nem se aventura a tal intento, o que seria incoerente com o referencial epistemológico e metodológico que o orienta. Assim, a partir da fundamentação teórica em torno de três grandes temas, analisaram-se e discutiram-se as entrevistas realizadas com sete imigrantes haitianos que residem na grande Florianópolis e foram expostos ao terremoto de 2010 em sua terra natal.

O primeiro capítulo apresenta as contradições acerca do conceito de desastres naturais, a fim de situar a compreensão em relação ao tema no presente estudo. Ou seja, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de discussão no que concerne a tal conceito, articula-se uma caracterização deste. A partir dessa delimitação, demonstra dados e a implicação de desastres naturais em processos migratórios. Por conseguinte, oferece um olhar acerca do fluxo migratório dos haitianos após o terremoto de 2010 ocorrido no Haiti, até caracterizar a recepção destes em território brasileiro.

O segundo capítulo delinea considerações acerca de conceitos que atravessam a compreensão de sofrimento psíquico na perspectiva psicanalítica, acrescida de contribuições da Etnopsiquiatria. Assim, traz à tona a questão dos fatores de risco e fatores de proteção, tanto no que diz respeito à saúde mental, quanto na relação de ambos os conceitos em processos migratórios. Trata-se de um capítulo chave em relação ao objetivo geral do presente estudo, o que será demarcado na seção seguinte.

O terceiro capítulo apresenta um panorama a partir de estudos sobre os principais impactos psicológicos dos desastres naturais. Contém também uma subseção acerca de aspectos sociais e culturais do Haiti, advindo de um material de revisão de literatura de grande utilidade para refletir sobre o grupo cultural que caracteriza a população que compõe a amostra do presente estudo.

Na sequência, elucida-se o percurso metodológico do trabalho que levou aos resultados obtidos, discutidos na sequência. Por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1977), se produziu uma tabela de categorias emergidas do encontro com os participantes e orientada pelos objetivos da investigação. Aquilo que inicialmente visava analisar os impactos psicológicos de ter vivenciado um terremoto, gerou uma importante discussão quanto aos fatores pré e pós-migratórios que atravessam tais impactos, transformando a imigração um fenômeno tão central do estudo, quanto o próprio desastre natural.

A aventura do encontro com a diferença atrelada aos desafios da produção de conhecimento foram o motor. O contato inevitável e marcado de indagações frente à chegada e permanência de imigrantes de diversas nacionalidades, o que inclui os haitianos, acrescido da inquietação frente à vida após o traumático, o combustível. O destino da viagem, que não compôs um deslocamento geográfico para a pesquisadora, mas não deixou de conduzi-la a um tipo de movimento é o que se espera apresentar nas páginas a seguir.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar os impactos psicológicos decorrentes da exposição ao terremoto de 2010 em imigrantes haitianos em uma região do sul do Brasil.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a exposição ao terremoto;
- Identificar os sintomas clínicos decorrentes da exposição ao terremoto;
- Identificar os fatores de risco, pré e pós-migratórios, dos haitianos expostos ao terremoto;
- Identificar os fatores de proteção, pré e pós-migratórios, dos haitianos expostos ao terremoto.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 DESASTRES NATURAIS, MIGRAÇÃO E O TERREMOTO DO HAITI

#### 2.1.1 Desastres naturais

Das diversas transformações que ocorrem nos tempos atuais, as constantes mudanças climáticas não representam mero detalhe. A atenção social e científica dada a esses eventos está embasada tanto na questão da finitude dos recursos naturais existentes no planeta, quanto nos possíveis desastres que tais mudanças geram, transformando-as em uma questão humanitária complexa, com importantes desafios (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], 2009).

A definição de desastres, de acordo com a Estratégia Internacional para la Reducción de Desastres (EIRD, 2009) da Organização das Nações Unidas é a seguinte:

Uma interrupção grave no funcionamento de uma comunidade ou sociedade que causa muitas mortes, bem como perdas e impactos materiais, econômicos e ambientais que excedem a capacidade da comunidade ou da sociedade afetada para lidar com a situação mediante o uso de seus próprios recursos (pp.13-14. Tradução nossa).

Também é frequente a compreensão do termo como resultado da combinação entre exposição a uma ameaça, as condições de vulnerabilidade presentes e capacidades ou medidas insuficientes para reduzir ou operar frente às possíveis consequências negativas.

Cabe ressaltar os sentidos das palavras ameaça e vulnerabilidade nesta definição da EIRD, a fim de evitar a confusão com significados oriundos de abordagens psicológicas. Ameaça refere-se a um risco imediato de desastre ou ainda a estimativa de ocorrência, expressa por meio da probabilidade estatística de concretização do evento desastroso e da magnitude deste (Lopes et al., 2010). Vulnerabilidade diz respeito a condições que aumentam as chances de exposição de uma comunidade aos impactos de uma ameaça; podem ser determinadas por fatores ou processos físicos, sociais, econômicos e ambientais (Lopes et al., 2010). Além das mortes, perdas e impactos apontados, os desastres podem

causar lesões, doenças e efeitos negativos no bem-estar físico, mental e social (EIRD, 2009).

A Política Nacional de Defesa Civil – PNDC (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007) afirma que os desastres são resultados de eventos adversos, provocados pelo homem ou de origem natural, que causam danos humanos, materiais, ambientais e consequentes prejuízos sociais e econômicos, ao ocorrerem num ecossistema vulnerável. Considera também a interação entre o evento e a vulnerabilidade do sistema para definir a intensidade do desastre. Trata-se de uma definição convergente com a internacional. Ambas definem os desastres como eventos complexos que dependem da interação de uma série de fatores.

A PNDC (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007) classifica os desastres de acordo com a evolução, intensidade e origem. Os desastres naturais, termo de interesse do presente estudo, se inserem na tipologia proposta quanto à origem, sendo aqueles provocados por fenômenos e desequilíbrios da natureza. Pode-se dizer que um importante ponto nesta definição, por diferenci-lo teoricamente dos desastres humanos – ou antropogênicos –, é o fato de os desastres naturais serem produzidos por fatores externos que atuam independente da ação humana. Há uma enorme lista de desastres naturais, porém, a título de exemplo pode-se citar os seguintes: terremotos, sismos, maremotos, tsunamis, furações, enchentes, secas, incêndios florestais, etc.

Entretanto, a própria PNDC (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007) admite a ampla discussão dessa tipologia clássica na atualidade, sendo mais aceitável considerar a maioria dos desastres, no que concerne a origem, como mistos. Os desastres mistos são aqueles nos quais as ações ou omissões humanas contribuem para intensificar o potencial e mesmo as consequências de desastres naturais. Ou ainda quando um evento natural incide sobre um ambiente degradado pela ação do homem, tornando-se um desastre natural (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007).

É certo que para outras áreas do conhecimento, ou ainda para outras abordagens psicológicas, essa discussão não se encerraria aqui. Porém, devido à origem externa e independente da ação humana, como consta na definição clássica do termo desastres naturais, optou-se por esta nomenclatura, adequada aos fins do presente estudo. Acrescenta-se a tal escolha o fato do termo desastres naturais ser um termo indexador de materiais mais adequado na busca de referências sobre o tema. No entanto, não cabe se furta da relação que esse tipo de evento tem com os efeitos para aquelas pessoas que tem suas vidas atravessadas por ele.

É nesse sentido que se admite uma compreensão ampliada dos desastres naturais.

Não há evento catastrófico em si, pois como as definições apontam, há uma relação direta com a interrupção do funcionamento habitual de um grupo. Assim, a proporção catastrófica de um desastre natural – ou, a partir desta perspectiva, de uma catástrofe natural – só pode ser estabelecida diante dos efeitos sociais gerados. Ao retomar a classificação proposta pela PNDC (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007), em termos de intensidade, fica evidente que nas quatro denominações propostas – acidentes, desastres de médio porte, desastres de grande porte e desastres de muito grande porte – são levadas em conta a proporção de efeitos gerados, no que diz respeito aos prejuízos para o indivíduo e grupo.

Portanto, numa perspectiva ampliada de desastres naturais é fundamental compreendê-los como decorrentes das transformações e crescimento da sociedade, do modo global de desenvolvimento e de fatores socioambientais diretamente relacionados aos modos de vida que contribuem para as vulnerabilidades sociais (Lopes et al., 2010). Em decorrência da ampliação do olhar sobre os desastres naturais, vale estender a discussão no tocante a seus efeitos.

### **2.1.2 Desastres naturais e migração: o caso haitiano**

O risco de deslocamento por desastres naturais praticamente duplicou nas últimas quatro décadas. Com o desenvolvimento tecnológico, medidas de prevenção de riscos e alertas de desastres, um número menor de pessoas morre em decorrência desses eventos, porém há uma tendência de deslocamento entre os sobreviventes. Estima-se que entre 2008 e 2013, a média de deslocados por desastres naturais por ano era de 27 milhões, sendo esse número nunca menor que 15 milhões (Internal Displacement Monitoring Centre [IDMC], 2014).

Apesar de ser menos frequente, a ocorrência de desastres em grande escala é responsável por um número maior de deslocamentos e migrações. Como visto em décadas passadas, a vulnerabilidade e tendências demográficas apontam para uma expectativa de risco de deslocamentos, acrescidos da intensidade e mudanças na frequência de eventos climáticos extremos. Ainda que não se saiba a porcentagem destes deslocamentos humanos que resultarão em mudança de país, o crescente número aponta para as migrações como uma das consequências possíveis de eventos naturais catastróficos em decorrência dos impactos gerados.

Migração é um movimento populacional de travessia de uma fronteira internacional ou nacional. Compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão ou das causas. O termo inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas – interna e externamente –, migrantes econômicos, entre outros (Organização Internacional para as Migrações [OIM], 2009). No caso dos desastres naturais de grande e muito grande porte – ou seja, aqueles em que a comunidade atingida necessita do apoio externo, de comunidades de fora da área afetada, para superar os efeitos do evento (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007) – compreende-se a migração como uma estratégia de sobrevivência (ACNUR, 2009).

De acordo com Pacífico e Pinheiro (2013), sabe-se há muito que sempre houve deslocamento de pessoas motivadas pela busca de melhores condições de vida ou mesmo de sobrevivência, devido a condições difíceis em seus países de origem, como extrema miséria, mudanças climáticas, perseguições, conflitos e guerras. As consequências dessas situações de vida podem ser sentidas como devastadoras, fazendo com o que a terra natal deva ser deixada. São pessoas que junto com a pátria, deixam suas raízes, cultura e família para continuar suas vidas em outro local. Podem ser chamados de migrantes forçados. Ao chegarem, fazem sentir as consequências que os levaram a partir também no país de acolhimento. Um caso emblemático no contexto brasileiro atualmente, e cerne da presente pesquisa, é o do terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010 no Haiti.

O Haiti localiza-se no arquipélago das Grandes Antilhas no mar caribenho. Divide o território geográfico da ilha Hispaniola com a República Dominicana, ocupando a parte ocidental desta ilha. Até 1492 foi habitada pelos nativos Taíno/Arawak, quando então ocorreu o primeiro contato com povos europeus. Foi gradativamente sendo ocupada por espanhóis que escravizaram a população nativa e acabaram por dizima-la devido aos maus-tratos, excesso de trabalho e doenças infecciosas. Após uma tentativa frustrada de “reabitar” a ilha com nativos de Nicarágua para trabalhar na região, tiveram de optar pelo comércio de escravos do Atlântico (Pierre et al., 2010).

Os comerciantes franceses também passaram a habitar a ilha, que na época não era dividida em dois países (Haiti e República Dominicana). Por algum tempo houve disputa pelo território entre europeus, principalmente franceses e espanhóis. No ano de 1697 ocorreu uma divisão e a parte que corresponde ao Haiti ficou sob domínio da França. O Haiti tornou-se independente em 1804, à custa de uma revolução. Foi a primeira colônia negra a se tornar independente no

mundo. Entretanto, sua história foi marcada por muita fragilidade social, econômica e política, devido a regimes ditatoriais, corrupção, desastres naturais, má gestão e opressão, o que contribuiu para o subdesenvolvimento e sofrimento coletivo da população do país (Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Pierre et al., 2010).

Essa breve história do Haiti não foi apresentada por acaso. Ela é fundamental para a compreensão das magnitudes catastróficas do terremoto ocorrido em 2010, bem como da diáspora haitiana que foi intensificada pós-terremoto. O que se destaca aqui, para além do evento natural, são as relações socioeconômicas e sociopolíticas que contribuem para que o terremoto tenha levado os autóctones haitianos a deixarem a terra natal. De acordo com Paula, Valencia e Correia (2013) é essa conjugação de infortúnios que motivou milhares de haitianos a enfrentarem uma jornada migratória repleta de dificuldades até o Brasil.

O terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010 durou 35 segundos e foi registrado com magnitude de 7.3 na escala Richter. Deixou aproximadamente 222.570 mortos, mais de 300.572 feridos e uma estimativa de 3,5 milhões de pessoas afetadas de alguma forma (Godoy, 2011). Aproximadamente 60% da infraestrutura governamental, administrativa e econômica, foi destruída ou extremamente danificada, como o Palácio Nacional e o Parlamento. Mais de 105.000 casas foram completamente destruídas e por volta de 180.000 desabaram ou foram danificadas, levando cerca de 1,3 milhões de pessoas a abrigos temporários. 4.992 escolas em todo o país foram destruídas, 80% delas na capital Porto Príncipe, região diretamente atingida pela catástrofe (Godoy, 2011; Kaefer et al., 2011).

O Haiti localiza-se em uma região de alta instabilidade geológica, portanto este não foi o primeiro terremoto a atingi-lo. Há uma alta propensão a este tipo de ocorrência, que caracteriza a história do país. Porém cada vez que ocorrem agravam ainda mais as condições humanitárias precárias, também existentes de longa data (Kaefer et al., 2011). Atualmente o país encontra-se politicamente desorganizado, com a economia instável e a população padecendo. É nesse contexto que haitianos optam por deixar o país com destino, principalmente, ao Canadá, aos Estados Unidos da América, França, Antilhas Francesas, República Dominicana e ao Brasil (Fernandes, Milesi & Farias, 2012; Kaefer et al., 2011; Patarra & Fernandes, 2011).

### **2.1.3 O acolhimento aos imigrantes haitianos no Brasil**

Em proporção ao número de haitianos afetados pelo terremoto de 2010, a quantidade deles que atualmente estão no Brasil não é representativa. Mas neste caso a questão quantitativa não é o ponto central. A importância de tal fenômeno vai muito além. De acordo com Patarra e Fernandes (2011), desde a 2ª Guerra Mundial não se via, no Brasil, um afluxo de imigrantes oriundos do Hemisfério Norte tão expressivo em situação migratória irregular. Tal cenário afeta diversas esferas do Brasil, principalmente políticas.

Esse recente afluxo iniciou vagarosamente logo após o terremoto e foi intensificado entre final de 2011 e início de 2012 (Moraes et al., 2013). Não há um número preciso de haitianos no Brasil atualmente, as estimativas variam entre 60 e 70 mil. Dados do Conselho Nacional de Imigração (CNIg, 2015), indicam a concessão de cerca de 50 mil vistos de permanência em caráter humanitário para haitianos em território brasileiro. Chegam ao Brasil principalmente pelas fronteiras nos estados do Acre e Amazonas, mas também há registro de rotas em Roraima, Mato Grosso e Amapá (Moraes et al., 2013).

Mas qual a situação jurídica desses haitianos que chegam e o que são os vistos permanentes de caráter humanitário? A OIM (2009) traz em seu glossário o termo “refugiado ambiental” que se aplica a pessoas ou grupos de pessoas que se sintam obrigadas a deixar suas residências habituais, ou decidam fazê-lo, por período temporário ou permanente, se deslocando dentro do próprio país ou ultrapassando fronteiras internacionais, devido a alterações ambientais repentinas ou progressivas que afetam negativamente suas condições de vida. No entanto, o ACNUR não reconhece o refúgio ambiental, o que demanda dos países outras medidas de acolhimento.

A discussão em torno dos deslocamentos ambientais e do termo refúgio ambiental é complexa. Parece caminhar no sentido de reconhecer que a ocorrência de um desastre vai além do acontecimento isolado. Uma série de dimensões, que podem decorrer ou serem relacionados à catástrofe natural, estão em questão – políticas, econômicas, sociais, culturais, religiosas, etc. Assim, ainda que o fator ambiental seja preponderante, fica difícil identificar o desastre natural como fio condutor da migração e consequentemente garantir a proteção sob o estatuto do refúgio (Pacífico & Gaudêncio, 2014; Véron & Gonzalez, 2015).

O fato de os haitianos não serem reconhecidos como refugiados, implica na não inclusão a priori em um contexto de proteção internacional. O ACNUR (2009) admite que fatores ambientais contribuam para movimentos migratórios, porém compreende, baseado na Convenção de Genebra de 1951 e nas alterações introduzidas pelo Protocolo de 1967<sup>2</sup>, que os desastres naturais em si mesmos não são suficientes para a concessão da condição de refugiado, ainda que estes grupos necessitem de assistência humanitária. Isso se justifica por uma compreensão de que após a reorganização espacial às pessoas poderão retornar a seus locais de origem onde não haverá perseguições e ameaças.

Assim, muitos haitianos que chegavam ao Brasil tentaram primeiramente a via do refúgio, porém tiveram suas solicitações negadas. Vale ressaltar que além da Convenção de Genebra, a Lei Brasileira do Refúgio (Lei n. 9.474, 1997) em seu inciso III reconhece que quando a pessoa se vê obrigada a deixar seu país de nacionalidade devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, ela pode buscar refúgio em outro país (Rodrigues, 2013). Porém, mesmo com as interpretações que tal inciso pode gerar sobre o caso haitiano, o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, órgão nacional responsável pelo reconhecimento da condição de refugiado no Brasil, não deferiu as solicitações no caso dos haitianos, principalmente por não haver um “temor de perseguição” (Godoy, 2011).

Quando uma solicitação de refúgio é negada, mas permanecem preocupações humanitárias, a legislação permite que o CONARE encaminhe o caso para avaliação do CNIg. Por meio da Resolução Recomendada nº 08/06<sup>3</sup>, o CNIg pode conceder um visto de permanência no território nacional, por razões humanitárias (Godoy, 2011; Patarra & Fernandes, 2011). Entende-se por razão humanitária, de acordo com a Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, as

---

<sup>2</sup> Refugiada é toda pessoa que *“receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país”* (Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, art.º 1.º - A, n.º 2, de 1951, com as alterações introduzidas pelo Protocolo de 1967 apud OIM, 2009).

<sup>3</sup> Art. 1º Recomendar ao Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, Órgão vinculado ao Ministério da Justiça, o encaminhamento ao Conselho Nacional de Imigração – CNIg, dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do CONARE, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias.

que decorrem do agravamento das condições de vida da população haitiana em função do terremoto ocorrido em janeiro de 2010.

O visto de permanência por razões humanitárias apresenta-se como uma importante ferramenta de proteção complementar, diante da não proteção pelo status de refugiado (Godoy, 2011). No entanto, os primeiros vistos dessa natureza só foram concedidos aos imigrantes haitianos mais de um ano após a chegada dos primeiros grupos (Patarra & Fernandes, 2011). Tal visto garante a esses imigrantes, na teoria, praticamente os mesmos direitos que os brasileiros possuem no que concerne ao acesso a saúde, educação e trabalho (Pacífico & Pinheiro, 2013). Mas o que se observa é que a sociedade civil tem ocupado um papel de destaque no acolhimento e mobilização de variados setores do Brasil, ao sinalizar as brechas nas medidas de assistência social e acesso às políticas públicas pelos imigrantes haitianos (Patarra & Fernandes, 2011; Rodrigues, 2013).

Como pano de fundo da imigração dessa população para o Brasil, observa-se uma importante crise humanitária no Haiti, que não pôde ser bem equacionada pelo próprio país e é lembrada por cada um que emigra (Paula et al., 2013). Nela há perdas de dinamismo na economia nacional, instabilidade política e oportunidades de trabalho escassas. Somam-se a isso todas as perdas decorrentes do terremoto e as dificuldades enfrentadas no trajeto e permanência no Brasil: idioma, emprego, habitação, formação, regularização migratória, saúde, discriminação e segurança social (Fernandes, 2014).

Sendo assim, cabe compreender o terremoto não como um desastre que afetou apenas o território físico no qual ocorreu. Junto a sua destruição, houve também a desestruturação das pessoas que a esse território se referem no tocante a identidade (Paula et al., 2013). O contexto de acolhida no Brasil, que ora se mostra atento a garantia de direitos humanos e proteção internacional, ora demonstra a inabilidade para garantir uma recepção e estadia digna a essa população, é contraditória e certamente afeta a integração dos haitianos no país e suas possibilidades de representação da catástrofe natural ocorrida.

## 2.2 SOFRIMENTO PSÍQUICO E CULTURA

O bebê nasce em um mundo que desconhece, o do não saber. Sua condição prematura requer a presença de um outro que atenda as suas necessidades básicas e assim acalme suas tensões (Betts, 2013). Esse outro que atende também é aquele que olha e por meio desse olhar projeta no pequeno ser seu ideal (Freud, 1914/2010b), que há muito teve

de ser abandonado em função das exigências da realidade. O outro que possibilita constituir um berço cultural, significando aos poucos o mundo e o lugar do recém-chegado nele.

O narcisismo que sustenta esse ideal, indicado por Freud (1914/2010b) e retomado por Laplanche (1998), não se situa nem no interior na criança, nem dos pais – aos quais podemos chamar também de cuidadores –, assim, afirma-se o seguinte:

Tanto se pode dizer: o narcisismo dos pais é uma revivescência de seu próprio narcisismo infantil, como: o narcisismo infantil nada mais é do que uma identificação por parte da criança e uma projeção por parte dos pais de seu próprio ideal narcísico decaído (Laplanche, 1998, p. 290).

Esse “decaimento” é um destino certo, uma vez que o narcisismo sofrerá brechas, marcadas principalmente pelo complexo de castração, que em termos gerais, refere-se à imposição de um limite a onipotência que caracteriza o narcisismo primário (Laplanche, 1998). Porém a ilusão de “tudo poder” é necessária, constituinte, bem como a frustração desse ideal, que possibilitará ao sujeito não sofrer tanto – ou ao menos realizar operações psíquicas para lidar com o sofrimento – diante das impossibilidades da vida.

É em meio a essa total dependência do outro, que quando satisfaz a necessidade do bebê constrói uma noção de proteção contra os perigos, que ele também vai conhecer o desamparo primordial (Betts, 2013). Desamparo justamente pelo caráter alucinatório que a onipotência carrega e que a relação com o mundo vai indicar tal ilusão por meio da linguagem. O desamparo é experiência primordial da condição humana (Betts, 2013; Freud, 1926/2014). No entanto é preciso fazer algo com isso, ao contrário a vida seria tarefa tão árdua que ninguém a sustentaria.

Essa falta que o desamparo marca só pode ser instaurada se alguma “regularidade” for oferecida, como uma mãe que vai, mas que afirma ao seu filho que voltará e possibilita, assim, que sua ausência seja representada, na medida em que começará a fazer parte da rede de significações do filho. É nesse tempo de espera que a falta se introduz e o sujeito pode então desejar, inclusive que a mãe volte (Freud, 1920/2010c). Mas essa dinâmica que é feita de satisfações e frustrações é regulada por um contexto.

Nesse sentido, a cultura é um conjunto dinâmico de representações, a qual possibilita a conexão entre o mundo individual e o coletivo. Dispõe para o sujeito uma “grade de leitura do mundo”, na medida em que ele se apropria do sistema de pensamentos que compõe essas representações, constantemente. Desse modo, o sujeito pode dar sentido às experiências subjetivas, decodificar as experiências vividas (Moro, 2015). Trata-se do conjunto de representações que oferece alguma previsibilidade e a “regularidade” necessárias para que o sujeito se movimente.

A cultura disponibiliza simultaneamente modos de significação, que atravessam esse contexto e delimitam como características subjetivas e culturais serão transmitidas. Mas assim como o psiquismo, a cultura é composta de partes explícitas (conscientes) e daquelas implícitas (inconscientes), marcadas pelo o que pode ou não ser dito, expressado e aceito (Fraser, Rousseau & Hassan, 2013; Laplantine, 1998). Numa analogia com a proteção advinda da relação com os cuidadores, também a cultura, ao mesmo tempo em que protege, limita.

Portanto, o par amor e ódio, que engendra a relação com os cuidadores, também está presente na relação com a cultura. Ama-se a cultura, pois é a ela que se atribui o que se é; por outro lado é também ela quem determina diversas restrições e limitações para que o pertencimento seja possível (Betts, 2013). Dentre as diversas funções da cultura, uma é promover o envelope cultural que disponibiliza a seus membros modos de se defender da solidão e a da angústia (Martins-Borges & Pocreau, 2009a).

Se tudo correr bem, o sujeito vai conhecer o amor, a sensação de onipotência, mas nesse caminho também vai se deparar com restrições, com a impossibilidade de satisfação imediata e completa. Mediado pelos outros, sempre atravessados pelo contexto cultural, poderá construir modos de lidar com as adversidades, buscando inserilas nas representações que constituirão ao longo da vida, por meio da linguagem (Betts, 2013).

Como nesse percurso o imprevisível é sempre possível e provável, existem eventos que podem ultrapassar os limites de representação do aparelho psíquico. O sofrimento psíquico irrompe quando as defesas comuns que protegem o sujeito dos perigos externos e internos falham. Porém, para falar de sofrimento é fundamental abordar outros conceitos que auxiliam a compreendê-lo em sua complexidade.

### 2.2.1 Sintoma

Na teoria psicanalítica existem muitos conceitos fundamentais, no entanto, no presente estudo – e em qualquer outro lugar – não caberá esgotá-los. Entretanto uma breve definição de pulsão se faz necessária. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001) a pulsão é um

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional. (p. 394).

Ainda que ela atinja sua meta, nunca se satisfaz completamente. Quando há uma proibição, se instaura também um conflito entre a pulsão que quer se satisfazer (Id) e a impossibilidade demonstrada pela proibição (Superego). Silva (2012) afirma não ser possível prever ou extinguir um conflito pulsional, tampouco evitar que ele emerja, pois ele é inerente à condição humana e só está presente de forma virtual. O fundamental é compreender a pulsão como uma força que coloca o sujeito em movimento na busca de satisfação.

aquele que visa acabar com o estado de tensão e obter algum prazer.

A plasticidade do aparelho psíquico e a força da pulsão criam. Na impossibilidade de satisfação, a saída é uma via substitutiva: o sintoma. Trata-se de algo “disfarçado”, que não confronta diretamente a proibição imposta. Não deixa de ser uma norma, ainda que seja uma norma de funcionamento diferenciada, sendo o melhor que o sujeito consegue num dado momento (Silva, 2012). Portanto, na perspectiva psicanalítica, a produção de um sintoma não é patológica, mas uma formação de compromisso, o que não significa que não gera sofrimento.

Na medida em que todo sintoma gera inibição, com o tempo pode ocasionar certos impedimentos. Assim, aos poucos, o sujeito pode rejeitar demandas do mundo externo a fim de preservar a satisfação pulsional possível com o sintoma, que já está “encrustado” nele (Freud, 1926/2014). Ao renovar constantemente sua necessidade de satisfação, faz com que a instância egóica emita um sinal de desprazer e se disponha para nova defesa. Mas isso tem um custo, que pode ficar alto

demais em determinados contextos e momentos da vida, produzindo sofrimento psíquico.

Diferente do sintoma dos manuais de transtornos mentais, o sintoma para a Psicanálise não é um sinal normatizado, descritivo e indicador de doença. É um arranjo que indica trabalho psíquico e busca de satisfação. Sua produção é única, ainda que num dado contexto, sintomas semelhantes irrompam. A escuta do sintoma não deve se limitar ao mapeamento de um diagnóstico, mas promover uma via de acesso ao sofrimento. A Etonopsiquiatria, disciplina fundada por Georges Devereux que agrega Psicanálise e Antropologia, possibilita refletir sobre a relação entre subjetividade e cultura, inclusive sobre as codificações culturais dos sintomas apresentados, ampliando ainda mais a discussão entre normal e patológico (Laplantine, 2008).

Dentre outras questões, as pesquisas da Etonopsiquiatria em países de língua francesa, como a França e o Canadá (Québec), focam nas populações imigrantes (Laplantine, 1998). Ao propor a um método complementarista, conta com a Psicanálise no que concerne a estrutura, economia e dinâmica psíquica para analisar e compreender a experiência subjetiva dos acontecimentos. Já da Antropologia, busca o conhecimento acerca dos contextos socioculturais onde àqueles mesmos acontecimentos ocorreram. O “onde” citado anteriormente não se refere exclusivamente a uma demarcação espacial, mas acima de tudo cultural (Martins-Borges & Pocreau, 2009b; Moro & Lachal, 2008).

Assim, parte-se do princípio de que a cultura não se refere apenas às “tradições” e histórias passadas, como algo exterior ao sujeito. Ela mesma orienta a interação entre diferentes universos simbólicos, estes situados em contextos sociais, históricos, políticos e econômicos concretos (Sturm et al., 2010). Essas considerações são importantes para situar o sintoma enquanto uma produção subjetiva engendrada na cultura e marcar o quanto pode ser difícil compreender e “traduzir” essas codificações no contato entre diferentes culturas.

### **2.2.2 Angústia**

O tema da angústia está diretamente ligado ao que foi apresentado até o momento e com o que se abordará na sequência. De maneira geral, Freud elaborou duas teorias da angústia: a primeira tratava de termos mais econômicos, ou seja, daquilo que se refere à circulação e organização da energia pulsional no aparelho psíquico; a segunda, já na segunda tópica freudiana, é uma teoria mais funcional (Freud, 1926/2014). Ambas não se excluem, e sim se complementam.

Laplanche e Pontalis (2001), em seu vocabulário de Psicanálise, parecem tratar a diferença das teorias com a apresentação de dois verbetes: o da angústia automática e o do sinal de angústia. De acordo com os autores, nos dois casos deve-se considerar a angústia como um produto do desamparo psíquico. A diferença principal é que enquanto o primeiro indica um tipo de reação, o segundo aparece como uma espécie de solicitação de defesa.

A angústia automática é uma reação frente ao perigo, quando o sujeito se encontra diante de um afluxo de excitações intensas em demasia e que não consegue controlar, sejam elas de origem externa ou interna (Laplanche & Pontalis, 2001). Nos manuais de psicopatologia, a definição de angústia se aproxima do conceito de ansiedade que, de acordo com Barlow e Durand (2011, p. 132) “é um estado de humor negativo, caracterizado por sintomas corporais de tensão física e apreensão em relação ao futuro”. A definição de ansiedade enfatiza mais o visível, aquilo que aparece no corpo. Cabe ressaltar que para a Psicanálise a angústia é mais que um estado de humor, trata-se de um afeto.

O sinal de angústia por sua vez, foi uma expressão introduzida por Freud no período de reformulação da teoria da angústia. Trata-se de um dispositivo do Ego desencadeado por um perigo, a fim de evitar que sucumba ao afluxo de excitações intensas, na medida em que faz reproduzir de forma atenuada a angústia automática, experiência de outrora (Laplanche & Pontalis, 2001). Permite assim o desencadeamento de operações defensivas: eis seu caráter funcional.

Se o desamparo produz sofrimento e a angústia também é produto do primeiro, é possível aproximar a noção de angústia como mais uma manifestação de sofrimento psíquico. Seja o perigo externo – como um terremoto – ou interno – um sentimento intenso de raiva –, a angústia sempre dependerá da dinâmica pulsional do sujeito (Melo Carvalho, 2012).

### **2.2.3 Trauma**

Devido ao lugar primordial do desamparo na existência humana, o caráter traumático da constituição psíquica é uma premissa universal (Laplanche, 1986 apud Melo Carvalho, 2012). No entanto, o trauma que se intenta abordar aqui é um pouco mais específico. Trata-se de um

Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Em termos econômicos, o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações. (Laplanche & Pontalis, p. 522).

Ao relembrar a noção de desastre natural, essa definição de trauma parece um equivalente interno das catástrofes. Surge como uma ruptura na teia de representações as quais sustentava o sujeito, aquelas mesmas que ofereciam a ele a noção ilusória – ainda que extremamente necessária – de segurança e tornavam a vida possível, mesmo diante de tantas limitações (Melo Carvalho, 2012).

A relação com a catástrofe natural não é um acaso, afinal, por submeter o sujeito a condições extremas e a exigências raras – como a vivência de tantas perdas de uma só vez –, o forçam a renúncia de qualquer privilégio narcísico (Melo Carvalho, 2012). Eis o seu caráter devastador no Ego. As situações de guerra são comumente tomadas como traumáticas, pelos mesmos motivos citados.

É relevante pontuar que a intensidade da situação traumática, em termos de poder desorganizador das fronteiras do Ego, deve ser considerada como importante fator ao se pensar a dificuldade do psiquismo em trabalhar tal evento – a elaboração psíquica (Melo Carvalho, 2012). As repercussões da situação traumática evidentemente variam conforme o destino dado à experiência (Rudge, 2009).

Destino remete ao lugar no futuro, algo que tende a ser destruído em alguns casos pós-traumáticos (Bastos, 2008). Portanto a noção de temporalidade aqui é fundamental. O evento traumático tende a deixar uma lacuna, pelo fato de não ter sido representado, o que marca no sujeito uma vida na qual o antes e o depois do trauma parecem não se encontrar, há um corte na continuidade. Mas é na noção de temporalidade a posteriori que reside uma esperança, algo diferente na noção linear do passado sobre o presente.

“A cada momento, o presente se associa ao passado e transforma sua significação” (Rudge, 2009, p. 21). Assim, não cabe mais uma determinação do presente e futuro pelo passado, mas considera-se que todas as ideias e interesses do presente influenciam a reconstrução da

história. A resposta possível à devastação do traumático, a falta de sentido deste, se dá na tentativa de construir narrativas que o tornem menos gratuito. É nesse ponto que se (re)começa a tecer uma teia de significados, de representações (Melo Carvalho, 2012; Rudge, 2009).

O papel da cultura na construção dessa outra narrativa é imprescindível, ao oferecer rituais e discursos que têm função protetora (Sturm et al., 2010). É preciso que haja um trabalho de tradução que promova o reforço da rede simbólica do sujeito. A permanência ao longo das peripécias da vida requer que se opere com os restos daquilo que foi ouvido e vivido, deixando em território estrangeiro, porém interno, aquilo que não pode ser traduzido (Melo Carvalho, 2012; Rudge, 2009).

Quando há uma fixação no evento traumático, Freud fala em uma neurose traumática. Nela o evento é revivido numa série de manifestações, como sonhos que reeditam o momento, flashbacks, o sentimento depressivo, o desânimo e a tristeza. Há um conjunto de repetições literais dos fatos, impedindo que eles virem lembrança e ocupem seu devido lugar no passado (Rudge, 2009). Atualmente o diagnóstico psiquiátrico que abarca esses sintomas, entre outros, é o de Transtorno de Estresse Pós-traumático – TEPT (Associação Psiquiátrica Americana, 2003), muito comum ao se abordar o tema em psicopatologia.

#### **2.2.4 Fatores de risco**

No âmbito das imprevisibilidades da vida, a palavra risco não é estranha. Para Schenker e Minayo (2005), a incerteza é um componente essencial da existência e também do conceito de risco, uma vez que “viver é correr risco” (p.708). O termo fatores de risco designa condições ou variáveis referentes à possibilidade de resultados negativos para o bem-estar, a saúde e o desempenho social (Newcomb et al., 1986; Jessor, 1991; Jessor et al., 1995 apud Schenker & Minayo, 2005).

A cultura, enquanto umas das constituintes da identidade do sujeito e fonte de organização ao definir o que é ou não permitido, promove uma noção de pertencimento, e para tanto nomeia “o estrangeiro”, afirma a alteridade. Logo, no contato entre diferentes culturas, a ausência das representações daquela de origem pode gerar vulnerabilidade, como se o sujeito ficasse completamente sem recursos para se afirmar diante da diferença (Betts, 2013).

A migração forçada – ou involuntária – constitui um importante fator de risco para a saúde mental (Martins-Borges, 2013). Os

imigrantes forçados muitas vezes deixam seus países de origem sem qualquer planejamento. Além disso, as situações traumáticas as quais foram expostos produzem um importante rompimento no senso de continuidade, o que com a perda do quadro cultural de referência agrava o risco de impactos negativos a saúde mental (Ainslie, Tummala-Narra, Harlem, Barbanel & Ruth, 2013; Martins-Borges, 2013).

O contexto agrava-se pela falta de domínio do idioma no país de acolhimento, a ausência da família e pessoas significativas, a dificuldade de comprovar suas qualificações educacionais e profissionais e a diferença entre as lógicas de funcionamento cotidiano no país de origem e o de acolhimento. Tais pontos rompem com a noção de pertencimento, que era possível na terra natal, por meio das representações simbólicas compartilhadas. (Martins-Borges, 2013).

Lussi e Marinuci (2007) acrescentam à vulnerabilidade a baixa probabilidade de retorno à terra natal; a exposição à violência em travessias ilegais até o país de destino; as condições precárias de trabalho que aceitam por terem dependentes econômicos no país de origem; o limitado acesso a serviços públicos básicos; e a indiferença do Estado e da sociedade civil do país de origem, que de acordo como os autores, influencia a forma como o país de acolhimento recebe tais cidadãos.

Eis o cenário que, por conseguinte, demanda rearranjos de várias naturezas, inclusive na identidade que possibilitem que o sujeito se reinvente, sem abrir mão do que é. Tais alterações tornam os mecanismos de defesa menos eficazes (Martins-Borges, 2013). Assim, compreende-se que após todo o potencial traumático da exposição ao terremoto, geradora de prejuízos ao sujeito pelas perdas e instabilidades sociais instauradas, diversos fatores do processo migratório são caracterizados como risco e, portanto, contribuem para o sofrimento.

### **2.2.5 Fatores de proteção**

Mais do que antônimo de fatores de risco, pensar em fatores de proteção remete ao termo proteger, “noção que faz parte do contexto das relações primárias e do universo semântico das políticas sociais” (Schenker & Minayo, 2005, p. 711). De acordo com as autoras, atualmente o estudo sobre fatores de proteção tem se centrado na resiliência, afastando-se gradualmente das abordagens centradas nos fatores de risco. Tal tendência indica que “estar bem” não significa que a vulnerabilidade é inexistente, mas tem muito mais a ver com os

recursos que se tem e se cria a fim de integrar as adversidades à história, sem sucumbir (Cyrulnik, 2001; Schenker & Minayo, 2005).

Bastos (2008), ao abordar a questão da temporalidade nas psicopatologias decorrentes de situações traumáticas, indica o quanto comunidades tradicionais tendem a superar situações catastróficas sem tanto sofrimento, se comparadas às sociedades mais individualistas. Indica a crença na “vontade de Deus” e no “inexorável destino” como responsáveis por muito do que lhes acomete, o que reduz a responsabilidade diante do evento e pode ajudar a evitar a culpa.

A religião é indicada como fator de proteção, inclusive no Haiti, país de origem dos participantes que interessam ao presente estudo. Ela oferece um senso de consolação, pertencimento, estrutura e disciplina, que auxiliam na organização psíquica frente a adversidades. O alívio e esperança que pode se oferecer em momentos de desespero é considerado importante fator de proteção (Pierre et al., 2010).

A família, com suas lógicas de funcionamento e atribuição de funções, seio de boa parte das representações do sujeito é apontando como fundamental (Pierre et al., 2010; Schenker & Minayo, 2005). Em uma resposta psicossocial oferecida ao Haiti (Schininà et al., 2010), notou-se que a reestruturação do espaço partilhado entre as famílias foi essencial para a resiliência de muitos sobreviventes. É do lugar onde se conheceu a segurança que é possível buscar formas de se proteger. Por ser também o espaço primordial de transmissão cultural, a família está entre os principais fatores de proteção.

A cultura tem várias funções e serve de “envelope” ao sujeito, como já citado, devido ao papel que cumpre na estruturação das representações. Ela delimita e cria ligações entre o mundo interno (psíquico) e externo (social/cultural); disponibiliza modalidades de defesa, resolução dos conflitos e como se comportar frente às situações de intenso estresse e traumáticas com seus ritos e rituais (Martins-Borges & Pocreau, 2009a). É, ainda, estrutural na formação da identidade, bem como em suas transformações exigidas por mudanças, como no caso das migrações. Oferece meios de manejar a violência do imprevisível, do “não sentido” (Moro, 2015).

Os fatores de proteção serão diferentes para cada um, dadas suas histórias únicas e que fornecerão diversos recursos internos. No entanto, os recursos dispostos a seu redor não são menos importantes. Independente de quais, o importante é que a compreensão de fatores protetivos atravesse a noção de ligação, de vínculos e reunião de forças (Cyrulnik, 2001).

## 2.3 IMPACTOS PSICOLÓGICOS E DESASTRES NATURAIS

### 2.3.1 Impactos psicológicos e desastres: um breve panorama

Os desastres naturais, tanto em sua definição estrita, quanto na ampliada, causam diversos prejuízos. Os impactos psicológicos podem ser um deles, dada à severidade e intrusão dessas catástrofes na vida das pessoas, a série de perdas geradas e as mudanças indesejadas que provocam (Alves et al., 2012; Cohen, 2008; Cova & Rincón, 2010; Loubat et al., 2010; Sommer et al., 2013). Além da intensidade do evento em si, a forma como cada um poderá representá-lo deve ser levada em consideração (Bastos, 2008; Kohn et al. 2005). Apesar da importância do um-a-um quando o tema é a psique, produções sobre o assunto indicam consequências comuns à exposição a catástrofes naturais.

Cova e Rincón (2010) realizaram um levantamento bibliográfico de investigações sobre consequências psicológicas de desastres naturais, a fim de possibilitar reflexões sobre um terremoto e um tsunami que ocorreram no Chile, em fevereiro de 2010, cerca de um mês após o terremoto do Haiti. Trata-se de uma revisão de grande valia, pois além de oferecer um panorama geral dos estudos sobre o tema, critica pontos relevantes no que diz respeito ao estudo de impactos psicológicos frente a um evento natural catastrófico.

De forma geral, observa-se que o estudo da temática tem se centrado na relação entre exposição aos desastres naturais e o desenvolvimento do TEPT, sejam pesquisas que busquem estabelecer o diagnóstico ou as que se ocupam de intervenções para a prevenção e tratamento deste (Cohen, 2008; Cova & Rincón, 2010; Kohn et al. 2005; Loubat et al., 2010; Sá, Werlang & Paranhos, 2008; Sommer et al., 2013). As características do traumático são um indicativo de tamanho interesse pelo diagnóstico, afinal, a gravidade de um desastre natural tem potencial para produzir um marco importante, que delimita uma ruptura simbólica no sujeito, produzindo “um antes” e “um depois” do trauma.

É relevante problematizar o rigor dos estudos, quando afirmam trabalhar com o TEPT, pois pode haver confusão entre uma sintomatologia traumática e um transtorno que atenda aos critérios diagnósticos do DSM-5. Essa pontuação não invalida os efeitos traumáticos de um desastre natural, principalmente no primeiro ano após sua ocorrência, bem como a médio e longo prazo, nos quais alguns sintomas tendem a se cronificar (Cova & Rincón, 2010; Kohn et al.,

2005). A pertinência desse diagnóstico também é discutível em contextos culturais que diferem da visão psicopatológica ocidental dominante (Summerfield, 2001). A necessidade de atenção para responder as questões concernentes a impactos psicológicos de eventos catastróficos enfatiza que se deve ter cautela na interpretação de resultados.

Ansiedade e somatizações em geral também estão entre os principais efeitos da vivência de eventos traumáticos (Cova & Rincón, 2010). A hipervigilância e o medo se inserem nesse contexto de ansiedade e também surgem na fala dos sobreviventes (Raphaël, 2010; Sá et al., 2008). Ao considerar que quadros ansiosos geralmente antecipam aqueles deprimidos, não há como descartar a presença de manifestações depressivas (Montazeri et al., 2005), que caracterizam uma reação importante diante de tantas perdas. Gomes e Cavalcante (2012) notaram que apesar de o discurso de algumas pessoas citarem explicitamente as perdas materiais, aquelas referentes a rupturas na identidade tomam forma em uma escuta sensível.

Algumas características aumentam a chance de impactos negativos. A principal é a perda de familiares em função do desastre (Kohn et al., 2005, Montazeri et al., 2005). No estudo de Montazeri et al. (2005) esse foi o resultado mais notável e apontou que quanto maior o número de mortes entre os familiares, maior o sofrimento psíquico. Indicou também maior nível de sofrimento quanto mais elevada a idade, nas mulheres, em pessoas divorciadas ou viúvas, naquelas com menor nível de escolaridade e as desempregadas. Tal relação é corroborada pelo estudo de Kohn et al. (2005), acrescida dos danos ocorridos na residência (Cova & Rincón, 2010) e do fato de ter visto alguém ferido.

No que se refere especificamente a terremotos, Santander (2011) traz a tona uma reflexão interessante. Ao atribuir a terra a noção de firmeza e segurança, afirma que o tremor desta relembra a incerteza de tudo aquilo que se esperava estável, escancara a vulnerabilidade. É a falha do continente que sustentava, que “(co)mover”, abriu espaço para forte angústia e sensação de destrutividade. Relata os sonhos ouvidos, os quais lembravam o terremoto e se associavam a outros traumas da história das pessoas. Compreende as narrativas como tentativa de produção de sentido daquela experiência.

Sobre a experiência do Haiti, a intervenção psicossocial realizada pela OIM (Schininà et al., 2010) foi muito além de preocupações clínicas e restritas a nosologias. Atentou-se à saúde mental e o registro foi muito mais daquilo que caracterizava a população haitiana e que minimizava os impactos negativos. Algumas

manifestações de estresse são esperadas imediatamente após o evento (Sá et al., 2008; Schininà et al., 2010). No entanto, a busca pelos fatores que podem ajudar é fundamental, como a revitalização do sistema lakou (será detalhado na próxima seção) enquanto um fator de resiliência.

Para se aproximar de compreensões sobre os impactos psicológicos de um desastre natural é necessário não dissociar a experiência vivida do contexto na qual os sujeitos se encontravam e o lugar que passaram a habitar após o evento (Cova & Rincón, 2010). Lugar geográfico, mas também lugar simbólico. Os efeitos podem não ser imediatos e uma forma de validação social do sofrimento, antes de classificar, é investigar a qualidade de vida, relações sociais e familiares, pertença comunitária, crenças e valores que podem ser impactados com tal evento.

### **2.3.2 Notas acerca de aspectos sociais e culturais no Haiti**

Como já foi apontado, o sofrimento faz parte da condição humana, é universal. Mas o fato de sua estruturação e expressão serem fundamentalmente culturais (Martins-Borges & Pocreau, 2009b; Moro & Lachal, 2008) remete a necessidade do conhecimento de alguns aspectos que caracterizam a cultura haitiana, a fim de aproximar o diálogo, apurar a escuta de seu sofrimento e de suas forças de enfrentamento. Diante das funções da cultura na constituição psicológica, é primordial a noção das especificidades culturais concernentes à organização social, à noção de homem, saúde e adoecimento mental de uma população. No caso da presente pesquisa, na qual a população estudada foi composta por imigrantes vindos do Haiti e de origem haitiana, a aproximação com alguns conceitos referentes à sociedade e cultura haitiana são relevantes para que se aproxime dos impactos psicológicos do terremoto.

Pierre et al. (2010), motivados pela ocorrência do terremoto de 2010, realizaram uma revisão de literatura sobre a cultura, a saúde mental e os serviços de saúde mental no Haiti, dado o desafio de reconstrução diante de tamanha perda e trauma. O estudo foi dividido em três blocos: um sobre os fatores históricos, econômicos, sociológicos e antropológicos para uma compreensão geral do Haiti e sua população; outro com foco na saúde mental e serviços de saúde mental no país; e por último uma revisão sobre epidemiologia dos transtornos mentais, crenças comuns a respeito destas, modelos de explicação para o adoecimento, expressão do sofrimento, comportamentos de ajuda,

configuração dos serviços de saúde mental e as relações entre saúde mental e religião.

O Crioulo Haitiano (Kreyòl) e o Francês são as línguas oficiais do país, no entanto calcula-se que das cerca de 10 milhões de pessoas que o habitam, apenas 20% escrevem, falam e compreendem o francês (Pierre et al., 2010). Apesar de ambos serem idiomas oficiais, a língua francesa está relacionada à comunicação formal (jornais, decretos, indicações de prédios oficiais, etc.) e predomina nos processos de ensino. Geralmente são pessoas da elite e classe média do Haiti, residentes da zona urbana que o dominam. Em 2003, quase 60% da população residia na zona rural (Caribbean Country Management Unit, 2006). Portanto muitos consideram o Crioulo como primeira língua.

Em termos econômicos, como já referido anteriormente, a situação é precária. Praticamente metade da população vive em extrema pobreza. Em 2015, o Haiti ocupava a 163ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, o que é considerado baixo, numa lista de 188 países (United Nations Development Programme [UNDP], 2015). Cabe ressaltar que tal índice avalia o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida da população. A emigração aparece como um dos fatores de melhora na economia, seja o deslocamento interno ou a ida para outros países (Pierre et al., 2010). Em torno de 30% da população têm parentes vivendo fora das fronteiras nacionais, o que rende cerca de 800 milhões de dólares por ano aos que permanecem no Haiti (Caribbean Country Management Unit, 2006).

A família tem grande importância para o povo haitiano. Isso faz sentido numa cultura na qual a identidade tem muito a mais ver com um “pertencer a” do que com um só ser (Schininà et al., 2010). Nas zonas rurais e subúrbios as famílias são organizadas em torno do lakou, que é uma espécie de pátio compartilhado pelos membros da família, no qual dividem tarefas de trabalho e cuidado (Pierre et al. 2010). As mães são o pilar da família, responsáveis pela vida espiritual e emocional. Ainda que os pais sejam considerados os provedores financeiros, toda a parte de cuidado familiar fica a mercê das mães (Bijoux, 1990 apud Pierre et al., 2010).

As crianças são educadas com uma disciplina rigorosa e é comum que nas classes econômicas menos abastadas a criação dos filhos seja compartilhada entre os familiares, principalmente com os irmãos mais velhos das crianças (Pierre et al., 2010). No caso de migração, dependendo das condições, é frequente que os filhos fiquem sob o cuidado de familiares ou amigos. As pessoas mais velhas costumam ser muito respeitadas pelos parentes mais jovens. Como a

maioria dos idosos não possuem aposentadoria ou algum outro tipo de renda garantida quando param de trabalhar, os filhos ficam responsáveis pelos recursos financeiros e sociais dos pais (Caribbean Country Management Unit, 2006).

No que concerne à questão religiosa, o Haiti é marcado pela diversidade: Catolicismo Romano, Vodou (que combina as tradições do oeste e centro da África e o catolicismo) e diversas práticas Protestantes. Entretanto todas as práticas religiosas no Haiti compartilham elementos chave: as pessoas socioeconomicamente mais pobres aderem com mais frequência às crenças e práticas do Vodou, no entanto, em momentos de crise e dificuldade, pessoas de outras classes socioeconômicas e religiões tendem a recorrer ao Vodou, principalmente se a causa do infortúnio for desconhecida (Pierre et al., 2010).

O Vodou é parte importante do contexto cultural haitiano. Em sua perspectiva, cada indivíduo tem sua identidade, força e segurança dada em uma relação que o liga com os outros seres humanos, espíritos e ancestrais e assim, o protege dos perigos do mundo (Brown, 1989 apud Pierre et al., 2010). Desse ponto de vista “cosmocêntrico” a pessoa é só uma parte de um universo muito maior, que abrange o mundo natural, o mundo invisível com seus espíritos e os ancestrais (Sterlin, 2006). No entanto, muitas pessoas que o praticam não falam abertamente sobre o tema com estranhos, profissionais de saúde ou pessoas não pertencentes à cultura haitiana.

O Vodou não é somente uma religião, mas constitui um sistema de cuidados que oferece modos de promoção de saúde, prevenção de doenças e cura (Augustin, 1999 apud Pierre et al., 2010). Nesse sistema, saúde e doença dependem de como as pessoas estão ligadas a tradição e o lugar social e moral que ocupam, sempre num universo que abrange os deuses e antepassados. Os deuses e divindades africanas do Vodou, chamados Lwa-s, são considerados os protetores dos devotos e podem ajudar em momentos de dificuldade. Todavia, a má sorte também pode ser atribuída a algum desagrado a estes mesmos protetores (Desrosiers & Fleurose, 2002 apud Pierre, 2010).

Em relação à morte, a cultura haitiana compreende que é parte normal do ciclo da vida. Muita importância é atribuída aos rituais fúnebres, uma vez que os mortos continuam fazendo parte da família, não somente na lembrança, mas aconselhando e advertindo os vivos por meio de sonhos (Miller, 2000 apud Pierre et al., 2010). Esse tema remete diretamente a ocorrência do terremoto, que devido à magnitude de destruição e baixa capacidade de resposta imediata, resultou na impossibilidade de muitos haitianos, que perderam seus entes queridos,

exercerem seus rituais esperados de despedida, o que gerou desconforto e preocupação aos que ficaram (Pierre et al., 2010).

Os modelos de compreensão de saúde e doença no Haiti variam dependendo da localidade, religião e classe social. Mas de modo geral são guiados por crenças sociais e culturais, partilhadas nesses contextos. São esses modelos quem ditarão as formas de cuidado e o tipo de utilização que os haitianos farão dos serviços de saúde (Pierre et al., 2010). No geral, consideram múltiplas formas de pensar esses aspectos, portanto uma mesma pessoa pode recorrer às tantas fontes que tiver disponíveis quando se vê diante de alguma questão de saúde e doença. As doenças crônicas geralmente são tratadas na família ou em algum sistema social de ajuda que utilize métodos tradicionais. Já as doenças infecciosas ou ferimentos graves são tratados pela medicina ocidental (Pierre et al., 2010).

Em relação a transtornos mentais, não há dados sobre a prevalência destes no Haiti. Contudo, devido às especificidades culturais já citadas, o que é mais determinante para os diagnósticos na visão dos haitianos não é a forma, mas o conteúdo expresso pelas pessoas em sofrimento. As consequências da exposição a um evento traumático, por exemplo, podem ser vistas muito além da ansiedade, manifestações depressivas e TEPT. São expressas por sentimentos de vergonha, humilhação, impotência e um isolamento, inclusive da comunidade e família (James, 2004 apud Pierre et al., 2010).

Muitas pessoas no Haiti valorizam os profissionais de saúde que se baseiam na perspectiva biomédica, no entanto, devido às várias barreiras enfrentadas no sistema formal de saúde, como infraestrutura, falta de investimento governamental e público em saúde, longas distâncias até os serviços, bem como carência de profissionais (pois muitos emigram), recorrem a outros métodos de atenção a saúde (Caribbean Country Management Unit, 2006; Pierre et al., 2010). Os principais “curandeiros” tradicionais são (Miller, 2000 apud Pierre et al., 2010):

- *Doktè fèy, Medsen fèy* – aqueles que trabalham com ervas e frequentemente tratam de resfriados, vermes, diarreia e dores estomacais;
- *Oungan* (sacerdote Vodou) ou *Manbo* (sacerdotisa Vodou) – cuidam de diversas condições;
- *Doktè zo* – são como ortopedistas e tratam de condições relacionadas a ossos quebrados e desconforto nas articulações;

- *Pikirist* – administram intravenosos, sejam eles fitoterápicos ou não;
- *Fanm saj* ou *Matwòn* – as parteiras.

Para muitos haitianos, problemas relacionados à saúde mental são vistos como tabu, motivo de vergonha e não saem do seio familiar e da comunidade. A busca por psicólogos ou psiquiatras geralmente é feita somente após a tentativa de explicações e cura com líderes religiosos e espirituais, sejam eles padres, pastores, ougans, manbos ou doktès fèy (Pierre et al., 2010). Além disso, falar de seus problemas para estranhos ou profissionais não é comum.

Diante dessa breve explanação sobre aspectos sociais e culturais da sociedade haitiana, presume-se que os impactos do terremoto ocorrido há aproximadamente seis anos atrás podem ser expressos por meio de um sofrimento psíquico importante, mas com codificações culturais enigmáticas para aqueles que estão à parte destas compreensões. Porém, parece que também são essas características que oferecem uma rede de significações e possibilidades de representação do evento traumático, sendo fundamental leva-las em conta.

Tais especificidades orientam ainda o caminho metodológico, principalmente no que concerne ao “como” acessar as marcas deixadas pela exposição ao terremoto de 2010 em um contexto onde pesquisadora e participantes não partilham da mesma cultura. Isso indica que o meio de acesso à informação não pode fazer sentido somente para um dos envolvidos. Eis o que torna tal trabalho um encontro com a diferença – para além da singularidade inerente ao subjetivo – e desafia as escolhas de meios de aproximação com o fenômeno.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, tem caráter exploratório e descritivo. Pesquisas de abordagem qualitativa vão além da medida de aspectos do fenômeno, pois buscam possibilitar o acesso às representações e significados. Consideram a singularidade como nível legítimo de produção do conhecimento, dada a epistemologia que sustenta essa natureza de pesquisa. Visam o aprofundamento e o conhecimento do querer-dizer sobre as coisas, ou seja, ao sentido que é dado aos fenômenos (González-Rey, 2011; Turato, 2005;). Entretanto, reconhece que os significados individuais são construídos e partilhados culturalmente, o que possibilita que um grupo social se organize em torno e por tais significações.

O caráter exploratório se dá quando um tema de pesquisa – ou mesmo o problema – não foi abordado anteriormente ou foi pouco estudado. Além de familiarizar pesquisadores e comunidade científica com temas relativamente desconhecidos, pode abrir questões para investigações futuras (Sampieri, Fernández-Collado & Lucio, 2006). Como apontado na literatura, existem investigações sobre efeitos e impactos psicológicos de eventos catastróficos, bem como especificamente sobre o caso haitiano. Porém o estudo de tais impactos em imigrantes haitianos no Brasil, com as especificações propostas nos objetivos do presente estudo não foi encontrado, o que indica o caráter exploratório. A presente pesquisa também objetiva descrever características referentes ao fenômeno e detalhar como é e se manifesta. Logo, o caráter da investigação é igualmente descritivo (Sampieri et al., 2006).

#### 3.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES

Desde a origem da pesquisa qualitativa, considera-se o ambiente natural do sujeito como aquele inequivocamente apropriado para abordar e obter informações sobre o objeto de pesquisa (Turato, 2005). Portanto, no que se refere às fontes e local, trata-se de uma pesquisa de campo. Devido ao fato da investigação referir-se a um fenômeno já ocorrido, o estudo é classificado como ex-post-facto. Isso significa que a pesquisadora não teve controle sobre a variável explicativa – terremoto –, que já ocorreu (Gil, 1996).

Todo o procedimento de coleta de informações com os participantes foi realizado em local escolhido por estes, no qual se sentiam a vontade para falar. Concretamente, priorizou-se as visitas à residência dos participantes, sendo utilizado o NEMPsiC nos casos em que os participantes optaram por se deslocar até a universidade em detrimento de outros locais.

No que tange a escolha dos participantes da presente pesquisa, a fim de atender a sua caracterização, problema e objetivos, foi utilizada uma amostra não probabilística e, portanto, intencional. Nesta seção serão apresentados os critérios que delinearão a escolha dos participantes o que, em termos operacionais, orientou a intencionalidade que está diretamente ligada ao problema de pesquisa e aos objetivos (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

Participaram da presente pesquisa sete haitianos residentes na Região Metropolitana de Florianópolis<sup>4</sup> e foi utilizado o fechamento amostral por saturação teórica. A saturação ocorre, operacionalmente, quando a inclusão de novos participantes é suspensa devido a uma avaliação do pesquisador de que há certa redundância ou repetição nas informações obtidas, no que diz respeito ao conteúdo delimitado pelo problema de pesquisa (Fontanella et al., 2008). Ao amparar-se na discussão realizada por Fontanella et al. (2008) em um estudo sobre as contribuições de tal fechamento amostral, observa-se que o autor aponta exemplos nos quais utilizaram números próximos ao escolhido.

A fim de atender ao problema de pesquisa e objetivos, os participantes responderam aos seguintes critérios de inclusão: serem haitianos(as); terem mais de 18 anos de idade; residirem no Brasil há no mínimo 12 meses; residirem na Região Metropolitana de Florianópolis; estarem presentes e residirem no Haiti quando ocorreu o terremoto; compreenderem a língua portuguesa; terem sofrido algum dano direto com o terremoto como: ferimento, terem visto alguém ferido ou morto, perda de alguém significativo, perda ou abalo do local onde residiam e/ou perda da atividade ocupacional (estudo ou trabalho).

---

<sup>4</sup> A Região Metropolitana de Florianópolis é composta pelos seguintes municípios: Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Biguaçu, Canelinha, Florianópolis, Garopaba, Governador Celso Ramos, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Palhoça, Paulo Lopes, Rancho Queimado, Santo Amaro da Imperatriz, São Bonifácio, São João Batista, São José, São Pedro de Alcântara e Tijucas (Associação dos Municípios da Grande Florianópolis, 2014).

O acesso aos participantes se deu pelo método bola-de-neve (snowball), considerado um meio de amostragem por cadeia de referências (Albuquerque, 2009). Nele, um número inicial de pessoas com algum contato com o pesquisador e que, preferencialmente, conhece outras que atendam as especificações de inclusão é selecionado. Em seguida indicam outros possíveis participantes e, daí em diante são feitas outras indicações até que se atinja o número predefinido.

O núcleo de estudos no qual a pesquisadora está inserida – NEMPsiC – desenvolve atividades de pesquisa e extensão a respeito de diversos temas que interpõem as migrações. Desde março de 2014 integra um Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados em Florianópolis e Região – GAIRF, que promove periodicamente discussões e organiza ações de apoio a integração dos recentes imigrantes em Florianópolis e municípios vizinhos. Esse núcleo conta com representantes da sociedade civil e poder público, compondo, portanto, o primeiro nível da cadeia de referências da pesquisadora.

### 3.3 INSTRUMENTOS

A coleta de informações do presente estudo foi realizada por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico (APÊNDICE A) e uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE B). A seguir apresentar-se-á tais instrumentos.

#### 3.3.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico utilizado é um instrumento padrão do NEMPsiC, construído conjuntamente pelos integrantes do núcleo, a fim de obter dados que levem em conta especificidades da situação migratória. Por considerar a cultura como constituinte, tal questionário contém perguntas fundamentais para a caracterização sociodemográfica do participante imigrante. No total, possui 27 questões distribuídas em seis categorias: dados pessoais (nome, sexo, idade, estado civil, país e cidade de nascimento, cidade onde reside), escolaridade e ocupação (escolaridade, ocupação atual e anterior à imigração), residência (número de cômodos, tipo de residência, número de pessoas com quem reside e tipo de relacionamento com elas), religião/crença (se possui e se é praticante), língua (língua primária, se fala outras línguas, grau de apropriação do português antes da imigração e atual) e dados sobre a imigração (data, quantas vezes imigrou, com

quem imigrou, quem ficou no país de origem, motivação, tipo de visto de entrada no Brasil e atual).

### **3.3.2 Entrevista semiestruturada**

A entrevista é uma conversa entre, no mínimo, dois interlocutores. Por iniciativa do entrevistador, destina-se obter informações pertinentes para responder o problema de pesquisa. De acordo com Minayo (2010), é um meio de processamento de narrativas de vida, ao trazer reflexões do próprio sujeito sobre o que vivencia, informações estas que só podem ser obtidas por esse encontro. Produz grande quantidade de material e geralmente mais denso do que o de um questionário, o que auxilia no aprofundamento e o acesso a conteúdos pouco acessíveis por outras vias: trata-se uma aproximação qualitativa (Minayo, 2010).

O roteiro elaborado contém 24 perguntas, divididas em quatro categorias, pensadas a partir dos objetivos específicos do presente estudo. Ele foi inspirado na fundamentação teórica e em dois trabalhos que abordam a construção de escalas relacionadas ao tema (Caiuby, Lacerda, Quintana, Torii & Andreoli, 2012; Papadopoulos, 2007). Cabe ressaltar que se optou pela não utilização dos instrumentos contidos nos estudos citados devido ao desafio de adaptação de tais instrumentos para populações imigrantes. Isso requer mais do que a tradução, mas a adaptação às especificidades étnicas e culturais (Caetano, Clark & Tam, 1998). Sem um ajuste minucioso de tais instrumentos, coloca-se em risco as propriedades psicométricas deles e, por conseguinte a validade do estudo.

## **3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES**

O primeiro procedimento do presente estudo foi o contato com as pessoas ou instituições indicadas por meio do primeiro nível da rede de referências da pesquisadora. Neste contato, apresentou-se o panorama geral da pesquisa e foi realizado o convite de participação. No caso de aceite, agendou-se um encontro presencial, em local definido pelo possível participante para o esclarecimento detalhado dos propósitos da pesquisa, verificação dos critérios de inclusão, respostas à dúvidas, leitura e apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE C). Com base no roteiro de entrevista elaborado, avaliou-se que por sua extensão, bem como pelo teor dos conteúdos

abordados – referentes a temas que investigavam a história dos participantes e poderiam desencadear reações afetivas intensas –, a importância da realização de dois encontros com cada participante. Além de tornar os encontros menos cansativos, aproximaram participantes e pesquisadora o que contribuiu para um clima de confiança por parte dos participantes em relação à pesquisadora.

Assinado o TCLE, foi iniciado o primeiro tempo das entrevistas. O áudio das falas foi gravado, a fim de garantir a apreensão integral das informações para posterior análise e a plena dedicação da pesquisadora ao momento da entrevista. No primeiro encontro abordou-se até a questão 11 do roteiro da entrevista semiestruturada (APÊNDICE B). No segundo encontro a entrevista foi retomada a partir da questão 12 do mesmo roteiro. No entanto, por tratar-se de uma entrevista semiestruturada – o que permite alguma flexibilidade no andamento da conversa – a pesquisadora fez uma breve descrição do que foi abordado no primeiro encontro a fim de oferecer uma continuidade ao processo de coleta de informações. Ao fim das entrevistas, foi realizado o preenchimento dos dados sociodemográficos, pela própria pesquisadora junto ao participante.

### 3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Em relação aos aspectos éticos houve total consideração ao disposto na Resolução nº 466 (Diário Oficial da União, 2013). Neste sentido, especial atenção foi dada aos riscos psíquicos referentes à participação na pesquisa, o que implicou na informação a respeito de serviços gratuitos de atenção psicológica, sendo um deles a Clínica Intercultural, projeto de extensão do Departamento de Psicologia da UFSC que oferece atendimento psicológico a imigrantes e refugiados.

Além disso, o projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, registrado sob parecer número 43860015.9.0000.0115.

### 3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de informações o conteúdo dos questionários sociodemográficos foi tabulado no Microsoft Excel e o áudio das entrevistas transcrito. Elaborou-se um quadro com os resultados oriundos dos questionários, apresentado na seção 5. No que concerne às transcrições em texto, cabe ressaltar que o conteúdo integral dos áudios passou por esse procedimento e optou-se por registrar as falas como

foram proferidas, sem correções gramaticais. Isso justifica possíveis erros presentes nos trechos apresentados na discussão dos resultados.

Os documentos contendo as transcrições foram explorados via software *Atlas-ti*. Sua utilização justifica-se, inicialmente, pela quantidade de informações obtidas nos catorze encontros ocorridos – dois com cada participante –. Ele é indicado como instrumento organizador e sistematizador em caso de grande quantidade de informações qualitativas (Gilz, 2007). Com o auxílio do software, pode-se melhor organizar e trabalhar com os dados, ainda que tenham sido utilizadas ferramentas mínimas dele.

Na sequência a análise foi orientada pelas proposições de Bardin (1977) com sua análise de conteúdo. A última busca garantir uma análise que oscile e integre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade das informações coletadas (Bardin, 1977). Ao considerar os objetivos do presente estudo e a compreensão teórica que o orientou, identificaram-se temas emergidos das narrativas. Trata-se de um trabalho minucioso, que parte da leitura flutuante e segue em busca de identificar núcleos de sentido, que foram codificados e agrupados em categorias mais amplas. O resultado desse processo compôs o quadro de categorias, subcategorias e unidades temáticas presentes na seção seguinte onde consta a apresentação dos resultados de análise.

## 4 RESULTADOS

Por meio dos procedimentos descritos na seção anterior, se objetiva apresentar neste capítulo os resultados obtidos. Para facilitar a visualização, apresentar-se-á uma tabela dos dados referentes à aplicação do questionário sociodemográfico (Tabela 1) e outra das categorias que emergiram das entrevistas semiestruturadas (Tabela 2). O APÊNDICE D conta ainda com breves descrições elaboradas com o intuito de apresentar os participantes.

A partir de aproximadamente 14 horas de entrevistas transcritas, com média de 2 horas por participante, organizou-se os dados observados. Foram dois encontros com cada participante, ocorridos geralmente em um intervalo de uma semana. Os dados sociodemográficos apresentam um perfil geral dos participantes.

Como se pode observar na Tabela 1, a amostra foi composta apenas por homens haitianos, devido às dificuldades obtidas para efetivar entrevistas com mulheres que atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa. Ou seja, foram realizados contatos e marcadas entrevistas com possíveis participantes mulheres, mas por ocorrências diversas o processo de coleta de informações com essas pessoas não foi realizado – em última instância pelo consentimento não ter sido dado. Outra questão importante de pontuar é que os participantes que já haviam imigrado antes de vir ao Brasil, o fizeram também após o terremoto de 2010.

Tabela 1- Dados sociodemográficos

CATEGORIA		N
Sexo	Masculino	7
	Feminino	0
Idade	25 - 30 anos	5
	Mais de 31	2
Estado Civil	Solteiro	5
	Casado	2
Tempo de imigração	Menos de 2 anos	3
	De 2 a 4 anos	2
	Mais de 4 anos	2
Escolaridade	Ensino médio completo	2
	Ensino superior interrompido	1

	Ensino superior em andamento	2
	Ensino superior completo	2
Com quem reside	Sozinho	1
	Amigos	5
	Cônjuge	1
Possui religião	Sim	7
Se sim, qual	Católico	1
	Evangélico	6
Língua primária	Crioulo	5
	Crioulo/Francês	2
Nível de português antes da imigração	Nenhum	7
	Regular	3
Nível de português atual	Bom	3
	Ótimo	1
	Sim	5
Primeira imigração	Não	2
	Sim	5
Imigrou sozinho	Não	2
	Estudo	2
Visto de entrada	Residência permanente por razões humanitárias	5
	Estudo	2
Visto atual	Residência permanente por razões humanitárias	5

O conteúdo emergido das entrevistas semiestruturadas foi organizado em consonância com os objetivos do estudo, por intermédio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) e apoio do software *Atlas.ti*. Assim, construiu-se um quadro síntese das quatro categorias identificadas (ver Tabela 2). Cada categoria é composta por subcategorias que, por suas vezes, são constituídas de unidades temáticas. Estas unidades representam cadeias de significados análogos, partidas das narrativas. O agrupamento em subcategorias de temas mais amplos contribui para a compreensão das categorias, mais abrangentes e

relacionadas aos objetivos do estudo, por intermédio da discussão detalhada de cada uma das unidades, como apresentado no capítulo posterior.

Tabela 2 - Categorias, subcategorias e unidades temáticas.

<b>CATEGORIA</b>	<b>SUBCATEGORIA</b>	<b>UNIDADE TEMÁTICA</b>
1. PROCESSO MIGRATÓRIO	<b>1.1 Motivação para migrar</b>	<i>1.1.1 Dificuldades financeiras decorrentes do terremoto</i> <i>1.1.2 Dificuldades para continuar estudos</i>
	<b>1.2 Etapa pré-migratória</b>	<i>1.2.1 Deslocamentos anteriores</i> <i>1.2.2 Definição do destino</i> <i>1.2.3 Despedidas</i>
	<b>1.3 Características do percurso</b>	<i>1.3.1 Intenso fluxo de pensamentos</i> <i>1.3.2 Apoio de outras pessoas</i>
2. EXPOSIÇÃO AO TERREMOTO	<b>2.1 Evento traumático</b>	<i>2.1.1 Imprevisibilidade</i> <i>2.1.2 Desamparo</i> <i>2.1.3 Contato com a morte</i> <i>2.1.4 Dificuldade de responder ao evento</i>
	<b>2.2 Efeitos primários do evento traumático</b>	<i>2.2.1 Moradia</i> <i>2.2.2 Cotidiano</i> <i>2.2.3 Função do grupo social</i>
	<b>2.3 Sintomas psíquicos</b>	<i>2.3.1 Medo</i> <i>2.3.2 Revivências</i> <i>2.3.3 Hipervigilância</i>
3. FATORES DE RISCO	<b>3.1 Acontecimentos pré-migratórios</b>	<i>3.1.1 Exposição ao evento traumático</i> <i>3.1.2 Perdas</i>
	<b>3.2 Aspectos sociais no país de acolhimento</b>	<i>3.2.1 Discriminação</i> <i>3.2.2 Problemas financeiros</i> <i>3.2.3 Dificuldade de integração com brasileiros</i>

	<b>3.3 Reminiscências do terremoto</b>	<i>3.3.1 Tristeza 3.3.2 Percepção de mudanças em si</i>
4. FATORES DE PROTEÇÃO	<b>4.1 Vínculos</b>	<i>4.1.1 Contato com a família 4.1.2 Amigos 4.1.3 Religião</i>
	<b>4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem</b>	<i>4.2.1 Contato com conterrâneos no idioma primário 4.2.2 Hábitos alimentares 4.2.3 Música</i>
	<b>4.3 Projetos futuros</b>	<i>4.3.1 Trabalho 4.3.2 Família 4.3.3 Outros deslocamentos geográficos</i>

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nas narrativas obtidas pelas entrevistas semiestruturadas, o presente capítulo busca discutir os achados com a literatura que orientou a pesquisa. O quadro de resultados elaborado por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) demonstra quatro categorias que foram divididas e serão analisadas nas seções a seguir, ilustradas por meio de trechos das entrevistas realizadas.

### 5.1 CATEGORIA 1: PROCESSO MIGRATÓRIO

A primeira categoria de análise, nomeada PROCESSO MIGRATÓRIO, é compreendida por tudo aquilo que se refere ao deslocamento dos participantes até a chegada ao Brasil, dentro do que foi investigado na presente pesquisa. Parte-se do entendimento de que mais do que o deslocamento no sentido estrito da palavra, a migração é composta por um conjunto de fatores que a caracteriza. As narrativas forneceram caminho para a compreensão desse processo através das subcategorias 1.1 Motivação para migrar, 1.2 Etapa pré-migratória, 1.3 Características do percurso e suas respectivas unidades de análise, como demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 - Categoria 1: Processo migratório

1. PROCESSO MIGRATÓRIO	<b>1.1 Motivação para migrar</b>	<i>1.1.1 Dificuldades financeiras decorrentes do terremoto</i> <i>1.1.2 Dificuldades para continuar estudos</i>
	<b>1.2 Etapa pré-migratória</b>	<i>1.2.1 Deslocamentos anteriores</i> <i>1.2.2 Definição do destino</i> <i>1.2.3 Despedidas</i>
	<b>1.3 Características do percurso</b>	<i>1.3.1 Intenso fluxo de pensamentos</i> <i>1.3.2 Apoio de outras pessoas</i>

No que concerne à subcategoria **1.1 Motivação para migrar**, observa-se que ela abarca duas unidades temáticas *1.1.1 Dificuldades financeiras decorrentes do terremoto* e *1.1.2 Dificuldades para continuar estudos*, ambas marcadas pelos sete participantes como decorrentes do terremoto ocorrido em 2010.

A situação política e econômica do Haiti é atravessada por desafios conhecidos internacionalmente, mas concretamente sentidas

pelos conterrâneos, em especial aqueles que residem no país. Questões políticas e econômicas por si só não constituem motivações únicas para deslocamentos, de fato. Mas a vulnerabilidade a qual uma população se encontra, no que concerne a esses aspectos, engendra as questões que interpõem as características migratórias de determinado grupo (Véron & Gonzalez, 2015). Os relatos dos participantes evidenciam o quanto o terremoto marcou uma ruptura importante no funcionamento habitual de suas vidas, o que agravou as condições financeiras das famílias e a capacidade de resposta do país nesse sentido, mesmo em médio prazo. A unidade temática *1.1.1 Dificuldades financeiras decorrentes do terremoto* é elencada por trechos que ilustram tal ponto.

*Então, o primeiro motivo é que eu trabalhava no Haiti antes do terremoto e depois do terremoto não tem bastante serviço pra mim. Eu fiquei dois anos sem serviço depois do terremoto e por isso eu vim pra cá, pra trabalhar, pra ajudar minha família no Haiti. (P4)*

*Quando eu pensa de minha vida, em primeiro, porque... Porque antes do terremoto eu tenho bastante coisa, eu tenho carro, moto, todas coisa no meu país. Depois do terremoto eu não tenho nada mais. Por isso eu sai do meu país. (P5)*

*Acho que aumenta a miséria. Porque tem pessoa que tava bem adiantada na vida. Essa pessoa perdeu tudo. Só um dia, só, entendeu? Casa, emprego, se tem empresa, perdeu tudo... Tem pessoa que perdeu tudo. E tem uma família que perdeu 21 pessoas, entendeu? Essas pessoas que não tem mais ajuda... É bem triste. Nesse dia a minha mãe que faz comércio, tem loja, faz comércio, mas ela tava... Ela vendeu tudo. Ela tinha dinheiro pra poder comprar, entendeu? Mas ela perdeu tudo nesse dia. Perdeu tudo. É como a pessoa que tava dez... um à dez na vida, dez, a pessoa tem que voltar a zero, pra um... Entendeu? (P2)*

Nessas falas marcam-se parte das perdas materiais ou dificuldades de manter aquilo que se tinha. Assim, pode-se questionar que se, afinal, há tanto tempo o país é atravessado por questões socioeconômicas complicadas, por que essas pessoas partiram somente depois do terremoto e a ele atribuem os motivos para tal? Desdobrar essa questão é fundamental para não se cair no risco de simplificar a partida do país de origem.

Primeiramente, é necessário retomar a concretude dos efeitos da catástrofe de 2010. Mais da metade da infraestrutura governamental, administrativa e econômica do país foi devastada (Godoy, 2011; Kaefer

et al., 2011). Algumas das falas dos participantes ecoam o valor da capital Porto Príncipe, em termos econômicos, culturais e sociais. Afirmam a capital enquanto local de valor, para onde as pessoas vão ou ao menos passam se querem concretizar projetos educacionais e empresariais. É o lugar “onde as coisas acontecem” no país. E o epicentro do terremoto também ocorreu lá, onde 80% das quase 5 mil escolas destruídas estavam.

Assim, a segunda unidade temática referente à motivação para migrar trata-se das *1.1.2 Dificuldades para continuar estudos*, como sugerem os depoimentos:

*Primeiramente, depois do terremoto eu... Como se diz... Eu não tinha mesma possibilidade de fazer qualquer coisa, porque eu tava numa faculdade que pago. Então depois do terremoto com essa dificuldade eu não tinha a mesma possibilidade de pagar essa universidade, pra fazer a minha faculdade. (P6)*

*A minha saída do Haiti tem tudo a ver com o terremoto que aconteceu em 2010... Por que antes de vir aqui eu estudava também (cita o curso)... em Porto Príncipe e foi lá mesmo que aconteceu o terremoto... E então foi uma tragédia muito grande. Foi a primeira vez que o país vivenciou essa tragédia e... aí o prédio onde minha faculdade ficou caiu e... a cidade em si toda, atingiu e... as aulas tinham que parar e eu passei três meses sem ir pra aula... e eu tive que voltar pra minha terra no sul do país. (P1)*

Os prédios caídos foram reconstruídos. Os próprios participantes afirmam ao longo do discurso. Mas a dificuldade de continuidade, característica geralmente afetada pelo traumático, que será mais discutido na CATEGORIA 2, parece ser aquilo que evocam. Não se trata de ignorar o dado de realidade que as dificuldades financeiras representaram, mas a escuta dessas narrativas tende a ir além. Assim, como se sabe que a intrusão do evento e a dor que é desencadeada ao entrar em contato com elementos que a ele remetem demandam do psiquismo estratégias para seguir funcionando sem sucumbir, as narrativas indicam que os participantes também colocam na palavra, verbalizam, aquilo que lhes é possível dizer.

Há que se considerar, como aponta a tese de Handerson (2015), os sentidos sociais da chamada diáspora haitiana. Ao ultrapassar o

significado literal do termo diáspora<sup>5</sup>, o autor buscou compreender as dinâmicas da mobilidade haitiana em alguns países. Aponta o quanto até mesmo o Governo do Haiti tende a definir algumas políticas econômicas levando em conta o fenômeno dos haitianos que residem fora do país, mas ainda assim continuam dentro – por meio das remessas de dinheiro que enviam, por exemplo. Ao cunhar o “sentido social” do vocábulo, apresenta narrativas nas quais o termo diáspora se refere à pessoa, ou seja, aquele que vai e quando volta – não importa quanto tempo depois – tem recursos suficientes para ter uma vida economicamente confortável, com roupas, carros e bens materiais que evidenciam isso.

Ainda que as falas dos entrevistados, no que se refere às motivações para migrar, não evidenciem a representação compartilhada sobre aqueles que se deslocam para serem diáspora, deixam em algum lugar – talvez aquele referente ao não visível da cultura, ou não compartilhado com o estrangeiro, nesse caso representado pela pesquisadora – a pista de que a solução para se reconstruir após as consequências mais visíveis de um terremoto, encontra-se na própria dinâmica de aposta no deslocamento geográfico como possibilidade e desejo de êxito.

As consequências financeiras do terremoto, que afetaram todos os participantes e se apresentam de maneira explícita em seus discursos, foram equacionadas, em alguns casos, com o auxílio de familiares que já moravam em outros países, além daqueles que se mudaram logo após o evento, como pode ocorrer nos casos de desastres naturais de grande escala (Véron & Golaz, 2015). Esse ponto introduz a próxima subcategoria que caracteriza o processo migratório desse grupo: **1.2 Etapa pré-migratória.**

Composta pelos *1.2.1 Deslocamentos anteriores*, como uma das unidades de análise, eis alguns trechos que contribuem para o início da discussão referente a esse ponto:

---

<sup>5</sup> De acordo com definição do dicionário (Dicionário da Língua Portuguesa, Ed. Porto, 2016), o termo diáspora oriundo do grego *diasporá* <<dispersão>> refere-se à dispersão de um povo decorrente de perseguição ou discriminação política, religiosa ou étnica. Historicamente referente às comunidades judaicas, indicava tais comunidades que mesmo fora de sua pátria mantinham laços culturais e afetivos com o país de origem. Portando contém dois significados chave: a saída forçada de um grupo de sua pátria e a manutenção do vínculo com o país de origem.

*Porque quando eu tenho meu irmão que sair primeiro eu vi que eles, eles podiam ajudar os outros que ficar. Por isso eu também ter ideia pra sair, pra ajudar. (P5)*

*Tem muitos família. Como a gente não viaja junto porque lá o governo não ajuda a gente viajar. Só você trabalha, tem dinheiro, pagar passagem de avião e viajar. Eu vim primeiro que... Eu vim primeiro. Antes meu irmão. Depois um ano e cinco meses meu irmão vem, já tá aqui em Blumenau. E minha esposa tem como 4 meses aqui. Tem pouco... E também a família segue vindo. Sabe? A gente não vem junto. A gente vem primeiro que eu, eu vem e o outro vai vim também. (P7)*

*Porque o Brasil? Meu irmão, ele tem seis anos aqui. (P3)*

A migração como estratégia de sobrevivência no contexto haitiano é conhecida e discutida por estudiosos de diversas áreas (Handerson, 2015; Moraes et al., 2013; Pacífico & Pinheiro, 2013; Patarra & Fernandes, 2011; Paula et al., 2013). Magalhães (2014) pontua o quanto a presença estrangeira em termos militares, econômicos e políticos no Haiti, ao longo da história do país, contribuiu para uma representação de “ajuda internacional”. Assim, mesmo aqueles que conseguem superar dificuldades referentes ao básico à sobrevivência, se deparam com obstáculos para atingirem condições financeiras que os satisfaçam e se deslocam. Magalhães (2014) nomeia esse fenômeno como “expulsão da população”, por compreender que o deslocamento é forçado por esse panorama.

Com 60% do orçamento nacional oriundo dessas ajudas internacionais e cerca de 11% dos nacionais vivendo, trabalhando e enviando dinheiro ao Haiti, a presença de migrantes na família não é rara. As narrativas indicam a presença de familiares em países estrangeiros como algo que possibilita criar uma visão acerca da migração como uma alternativa plausível diante dos desafios de continuidade da vida própria e do grupo, dado o caráter coletivista da cultura haitiana.

Essa questão abre reflexões importantes acerca do caráter voluntário ou involuntário de compreensão do fluxo migratório haitiano. O Haiti não é reconhecido atualmente como país fonte de refugiados<sup>6</sup>, o que impõe desafios à proteção internacional da população que dele sai.

---

<sup>6</sup> Como apontado anteriormente, os nacionais do Haiti não estão sob proteção do ACNUR. As características de sua migração não legitimam seu reconhecimento como refugiados.

Os participantes da presente pesquisa não saíram do país “de uma hora para outra”. No entanto, não se viram capazes de nele continuar, dado o agravamento das condições de vida do coletivo. Nesse sentido, há uma opção por compreender esse fenômeno como um uma migração involuntária ou forçada.

Porém, a “escolha” do Brasil como destino é característica recente entre os haitianos, compondo a segunda unidade temática da subcategoria em discussão, chamada *1.2.2 Definição do destino*. Eis algumas falas nesse sentido.

*Porque o Brasil lá, como a gente lá no Haiti, a gente vê o Brasil, vê futebol, nós haitianos tá 100% falando em futebol do Brasil. E quando lá também passou, passou o terremoto, Brasil ajuda muito lá do Haiti. E Brasil, como te digo, é primeiro país que abre porta para os haitianos entrar. **Pra outro país a gente vai, tem que ter papel, tem que ter residência, um documento.** Quando nós entra aqui em Brasil sem documento, fazer tudo. A gente não precisa de dinheiro, carteira, tudo não. **Fazer tudo isso mesmo brasileiro fazer para nós.** (P7)*

***Porque Brasil é mais fácil pra nós vim.** Estados Unidos é mais perto, mas é muito difícil. Mas lá no Estados Unidos tem muito, muito haitiano. Mas o governo aqui faz um favor pra nós, pra nós vim. Ele dá o visto pra nós. E nós paga passagem. [...] **Eu não tinha vontade de sair do Haiti. Eu tinha vontade pra um outro país. Mas eu não queria ficar no outro país.** Porque eu trabalhava lá no Haiti... Quase todo haitiano que saiu do Haiti é pra trabalhar. É uma coisa assim. **Mas eu queria ir pra outro país, Estados Unidos, outro país também. Mas aqui é mais fácil o outro é muito difícil.** (P4)*

Como se observa nos trechos acima, mas também está presente na fala dos outros participantes, o Brasil passou a compor recentemente o imaginário da população haitiana como um possível destino migratório, para ser mais preciso, após o terremoto de 2010. A literatura sobre esse fluxo migratório aponta razões para tal, dando ênfase às características políticas e econômicas que perpassam a questão (Moraes et al., 2013; Pacífico & Pinheiro, 2013; Paula et al., 2013).

Baseado no trecho de P4 compreende-se que a proximidade geográfica com os Estados Unidos e a rede social composta por haitianos neste país – herança da atuação do imperialismo norte-americano (Magalhães, 2014) –, faz dele um dos destinos preferidos. França, Canadá e Bahamas, também contam com números importantes de imigrantes haitianos, compondo a lista de países que mais os

recebem. Não por acaso estes países são citados pelos entrevistados, seja como lugar por onde já passaram, para onde gostariam de ir, onde têm familiares ou ainda onde planejam suas vidas no futuro – o que será mais detalhado na CATEGORIA 4.

Assim, há que se considerar que mudanças na conjuntura econômica internacional, bem como a liderança das tropas da MINUSTAH pelo exército brasileiro no Haiti, desde 2004 – que ainda lá estão –, incluem o Brasil na rota migratória dos haitianos. É imprescindível destacar que cinco participantes desse estudo conheciam conterrâneos que residiam ou que já haviam morado no Brasil, desde a ocorrência do terremoto. Esse dado explica a compreensão, por parte dos entrevistados, de que a entrada no Brasil passou a ser mais fácil do que em outros países da rota migratória prioritária após a catástrofe.

Em termos da política migratória brasileira, de fato, a criação da RN 97/2012 com a concessão de vistos humanitários aos haitianos que não cessam de chegar foi uma manobra inédita de acolhimento legal desse grupo, reconhecida internacionalmente. Pode-se afirmar que essa característica também contribui para a noção de que a entrada em território brasileiro é facilitada.

Mas chama atenção o fato de que os relatos não trazem a vontade de vir para o Brasil como um fator relevante na decisão. Aliás, quando a pesquisadora perguntou diretamente se era para o Brasil que o participante queria ter vindo, a resposta foi sempre negativa. A “escolha”, ao que o conteúdo das entrevistas indica, estava pautada em uma imagem do Brasil como aquele que facilita a entrada e permanência, que tem empregos disponíveis ou possibilidades de formação ou, ainda, como destino provisório até que se obtenha a possibilidade de migrar legalmente para outro país, o que corrobora com dados da pesquisa etnográfica realizada por Handerson (2015).

Independente do local de destino, deixar o país significa também se despedir. Eis alguns trechos sobre esse momento, compondo a unidade *1.2.3 Despedidas*:

*Eu tava lá com meu pai... Ele também não aceita que... Ele tava chorando... (começa a chorar). Peraí (pausa na entrevista). [...] Ele queria me acompanhar pra pegar ônibus pra República Dominicana, mas eu não aceitei porque ele ficava chorando. Que ele tem só eu, é maior. O outro é pequeno. Eu cuida do outro. Eu ia deixar tudo e não sabe quanto tempo pra volta... Eu não deixei ele me acompanhar, não. Eu sai sozinho. É assim. (P4)*

*Eu sai e tal... Pra... Porque numa situação assim, não porque eu sou homem, mas todo mundo não pode chorar, **tem que ter uma pessoa que chora dentro, não sair lágrima.** Deu pra manter esse momento... Eu tava quase chorando, mas não chorei. (P2)*

A tristeza que acompanhou as despedidas emergiu das falas em suas diversas manifestações. Deixar o Haiti significou, acima de tudo, deixar as pessoas que lá ficaram. E não parece exagero afirmar que esse significado se destaca. No que concerne às emoções, de maneira geral, foi esse o momento que mais mobilizou os participantes. Marcado por poucas palavras – possivelmente para conter o choro –, o volume da voz, o olhar baixo e as pausas longas compuseram o ambiente da abordagem das despedidas nas entrevistas.

Ao retomar as reflexões acerca da cultura haitiana é fundamental considerar que a noção de identidade é marcada pela possibilidade de pertencimento, sendo mais importante dizer que “se pertence a” do que “se é” (Schininà et al., 2010). Assim, a despedida parece marcar também a saída objetiva de um lugar, em termos de função no âmbito familiar, o que demanda trabalho psíquico. De fato, continua-se ocupando algum outro lugar, mas a tristeza implicada no luto necessário da posição que se deixa é inevitável e manifesta nos relatos.

Expressar o momento das despedidas em palavras não foi, portanto, falar exclusivamente daquilo que se sentiu, mas também do que aqueles que acompanhavam sentiram. O que não deixa de ser um meio de falar a respeito de si. Os trechos demonstram, de certo modo, os papéis familiares e tecem, assim, explicações em torno da emoção inevitável ante ao rompimento da despedida. Todos podem estar tristes, mas se um chora é esperado que alguém acolha.

A subcategoria **1.3 Características do percurso** compõe a última que emergiu dos dados para a compreensão do processo migratório dos haitianos, por meio de duas unidades temáticas. Depreende-se por percurso a experiência ao longo do trajeto até a chegada ao Brasil. No que concerne à primeira unidade temática, *1.3.1 Intensos fluxos de pensamentos*, eis alguns trechos das entrevistas:

*Eu estava com muito complicado pra mim porque dia em dia pegar ônibus... Pegar avião primeiro, e depois pegar ônibus e depois pegar barco. Eu faz mais que 15 dias de viagem, **quando eu não cheguei ainda no Brasil eu pensa muito.** Porque eu vi muito tempo de viagem. Eu não... E quando eu chego, eu vi de verdade eu entrou no Brasil, eu fiquei mais feliz. [...] **Se eu posso chegar no Brasil de verdade, se eu***

*não vou ter problema no viagem... Porque tem pessoa que acontecer isso. Que encontra pessoa que faz coisa mal com eles. Eu pensar tudo isso. (P5)*

*Eu pensava que como eu deixei Canadá, eu deixei minha família, eu deixei minha namorada, a gente ficou um ano juntos, né? Acostumou a curtir a vida... Eu fiquei triste, muito triste mesmo. [...] Depois eu pensei. Eu pensava ‘se o meu pai não morreu eu não poderia fazer tudo isso.’. Eu pensava depois ‘se não aconteceu o terremoto no Haiti, pro meu pai morrer depois, pra ir pro Canadá...’. Eu pensei mesmo ‘minha vida tá passando mal’. Porque eu tinha um projeto pra estudar pronto, como você tá fazendo. Estudar na universidade, mestrado, doutorado, tudo isso. Mas agora tem que viajar muito e perder tempo. Eu fiquei muito triste, até agora eu to triste por isso. (P3)*

A rota percorrida pelos participantes variou, bem como o local de onde partiram. Enquanto alguns foram até o destino final por via aérea, outros alternaram entre esta e a via terrestre, trajeto frequente entre os haitianos que migraram para o Brasil. No entanto, algo dessa experiência foi comum a todos: tratou-se de uma longa viagem em termos concretos e simbólicos. E nesse percurso foi corrente se ocupar daquilo e daqueles que se deixaram, das preocupações referentes ao próprio caminho até o Brasil e das expectativas em relação à chegada.

Os pensamentos presentes ao longo do percurso, afirmados nas entrevistas, vão ao encontro dos achados de Handeson (2015). O autor aponta o quanto a chegada ao Brasil foi comemorada pelos sujeitos de sua pesquisa, enquanto realização de um projeto individual e coletivo. O caminho era longo, cansativo e cheio de percalços como assaltos, doenças, problemas com autoridades no Equador ou Peru e também não era raro um imenso gasto financeiro com os coiotes (traficantes de pessoas). Logo, a incerteza de êxito e preocupações eram companhias certas nas travessias.

Acrescidas às tristezas das despedidas, incertezas das chegadas e compromisso com os familiares que ficaram no Haiti – investidores afetivos e, por vezes, econômicos desta empreitada – os pensamentos repletos de aflição compunham o “ambiente psíquico” dessas pessoas. Geralmente, ao longo da viagem, o contato com a família era inexistente. Saber da preocupação dos familiares apareceu nos relatos como mais um motivo para “fazer pensar”. Por outro lado, também a ligação afetiva fez da chegada um momento de alegria, quando finalmente se pôde contatar os amados e relatar as boas notícias.

Cabe pontuar que contar com o apoio de outras pessoas, fosse elas conterrâneas ou estrangeiras de um modo geral, foi essencial para o suporte no caminho, como ilustram os trechos a seguir, referentes à unidade temática 1.3.2 *Apoio de outras pessoas*:

*Por exemplo, eu tenho um amigo que já vinha aí, que voltou pro Haiti. Ele falou tudo pra mim. Tudo o que eu posso fazer pra conseguir ir. Escreveu tudo o que eu posso fazer quando eu chegar na República Dominicana, pra mim comprar um bilhete pra Argentina, depois na Argentina avião pra vim pra cá. Ele deu isso pra mim e eu vim sozinho. [...] Então. Eu não tenho nenhum problema, nenhum, nenhum. **Porque eu sei, eu tenho um amigo que me falou tudo o que precisa.** (P4)*

*Eu falei pra ele, eu disse que eu quero vir aqui no Brasil. Ele falou "eu também!". **Então eu falei "Vamo junto! Sem problema."**. Nós conversar e fomos juntos pra fazer essa viagem pra vir no Brasil, até no São Paulo. Quando eu cheguei no São Paulo, ele tem um primo dele que vem buscar ele no São Paulo. (P6)*

Esse apoio foi objetivamente fundamental para o percurso, afinal, era por meio dele que os participantes pensaram suas rotas, obtiveram informações sobre o que fazer na chegada e locais/pessoas que deveriam procurar ou contatar ao adentrarem no território brasileiro. Ademais, parece que as falas sugerem também a importância, no que concerne ao psiquismo, de se sentir “amparado”. Diante da vulnerabilidade que o deslocamento pode gerar, contar com apoio daqueles que passam ou passaram por situação semelhante, principalmente quando estes são conterrâneos – como aconteceu com a maioria dos participantes e como apontam os estudos (Handerson, 2015; Magalhães, 2014) – é um aspecto que contribui para vivenciar o percurso com menos sofrimento.

Mais do que o deslocamento geográfico, o processo migratório é caracterizado por dimensões atravessadas desde o contexto social, cultural e político do qual partem os sujeitos que migram. Sendo experiências únicas, mas que partilham características comuns, discutiu-se nesta seção os relatos que compuseram esse processo para os participantes do estudo. Como pontuaram, a ocorrência do terremoto foi um gatilho nesse sentido. A experiência dessa catástrofe natural é, portanto, a próxima questão a ser discutida.

## 5.2 CATEGORIA 2: EXPOSIÇÃO AO TERREMOTO

Pode-se dizer que o terremoto ocorrido no dia 12 de fevereiro de 2010 no Haiti foi uma catástrofe lamentável, pela intensidade do desastre natural em si, mas também pelos efeitos gerados. Passar por um evento dessa natureza, certamente traz desdobramentos que serão discutidos na CATEGORIA 2: EXPOSIÇÃO AO TERREMOTO, compreendida a partir das subcategorias **2.1 Evento traumático**, **2.2 Efeitos primários do evento traumático**, **2.3 Sintomas psíquicos**, por meio de suas respectivas unidades temáticas, como demonstra a Tabela 4.

Tabela 4 - Categoria 2: Exposição ao terremoto

2. EXPOSIÇÃO AO TERREMOTO	<b>2.1 Evento traumático</b>	2.1.1 <i>Imprevisibilidade</i> 2.1.2 <i>Desamparo</i> 2.1.3 <i>Contato com a morte</i> 2.1.4 <i>Dificuldade de responder ao evento</i>
	<b>2.2 Efeitos primários do evento traumático</b>	2.2.1 <i>Morada</i> 2.2.2 <i>Cotidiano</i> 2.2.3 <i>Função do grupo social</i>
	<b>2.3 Sintomas psíquicos</b>	2.3.1 <i>Medo</i> 2.3.2 <i>Revivências</i> 2.3.3 <i>Hipervigilância</i>

Teoricamente o evento traumático pode ser compreendido como uma situação excessiva, capaz de romper com a teia de representações do sujeito, impossibilitando assim que seja representado de imediato pelo psiquismo, dado seu caráter intrusivo e inesperado. As unidades temáticas que compõem a subcategoria **2.1 Evento traumático** contribuem para uma compreensão do termo, por meio das vivências relatadas pelos participantes. A primeira unidade discutida será a *2.1.1 Imprevisibilidade*, a partir dos seguintes trechos:

*E daí quando eu tava na casa dela, a gente começou a assistir um filme e tal... E de repente... Quer dizer depois de mais ou menos uma hora, de repente a gente sentiu que a casa tava sacudindo, tava balançando e a gente não sabia o que tava acontecendo. Foi uma sensação estranha, a gente não tava acostumado. (P1)*

*Quando passou aquele terremoto, eu fiquei, eu fiquei estranho em mim mesmo, como todo mundo ficou, porque a gente não acostumou com terremoto no Haiti. [...] Tinha algumas pessoas mais velhas, tavam lá... Quando eu falo mais velhas tem mais idade. Falou: “Sim, esse é terremoto, esse é terremoto!”. Nós como jovem, não sabia nada disso. “Terremoto?” “Ah sim, terremoto sim!” (P3)*

*Ninguém sabia que ia ser terremoto... Esse terremoto de 2010, grande. [...] Então, é um problema que aconteceu, ninguém... Ninguém sabia o que ia acontecer, entende? Ninguém sabia se ele vai vim. Entende? O terremoto. (P4)*

De acordo com esses relatos fica claro o quanto o terremoto não foi um evento esperado pelos sujeitos que o vivenciaram, o que fez dele algo imprevisível. Parece que o fato de “ninguém saber”, tão recorrente nas falas, sustentou a sensação de estranho, unida ao pavor causado. Freud (1919/2010d), ao escrever sobre o inquietante (*unheimlich*) afirma a relação do termo com aquilo que desperta angústia, horror, algo da ordem do terrível.

Ao seguir o caminho do inquietante, uma passagem de Freud sobre o apagamento da fronteira entre realidade e fantasia, como disparador do efeito inquietante, soa útil a presente análise. Em algum momento, um dos participantes profere uma frase: “eu só tinha visto isso em filme” (P2). Acredita-se inequívoco interpretar tal apontamento como a marcação da “irrealidade” do evento, ainda que enquanto acontecimento geológico, científico, ele possa ser apreendido. É a passagem ao domínio da experiência, nesse contexto e para pessoas dessa geração – como muitos enfatizam – que o torna impossível. Afetivamente indigerível, ao menos no imediatismo da vivência.

Chama atenção o quanto repetem a palavra terremoto, o que na escuta sugere uma tentativa de nomear o evento, inicialmente tão estranho. Ao partir da compreensão de que o excesso do acontecido remete ao desamparo, não parece incoerente associar a verificação presente na pergunta “terremoto?” – direcionado a um outro que representa o saber – a um caminho, ainda que inicial, no percurso da elaboração psíquica. E o essencial aqui é considerar tal interpretação engendradora naquilo que é ofertado pela cultura. A partir da cultura haitiana confere-se aos mais velhos um status de sabedoria, o que sustenta a importância da hierarquia familiar.

É desse lugar de cada um na família que são definidas as “direções” de transmissão dos saberes. Ou seja, delimita-se “quem ensina o quê e para quem”. A importância da transmissão entre as

gerações é fundamental, conferindo sentido para as experiências. Nos momentos mais difíceis as vozes daqueles que sabem pode indicar a restituição da “bússola interna”, danificada pelo traumático. Quando o terremoto é nomeado por essas pessoas mais velhas disponibiliza-se “linhas” para tecer algo em torno do pavor que levou ao desamparo.

E já que a relação com o desamparo ao falar do imprevisível é inevitável, parte-se então para as falas referentes a essa unidade temática, 2.1.2 *Desamparo*.

*Porque daí eu vejo também a fragilidade da vida humana, é... E eu vejo que... Eu sempre fico pensando em mim, que se eu não tomar cuidado, ou mesmo tomando cuidado também que eu posso morrer a qualquer momento. (P1)*

*Tem gente, tem pessoa, tem empresa. Tem gente que pode fazer qualquer coisa, qualquer coisa. Depois terremoto, todos quebrou, não tem mais. Ficar mais pobre, mais pobre. Por isso eu ficar muito triste, porque não tem presidente, não tem ninguém, gente que pode fazer Haiti voltar no mesmo formato. (P5)*

*Acabou pra mim porque eu fiquei, eu não vi um país de verdade, ninguém vai ficar vivendo nesse país, porque não tem nada. (P6)*

O tremor de terra e os desabamentos que o sucederam, ultrapassaram o decaimento do concreto, do material. Remeteram a experiência humana vivenciada em algum momento por todos: o desamparo. As falas marcam o teor da sensação de “nada ter ou poder” à medida que apontam o quão abruptas e intensas foram as perdas.

O trecho de P6, sobre não ver um país de verdade, remete ao apontado por Santander (2010) em relação à representação do tremor de terra no país natal. A pátria, como representante do local de proteção, terra mãe, geralmente é firme, o que possibilita a sensação de segurança, situação análoga à proteção exercida pelos cuidadores ao longo do desenvolvimento. Ainda que esse caminho não seja linear, sempre atravessado por percalços e frustrações inevitáveis, espera-se que as teias de representação constituídas nas relações operem a favor de soluções psíquicas, sejam elas sintomáticas ou não.

Mas durante o terremoto, como será possível seguir representando proteção? As alternativas se ausentam de imediato, residem no a posteriori. A emergência da angústia diante da impossibilidade de realizar qualquer medida ante ao evento, o que indica seu caráter traumático, relembra uma passagem de Freud (1926/2014):

“perigo externo e interno, perigo real e exigência pulsional convergem na relação com a situação traumática, em que o indivíduo se encontra desamparado” (p. 118). A impotência imposta pela situação traumática atropela os recursos, remete ao desamparo. A fragilidade é escancarada.

O 2.1.3 *Contato com a morte* foi frequente e incomum após o terremoto, o que leva a pensar nas reações frente à morte, tanto numa perspectiva geral, quanto específica entre haitianos. Os trechos seguintes apontam algo desse inusitado.

*É... Eu... Eu senti, é muito, foi muito pesado pra mim, porque... Eu já vi pessoa morta, entendeu? Pessoa... Só uma entendeu? Já vi. Mas quando você vê 20, 30, mais que isso não é a mesma situação, não é a mesma coisa. Foi muito triste de ver bastante pessoa morreu... É muito pesado, mas no momento eu não senti com 100% essa situação, eu não vivi. É depois, porque eu tava pensando, pensando em relação a essa e pensando na minha família também. Entendeu? Eu tava... Depois que encontrei minha família e tal, você vai reviver isso pensando, essa situação é muito duro. (P2)*

*Muitas pessoas que morreu... Muita, muita. Muita casa caiu. Tem escola... Tem uma escola que eu tava, caiu com tudo, quase três mil aluno que morreu. Quando chegar outro dia depois do terremoto, começou a caminhar porque não tem carro. Eu fui lá no meu universidade. Era bem alto. Ele caiu com todo mundo. Quase todo meu amigo que tem lá morreu. Professor morreu... Quase todo mundo que tava lá morreu. Tem gente, braço dele tá preso, mas então eu não consegui tirar e... (P4)*

As falas em relação à morte não diferiram no que concerne ao formato e cadência. Foram construídas por entre descrições “cruas” da cena vivida, o que indica o caráter excessivo da experiência, difícil de ser sentida no momento. Freud (1915/2010e), ao pontuar nossa atitude frente à morte, assinala o quanto a ocorrência desta em grande número de uma só vez – a partir de suas reflexões sobre a guerra – altera o tratamento convencional perante ela. A negação da morte material torna-se impossível. E o excessivo – característica da situação traumática – impossibilita também sua simbolização.

Atenção deve ser dada ao fato de que na cultura haitiana a morte é vista como parte natural do ciclo de vida. Então a questão não reside puramente no contato com ela, mas no tipo de contato. Os trechos evidenciam a demasia a qual foram remetidos os sobreviventes – pela voz dos participantes – pois eram muitas as pessoas mortas, de maneira

trágica e num período de tempo curto: foram 35 segundos de tremor. Em menos de um minuto muito se desfez de maneira irreversível. Mortos e sobreviventes compartilhavam um espaço comum, onde estar vivo não era necessariamente o imperativo e nem sinônimo de salvação.

Sobreviver a um evento dessa magnitude também é lidar com a morte de todos os que não tiveram o mesmo destino. A questão do traumático e seus efeitos não se restringem ao âmbito econômico do psiquismo. A afetação é também a nível tópico, o que foi indicado pelos participantes através do “peso” relatado. Tal ponto relembra que o Superego no trauma pode assumir protagonismo no desencadear da auto-recriminação por não ter impedido a morte do outro e mesmo assim continuar vivo. Sobreviver a uma situação traumática pode ter um custo alto.

Trazer à tona as dificuldades de ações frente ao evento conduz a discussão da próxima unidade chamada *2.1.4 Dificuldade de responder ao evento*, a partir dos seguintes trechos:

*O palácio que caiu... Tudo, tudo. As coisa, não tem nada. Todo mundo ficar na rua, dormindo rua. Até hoje tem alguém que tá dormindo na rua. Porque o governo não pode conseguir a ajuda de todo mundo. É muito difícil pra ele. Só agora tem, também, tem algumas coisas que começar a melhorar. Tem alguma empresa que já abriu... É mais ou menos. (P6)*

*[...] porque de uma forma ou outra o terremoto atingiu todo mundo né. Você pode não se machucar, ou não sei, mas de uma forma ou outra você se atinge né, do terremoto. Algum familiar morreu, algum amigo. Então não tinha ninguém pra levar, tirar os corpos do chão da capital, no centro. (P1)*

Como as definições apontam, há discussões em torno da utilização do termo desastre natural. A origem do evento em um fenômeno da natureza contém o principal em torno da opção, no entanto sabe-se que aquilo que o define como desastre relaciona-se, fundamentalmente, com os efeitos em uma comunidade/grupo. Ou seja, não se discutirá um maremoto ocorrido em meio ao oceano se suas réplicas não chegam a um local habitado por pessoas. O desastroso/catastrófico reside na relação com o evento (EIRD, 2009).

Uma das características de classificação nesse sentido é a dificuldade de executar medidas em resposta ao evento, a partir dos próprios recursos (Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007). Logo, desastres naturais de grande ou muito de muito grande porte, contam

necessariamente com o apoio externo – no caso haitiano, principalmente internacional. Vivenciar o terremoto de 2010 significou ter que lidar com o caos, independente de ser atingido diretamente, pois “o terremoto atingiu todo mundo”. Comer, beber, morar, trabalhar, se deslocar, realizar os rituais fúnebres... Qualquer ação estava atravessada e dificultada pelo acontecimento.

Diante das dificuldades, ligadas a todas as unidades que explicam o evento traumático para os participantes, que emerge a subcategoria 2.2 Efeitos primários do evento traumático. Passado o terremoto, a busca por elementos que pudessem contribuir para a sensação de segurança interna, passava por lugares no real que não oferecessem ameaça – ou ao menos diminuíssem tal receio. Assim, o local de habitação pós evento compõe a primeira unidade temática, chamada 2.2.1 *Moradia*.

*Tem casa que.... Tem lugar que todas as casa não caiu junto. Tem casa, nós pessoas não podemos entrar, porque nós está com medo. Nós ficar fora. Não entrar. [...] Depois de dois dias, nós conseguimos entrar, a pegar coisas, depois a deixar essa casa, eu fui pra outra cidade. [...] Na rua, toda pessoa ficou na rua. (P5)*

*A gente ficou... É... Num campo de futebol, tem bastante pessoa que ficar assim, porque ninguém não ficar na casa depois... Num mês a gente não ficou em casa. A gente não tinha opção e também tem, como eu falei, que quando você tá numa situação e tem outro, você acostumou. A gente acostumou. Ficar na rua, dormir na rua, entendeu? (P2)*

Todos os participantes tiveram suas casas atingidas pelo evento. Casas inteiras que desabaram, algumas tiveram partes destruídas e houve ainda aquelas que ficaram com fissuras. Em média, nos primeiros cinco dias pós-terremoto, os participantes se alojaram em espaços abertos, ao ar livre, distantes de construções altas, como praças e campos. Dois participantes que não estavam em Porto Príncipe, apesar de terem suas casas atingidas, permaneceram nelas e acolheram aqueles que ficaram sem moradia.

Passados os primeiros dias, aqueles que tinham familiares em outras cidades se deslocaram. O medo das réplicas, o odor dos corpos de pessoas mortas, as condições precárias na capital e o desejo de estar perto da família estimularam as pessoas a enfrentarem viagens caóticas até cidades próximas. As conduções disponíveis não realizavam os trajetos de costume, as viagens estavam mais longas e o clima geral era

de confusão. Após o terremoto, a morada não era composta pela posse de um lugar. Foi constituída pela possibilidade de compartilhar um espaço qualquer com as pessoas amadas. Acostumou-se a dormir na rua, desde que não se estivesse sozinho.

Os primeiros meses seguidos ao evento demandaram dos sobreviventes uma reorganização externa, concreta, que contribuísse para uma reconstrução interna. Nesse sentido, o 2.2.2 *Cotidiano* reinventou-se compulsoriamente, como demonstram as falas a seguir:

*Fazia alguma coisa, atividade, futebol, pra criar uma atividade também. Porque não pode ficar sem... Ficar pensando, ficar sem fazer nada. Eu fui lá com eles, jogar futebol. Foi assim. (P4)*

*Depois eu começar a fazer algumas coisas porque o meu pai, eu já falei, trabalha tem uma máquina, tem uma outra pessoa que trabalha com ele. Ele começar a trabalhar com essa máquina dele e pouco a pouca, de pouco a pouca, pra buscar a vida como filho dele, depois pra mim ajuda no trabalho. [...] É... Falar com outras pessoas porque todo mundo fica nervosa. Só quando noite chegar eu fui no casa pra dormir. No outro dia eu ficar na rua com outra pessoa, ficar conversando aqui, o que vai passar depois. (P6)*

Descrever o cotidiano após o evento não foi fácil para a maioria dos participantes. Certa confusão nos relatos chamou a atenção, o que pode ser compreendido como um efeito do traumático. Na primeira semana, principalmente, os sobreviventes puderam se “restabelecer” geograficamente, como foi discutido na unidade temática anterior. Passado esse período, foi preciso se habituar a um diferente ritmo de vida, uma vez que a realidade estava diferente. Era difícil se projetar no futuro antes de elaborar as perdas. Ao afirmarem que não havia o que fazer, que não havia trabalho, apontam a própria pausa de trabalho psíquico marcada pelo trauma.

A dificuldade de se dizer sobre o dia-a-dia nos meses que sucederam ao evento – ou ao menos dizer algo além dos desdobramentos psicológicos da experiência – demonstram o abismo que ter sido exposto a um terremoto abriu. As emoções amortecidas, os sentimentos dissociados e o tempo despendido na tentativa de não entrar em contato com os afetos que relembavam o ocorrido sinalizam a ruptura. No entanto, o pouco a pouco, citado por um dos participantes, aponta para o papel das relações na reconstrução simbólica frente ao traumático. Eis algumas falas nesse sentido, compondo a unidade temática 2.2.3 *Função do grupo social*.

*E as pessoas faziam orações de noite, à tarde, antes de dormir e era... Bem, era interessante. Eu percebi que tinha uma certa inserção... As pessoas aceitavam todo mundo e compartilhavam comidas, como eu já falei. Então a minha vivência foi assim, com as pessoas. (P1)*

*Se, por exemplo, eu peguei três ou quatro amigos que perder tudo. Eu chamar eles e falar "Vem cá na casa de meu pai, ficar comigo porque eu...". Pra mim, eu não pode deixar um amigo na rua. Tá dentro de minha casa. Eu chamar três amigos, com meu primo que perdeu o pé, são quatro. No hospital até 3 ou 4 meses, eu ficar ajudar. (P6)*

Ser cuidado ou cuidar foi uma das situações mais relatadas pelos participantes no pós-evento. Estar rodeado por pessoas, caminhar pela cidade a procura de amigos e familiares foi fundamental nos primeiros passos de elaboração do terremoto. Inclusive reencontros, decorrentes do retorno às cidades natais, compuseram este período. Parece incontestável o valor do contato com o grupo após vivenciar catástrofes dessa natureza.

Zaiontz e Sarkar (2014) lembram que ao poder falar sobre o vivenciado com o grupo, nesse tipo de evento, cria-se a possibilidade de despersonalização da experiência individual, em detrimento de algo mais compartilhado. Os meios que a cultura oferta para lidar com o imprevisível são ativados, lembrados e sentidos no contato com os outros, no compartilhamento da experiência. Perceber que não se está sozinho retoma o fundamental frente à vida, a noção de amparo e proteção, rompidos pela experiência do evento.

Ainda que conscientemente não tenha sido relatado, a percepção dos participantes de que houve um aumento da solidariedade entre as pessoas, faz emergir que a reconstrução não inicia na solidão e que a vida aponta para o laço. Os rituais possíveis de acontecer – como as orações em grupo, a conversa, o compartilhamento de refeições – ofereceram importantes recursos de movimentação, de recomeço. Apesar das reflexões apontarem para recursos de enfrentamento, não se pode negligenciar os impactos psicológicos do terremoto, que ultrapassam o estresse físico e mental, como advertem Zaiontz e Sarkar (2014) ao abordar o traumático em diferentes culturas. Eis o que compõe a última subcategoria desta seção: **2.3 Sintomas psicológicos.**

O diagnóstico mais investigado após a ocorrência de desastres naturais é o de Transtorno de Estresse Pós-Traumático – TEPT (Cohen, 2008; Cova & Rincón, 2010; Kohn et al. 2005; Loubat et al., 2010; Sá, Werlang & Paranhos, 2008; Sommer et al., 2013). A definição ampliada

de desastres naturais contém as características do critério A do TEPT (Associação Psiquiátrica Americana, 2014), onde ocorre “Exposição a episódio concreto ou ameaça de morte, lesão grave ou violência sexual [...]” (Associação Psiquiátrica Americana, 2014, p. 271). Ainda que a definição seja proveniente de um manual descritivo é relevante conhecer seus critérios, uma vez que sistematizam os principais sintomas geralmente desencadeados pela exposição a esse tipo de evento.

As três unidades temáticas que compõem a **subcategoria 2.3 Sintomas psicológicos** descrevem sintomas presentes no diagnóstico de TEPT. É fundamental lembrar que a presença de sintomas não é suficiente para concluir o diagnóstico. Ademais, a presente pesquisa não objetiva diagnosticar, o que não a exime de discutir questões nesse sentido e buscar compreender sintomas psicológicos observados. Eis, então, alguns trechos referentes à unidade 2.3.1 *Medo*.

*Tava muito escuro. Não dá muito pra ir na casa porque a gente tinha medo. Porque você... Você tá andando tem... Você já viveu uma grande réplica, você viu o que aconteceu. Quando tem, quando é... Quando você tá sentindo uma réplica, mesmo que não é forte, você pensa... **Você vai pensar que vai acontecer a mesma coisa, entendeu?** (P2)*

*Porque sempre no notícia, antes não falou nada sobre terremoto. Depois que aconteceu, organização nacional, organização internacional, todo mundo tá falando a mesma coisa. Tá falando a mesma coisa. Pode acontecer de novo. **Pode acontecer, todo mundo tem medo. Até um ano pra mim. Até um ano.** (P3)*

Estado emocional negativo, o medo passou a habitar a vida dos sobreviventes após o terremoto. Nos períodos imediatamente após o evento, ele tinha objeto certo: a ocorrência de outros terremotos e todos os efeitos deles consequentes. Assim como uma farpa encravada, o medo fazia do evento algo vivo, constantemente presente e difícil de cicatrizar. E os sujeitos continuamente à espera dele, ainda que fosse aquilo o que mais temiam.

Diferente da angústia automática, o medo aproxima-se da compreensão daquilo que Freud (1926/2014) vai tratar como angústia realística – que Laplanche e Pontalis (2001) vão chamar angústia sinal –, na qual o perigo aparentemente é conhecido e, portanto, evitado ou temido. O evento traumático, enquanto experiência de desamparo, agora é relacionado a uma situação: o terremoto. Assim, o terremoto ocupa o lugar de situação de perigo, na qual o núcleo da compreensão reside na admissão do desamparo material e psíquico frente a sua possibilidade de

ocorrência. Acaba por abalar a segurança do sujeito frente a outras situações, como se quase tudo pudesse ser golpeado e literalmente tremido – e temido.

Sua insistência e persistência, como as falas apontam, o caracterizam descritivamente como sintoma, o que no DSM-5 representa meramente um critério diagnóstico de TEPT. No entanto, a partir da Psicanálise, o medo vai ocupar um lugar importante rumo ao trabalho psíquico, pois indica o caráter intrusivo do evento e sinaliza que ele representa um perigo real, o que demanda do psiquismo um preparo para lidar com ele. Experencia-lo coletivamente parece ter colaborado tanto para sua manutenção, quanto para seu enfrentamento.

O trauma não se restringiu ao registro de uma situação a ser temida. Deixou também, de maneira intrusiva, a sensação de ser novamente vivido, compondo a unidade temática 2.3.1 *Revivências*. Segue algumas falas dos participantes:

*Uma coisa que aconteceu nesse momento é que **toda hora a gente tinha uma sensação de que a terra tava tremendo, de que a terra tremeu, só que não, sabe...** e as pessoas que entravam dentro de casa pra pegar coisas, pra cozinha do lado de fora, né, nas barracas, e... sentiam a terra tremer e corriam pra sair, saíam correndo, entendeu, mas era... um... um traumatismo mesmo, sabe [...] Mas não posso dizer, **não sei dizer se foi real ou não mas eu acho que foi o trauma mesmo**, como as outras pessoas. (P1)*

*A sensação... Quando a gente é assustado, mesmo a gente, como tava assustado, como às vezes **tem o corpo assim, como brigando. Não estava brigando esse dia**. Como brrr (simula barulho de tremor). (P7)*

*Porque tem alguma vez, quando eu pegar cama, eu ficar um pouco, **como eu ouvir, eu senti como o terremoto passar. E não é verdade**. Isso era na minha cabeça. (P6)*

Reviver o evento traumático foi uma experiência comum a todos os participantes da pesquisa. Cabe salientar que essas revivências não são lembranças da situação, mas a sensação de que ela se repetia, com tamanha intensidade afetiva que não havia discernimento imediato entre a vivência psíquica e a realidade concreta, como as falas demonstram. Sonhos que remetiam ao terremoto também ocorreram. Por vezes faziam despertar e levavam as pessoas a verificarem se estava tudo bem, após serem capturados pelo pavor da revivência.

É interessante trazer a tona a fala do “corpo brigando”. A imposição do traumático por meio das revivências incessantes do evento desvela uma de suas características: a compulsão à repetição. A dificuldade de elaboração da situação impossibilitou – ainda que inicialmente – que ela fosse integrada a história dos sujeitos. Assim, não havia possibilidade de recordação, pois o terremoto não estava no registro do passado: insistia sua presença na atualidade. Ora, como recordar aquilo que ainda não se tornou lembrança? A repetição no corpo emerge e reivindica um lugar. A experiência ressurge como que se implorasse ao psiquismo que fizesse algo daquilo que lhe acometeu: briga ativamente por uma elaboração daquilo que sofreu na passividade.

Diante do medo e das constantes impressões de estar vivenciando tudo novamente, o último sintoma identificado a partir das entrevistas foi a 2.3.3 *Hipervigilância*:

*Eu faço todo dia previsão porque não sei se vai acontecer de novo. [...] Qualquer lugar eu vou, **eu ficar olhado se o terremoto passar o que eu vou fazer.** [...] Uma coisa que mudou na minha vida é como se comportar. Eu fico como vigilante todo dia. **Não é por terremoto só, qualquer coisa que acontece, vou me comportar...** Muito vigilante mesmo. (P4)*

*Mas uma pessoa que viveu que tava lá a casa, que tava tal, acho que mesmo o psicólogo e tal não vai tirar isso. A gente vai compreender que isso não vai acontecer e... Isso não vai acontecer mesmo e tal, se tem, você não vai ficar assim de qualquer... **Mas você é uma pessoa, desde que o terremoto passou, esse sentimento que ele deixou na sua vida, quando aconteceu alguma coisa você vai ficar uma pessoa alerta, entendeu?** (P2)*

Como os trechos afirmam, a atenção em relação aos perigos ficou aguçada pós-evento. É fundamental perceber o quanto a razão pouco importa diante do ocorrido. Estar no Brasil, que não é acometido por terremotos de magnitudes significativas, não garante segurança. E isso porque a hipervigilância não se refere exclusivamente a um novo terremoto, mas esta situação virou o protótipo de ameaça à vida – e a noção de segurança que a ampara –, que antes podia até ser sabida, mas não era conhecida. A atenção passa a ser redobrada em torno a grandes construções e lugares onde as saídas não são claramente indicadas ou propriamente facilitadas.

O conceito de trauma abarca em sua definição também a constante sensação de perigo, que como já afirmado anteriormente,

mantém o sujeito alerta e um evento traumático pode ser inteiramente esperado. Os efeitos na realidade concreta do terremoto ou qualquer evento identificado como traumático não podem ser negligenciados. Mas o trauma não reside no evento ou no acúmulo de determinados acontecimentos. É a partir dos efeitos naqueles que o vivenciaram que se pode identificá-lo e nomeá-lo como tal (Zaiontz & Sarkar, 2014).

O fato de o TEPT ser marcado especificamente em termos temporais e locais, além das qualidades específicas do evento considerado traumático nos critérios, possibilita que ele seja mais amplamente discutido em termos diagnósticos no caso de desastres. Em cada um, a exposição ao terremoto teve efeitos e deixou marcas singulares, algumas ainda difíceis de nomear, que demandam um olhar mais acurado e outros métodos de investigação. Mas o que se observou ao longo das entrevistas é que houve vivências comuns a todos os participantes da pesquisa e que podem ser atribuídas ao terremoto. Pelas suas vozes, escutou-se também, de certa forma, as vozes daqueles que os circundavam.

Quando a capacidade de realizar os objetivos de vida é ameaçada por experiências tão próximas à morte, pode-se falar em trauma. No entanto, é fundamental recordar que esses objetivos são construídos na cultura, por meio daquilo que por ela é “prescrito”. Assim, Zaiontz e Sarkar (2014) lançam uma interessante reflexão: na perspectiva de culturas individualistas, se o evento traumático ameaçou o senso de controle, independência e poder ele tem mais chances de ser interpretado como negativo e contribuir para o agravamento do sofrimento.

Em contrapartida, em culturas coletivistas o perigo reside muito mais na ruptura de laços, falha em algum papel social ou ainda quando impõe uma desarmonia ao funcionamento do grupo. Sem perder de vista essas considerações, as próximas categorias discutidas tratarão dos fatores que dificultam ou contribuem para a elaboração das duas experiências em questão no presente estudo: a migração e a exposição ao terremoto.

### 5.3 CATEGORIA 3: FATORES DE RISCO

Enquanto uma forma de apresentação do mal-estar, o sofrimento psíquico pode variar no que concerne à intensidade e modos de manifestação. Seja como for, é afetado por diversas condições ou variáveis que ao culminarem em efeitos agravantes do sofrimento, são

compreendidos como fatores de risco. Ou seja: os fatores de risco são condições ou variáveis que aumentam a vulnerabilidade do sujeito.

Pode-se apreender os fatores de risco que atuam sobre os haitianos imigrantes na região metropolitana de Florianópolis, como demonstra a Tabela 5, por meio dos **3.2 Acontecimentos pré-migratórios**, dos **3.2 Aspectos sociais no país de acolhimento** e das **3.3 Reminiscências do terremoto**. As respectivas unidades temáticas retomam trechos que contribuem para discussão nesse sentido.

Tabela 5 - Categoria 3: Fatores de risco

3. FATORES DE RISCO	<b>3.1 Acontecimentos pré-migratórios</b>	<i>3.1.1 Exposição ao evento traumático</i> <i>3.1.2 Perdas</i>
	<b>3.2 Aspectos sociais no país de acolhimento</b>	<i>3.2.1 Discriminação</i> <i>3.2.2 Problemas financeiros</i> <i>3.2.3 Dificuldade de integração com brasileiros</i>
	<b>3.3 Reminiscências do terremoto</b>	<i>3.3.1 Tristeza</i> <i>3.3.2 Percepção de mudanças em si</i>

Como já discutido anteriormente, o fluxo migratório para o Brasil foi desencadeado pela ocorrência do terremoto, um evento traumático devido suas características e efeitos na vida daqueles que dele sobreviveram. Logo, a *3.1.1 Exposição ao evento traumático* compõe a primeira unidade temática relacionada aos fatores de risco, demonstradas nos trechos a seguir:

*É catastrófico. Catastrófico. Aconteceu uma catástrofe natural, catástrofe na sua vida também. É isso que eu posso dizer... Sem nome significativo porque triste é menos, outro é menos, entendeu? Outro é menos... [...] O terremoto vai tá na cabeça de todos os haitianos que viveu essa situação, mesmo que 30, 50 anos e tal. (P2)*

*Eles foi comigo no hospital, porque eles falaram que uma coisa assim passar a frente de mim, eu tenho que vai no hospital e eu falar com eles “não, eu não tenho nada!”. [...] Porque quando uma coisa assim passa a frente de uma pessoa, você vai imaginar, vai pensar muito, muito. Por isso eles falaram. [...] eu falar “eu sou normal, não tenho nada!”. (P5)*

A “catástrofe na vida”, segundo a percepção daqueles que vivenciaram o terremoto, ficará registrada ao longo dos anos que

seguem. Além de deixar uma marca afetiva por vezes difícil de nomear, aparece como um risco à saúde mental que não se restringe às compreensões teóricas ocidentais concernentes ao trauma, mas também é percebida como perigosa pelos próprios haitianos, como a fala de P5 aponta. No trecho em questão o participante relatou a preocupação de sua família – que residia numa região menos atingida pelos tremores – em relação ao fato dele ter presenciado o evento de perto.

Vale retomar que problemas relacionados à saúde mental são vistos como tabu, de maneira geral, na cultura haitiana (Pierre et al., 2010). O incômodo do participante ao enfatizar sua normalidade para a família parece proporcional à preocupação desta com a sanidade de alguém que corre o risco de “enlouquecer” após vivenciar tamanha desgraça. A vergonha reside tanto no risco de adoecimento, quanto na possibilidade de conviver com alguém que adoça na alma, como alguns se referiam às questões subjetivas.

Depreende-se que a exposição ao terremoto consiste em um fator de risco pré-migratório pelos efeitos gerados e discutidos anteriormente na CATEGORIA 2. Acrescido a dificuldade de se falar sobre questões ligadas a saúde mental fora do seio familiar, relatar sobre os sintomas decorrentes da exposição ao evento traumático torna-se uma tarefa difícil em outro lugar que não o país de origem, o que se apresenta como um entrave à elaboração por intermédio da fala. Abre brecha – ou dificulta a cicatrização da brecha aberta, por outro lado – para outras vias de expressão do sofrimento, marcadas principalmente pelo isolamento decorrente da vergonha de se expor.

Para além da própria experiência, as 3.1.2 *Perdas* consequentes do terremoto também foram visíveis nas entrevistas como demonstram os trechos a seguir:

*Eu tava sofrendo no Haiti, por causa do terremoto. Imagina, meu pai tava empresário, ele tinha uma empresa no Haiti, tinha pessoa que tava trabalhando junto, com ele. Depois terremoto destruiu tudo, então meu pai morreu com estresse, as coisas. Ele depois tava chorando todo dia, até ele morreu. Minha mãe morreu depois também. Depois disso, eu fiquei... Imagina uma pessoa, uma criança, que tinha uma família, tava na escola, tem pai, mãe, dava tudo pra você, depois você fica sozinho num país, muito, não sei como se fala, desert, não sei se é desert. (P3)*

*Esse amigo nunca voltar a ver. Ficava pensando. Pero às vezes já, às vezes não. Às vezes pensar muito nisso. [...] Quando penso em ir para o Haiti “ai, esse amigo nunca vou voltar a ver...”. Nunca, nunca. (P7)*

As perdas relatadas são restritas ao terremoto, mas tocam todas as perdas anteriores. Por mais compreendidas que sejam, perdas remetem à ferida narcísica da finitude daquilo que é amado. Assim, o “saldo negativo” deixado pelo evento foi trazido na bagagem de cada um desses imigrantes, adquirido antes mesmo das dívidas literais que fizeram para continuar suas vidas no Brasil. Relevante notar que P3, que faz analogia a uma criança sem nada, é um homem de 31 anos. Sua fala evidencia a vulnerabilidade em que se encontrou após a morte de seus pais, atribuída ao estresse e tristeza gerados pelo terremoto.

Como os estudos apontam, a morte de familiares e pessoas próximas, perdas ligadas às ocupações e danos às residências na ocorrência de desastres naturais, agravam os riscos relacionados ao sofrimento psíquico dos sobreviventes (Cova & Rincón, 2010; Kohn et al., 2005, Montazeri et al., 2005). Além disso, sabe-se que a imigração involuntária representa um risco à saúde mental também pela sua relação com os eventos pré-migratórios que forçaram a saída do país de origem (Martins-Borges, 2013).

A experiência do terremoto foi marcada por características do traumático. Por se tratar de um evento anterior à migração – e inclusive crucial para a ocorrência da última –, contribuiu para o estado de vulnerabilidade a que esses imigrantes haitianos são expostos em termos psíquicos. Portanto, cabe ressaltar que essa unidade temática traz a tona fatores de risco pré-migratórios que se relacionam com os pós-migratórios – serão discutidos na sequência – e caracterizam o sofrimento psíquico das imigrações involuntárias.

A maneira como aqueles que chegam são recebidos no país de acolhimento, também impactam suas vidas. Nesse sentido, aspectos sociais do país de acolhimento podem ter consequências negativas ou positivas na integração, bem-estar e saúde mental dos imigrantes. No que concerne ao que representa fatores de risco para os imigrantes entrevistados, eis relatos referentes à 3.2.1 *Discriminação*.

*Porque eu tenho meu colega no meu serviço que fala comigo, só pra falar comigo, ele me disse ‘S5, venha cá. Tem coisa que você não sabe.’. Eu fala ‘Qual coisa?’. Ele fala ‘Preto no nosso terra, no nosso país não tem valor. Imagina um preto de outro país.’. Eu falo ‘Ah, não faz mal.’. Depois ele fala ‘É brincadeira.’. Então tá bom, sem problemas. (P5)*

*Não sei se eles são racista também... Porque eu lembro quando eu trabalhei no restaurante, tem um moço brasileiro que falou pra mim: ‘as coisas pesada é pra negro, as coisas leve é pra branco’. Não sei se ele tá racista, não sei. (P4)*

Sem muita clareza do que se tratava a sensação de hostilidade vinda de algumas vivências – ou de histórias ouvidas por outros conterrâneos –, todos os participantes trouxeram alguma situação afirmada “estranha”, geralmente minimizada após o relato, como demonstra a fala de P5. Categorizadas como manifestações discriminatórias, tanto por demarcarem diferenças, como pela compreensão de que em tais situações se segregou amparado numa concepção racista, tais pontuações apontam um aspecto social potencialmente negativo para os imigrantes haitianos.

Uma dupla discriminação se apresenta: pela cor da pele e pelo status de estrangeiro. A partir do trabalho de Handerson (2015), que também tratou das discriminações raciais enfrentadas pelos participantes de sua pesquisa, levanta-se o aspecto discriminatório ligado ao contexto das políticas migratórias brasileiras do Estado Novo. Nesse sentido, não eram todos os imigrantes desejados e a base étnico-racial era – e continua sendo – um dos indicadores de tolerância. Como tristemente marca a fala do colega de trabalho de P5, os negros brasileiros historicamente são diferenciados e marginalizados no contexto social nacional.

Ser estrangeiro é acrescido às características de diferenciação, que como marca da alteridade faz lembrar a condição estrangeira de cada um de nós e, portanto, tombar a presunção de ser “um”, inteiro, sem limites e único (Souza, 1998). É como se a presença dessas pessoas, imigrantes e negras, fizesse retornar o passado sofrido de uma história silenciada, que incorporou as relações de poder dos tempos de colonização, sem nenhuma elaboração. Na impossibilidade de fazer diferente, repete.

Para além das dificuldades com aprendizagem do idioma e trâmites burocráticos para fazer valer seus conhecimentos laborais, os participantes se veem diante de desafios econômicos que impactam muito suas vidas. Esses desafios não são dissociados do histórico de desigualdades no contexto brasileiro, bem como das características que levam a discriminação dessas pessoas, tanto no âmbito micro como macro, quando se pensa o Estatuto do Estrangeiro em vigor no Brasil. Eis alguns trechos que elucidam essas dificuldades, compondo a unidade temática 3.2.2 *Problemas financeiros*.

*E com uma pessoa só trabalhando pagar um kitinet de 600 reais. Tem que comer, tem que mandar lá pra ajudar os filhos... Toda a gente tem obrigação pra trabalhar. (P7)*

*Pra fazer 1000 dólares, eu preciso quase 3000... Não, quase 4000 reais. Tá complicado. **Pessoa que trabalha a 900 reais por mês. Tá complicado.** Se a pessoa não precisa mandar dinheiro pro Haiti, não precisa viajar, se a pessoa não precisa, tá tranquilo. Quando eu recebi mil reais, dois mil reais, dá pra viver no Brasil tranquilo. **E quando você pensa pra estrangeiro, pra mandar dinheiro, pra viajar...** (P5)*

A imobilidade geográfica dos familiares no Haiti é muitas vezes sustentada pela mobilidade dos que partiram, como bem observou Handerson (2015). Assim, os trechos elucidam que a recompensa pelo trabalho prestado aqui é essencial a muitos e, portanto, os gastos devem considerar todos os envolvidos na conta, sem esquecer a conversão de moedas e taxas de envio. Os baixos salários, decorrentes das atividades prestadas – geralmente ligadas a serviços gerais e construção civil – marcam uma sensação de impotência no intento individual e coletivo, constantemente atravessados na cultura haitiana. Cabe lembrar que dois participantes são estudantes e recebem bolsas referentes aos acordos de universidades.

A necessidade de elevar o montante leva a aumentar também as horas despendidas na jornada de trabalho: mais de um emprego, horas extras ou um desgaste psíquico importante pensando como fazer para dar conta. Em contrapartida, as horas de lazer, descanso e qualificação – curso de português ou profissional – são praticamente inexistentes, haja vista as obrigações religiosas que também geram compromissos.

Como resultado, observa-se a restrição no que se refere à circulação na cidade de residência e conseqüentemente uma redução nas relações sociais que poderiam advir desses percursos. Assim, esses imigrantes se restringem, de maneira geral, aos períodos de trabalho/estudo e de permanência em casa, tanto pela falta de tempo, quanto de dinheiro. Esse aspecto dificulta a integração na cultura de acolhimento, o que certamente é envolto por outras características além dos recursos concretos.

Por falar em integração, a relação com os naturais do país de acolhimento emerge como mais uma unidade temática chamada 3.2.3 *Dificuldade de integração com brasileiros*, demonstrada por intermédio dos fragmentos na sequência.

***Porque não sei como ligar, fazer amigo.** Acho que essas pessoa, não sei como que conseguiu fazer amigo... Como você pode fazer amigo com, por exemplo, um brasileiro aqui. Porque a pessoa não dá confiança, porque amigo é que tem uma... Como se diz... É um tipo de pressão, não*

*pressão, é um sentimento no coração de duas pessoas que aproxima e tal. É junto, mas aqui não. Não. E não só eu, entendeu? (P2)*

*Mas eu não nego esse lado de as pessoas serem legais e acolhedoras, né, num primeiro tempo, sabe? Mas o... a... o... a dificuldade se... hã... não sei qual palavra usar mas hã... os problemas, a dificuldade de me relacionar com as pessoas é, tem a ver com o passar do tempo, com o depois, sabe. [...] É difícil manter uma relação com as pessoas, não sei se é por causa da, de sermos diferentes, de sermos estrangeiros ou não sei, não sei se as pessoas são assim mesmo, entendeu? Em si. Daí é difícil de dizer. (P1)*

A curiosidade despertada pela diferença, oriunda de sua própria relação com os processos de identificação, circunda o imaginário que sustenta a ideia de que o “brasileiro”, enquanto categoria genérica, é acolhedor. Receber, perguntar de onde vem, o que veio aqui fazer podem até representar começos, mas não asseguram laços. E a percepção dos participantes a respeito da relação com a sociedade de acolhimento parece marcar esse fato. Sentem-se geralmente como pessoas que despertam interesses de socialização, mas a continuidade das relações inauguradas representa um verdadeiro desafio.

Torna-se complexo discutir os possíveis motivos dessas dificuldades sem correr o risco de simplificar as experiências de relação, únicas para cada sujeito. No entanto, a partir do que se sabe sobre os efeitos da perda do quadro cultural de referência e as exigências psíquicas que a migração demanda, ainda mais em determinadas condições migratórias, pode-se inferir que decodificar a realidade torna-se uma tarefa trabalhosa, o que impacta as relações (Betts, 2013; Martins-Borges, 2013). Principalmente no que concerne ao contato entre as pessoas, os implícitos da cultura ocupam um lugar privilegiado.

Não basta estar disponível – o que já é dificultado pelas razões discutidas nas unidades temáticas anteriores –, mas as sutilezas que compõem as formas de se relacionar em determinados contextos atuam significativamente. A impossibilidade de êxito em tentativas de ligações de confiança cansa, como os participantes relatam. Assim, eles passam a se abster dessas buscas e se restringem ao contato com os conterrâneos ou outros imigrantes, principalmente africanos que residem no Brasil. Representa risco quando aumenta a sensação de discriminação, vergonha e humilhação, fazendo com que evitem contatos sociais que geram esses desconfortos e, portanto atividades que auxiliariam na integração no país de acolhimento.

Não se pode esquecer que as marcas do terremoto em cada um, podem gerar efeitos negativos na sociabilidade, estabelecimento de confiança, bem como nas adaptações exigidas pela migração e as mudanças provenientes desta. A última subcategoria, **3.3 Reminiscências do terremoto** traz a tona esse ponto, a ser compreendida primeiramente pela *3.3.1 Tristeza*.

*Acho que... Acho que essa tristeza tava comigo por todo... Não, como posso explicar. **Acho que essa tristeza não vai sair mais.** Porque eu sempre triste. (P5)*

*Até hoje é muito triste pra mim, **porque tem alguma vez eu ficar pensar e meu coração bate forte.** Meu coração bate forte porque eu tenho bastante amigo que eu... É muito difícil pra mim porque eu tava na faculdade em Porto Príncipe eu estava na casa de meu pai, com um primo meu. No terremoto, um amigo perdeu um pé... É muito... Até agora quando eu falar com ele, ele falou "as coisas tá muito difícil, não dá pra trabalhar". Agora ele não pode trabalhar, ele não tem perna. Só... **Eu ficar, eu me senti, eu ficar chorar.** Então às vezes, eu... Isso vai me fazer muito mal porque ele é muito amigo meu. **Assim tá muito difícil pra mim.** (P6)*

Manifestada por formas distintas – choro, evitação sobre o tema, silêncio – a tristeza foi o sentimento mais nomeado pelos participantes como aquilo que restou do terremoto em suas vidas. Por ser um sentimento inevitável frente às perdas, era de se esperar que emergisse da lembrança do evento e nesse sentido, não surpreende. É caracterizado como fator de risco pela sua insistência, agravada pela migração, que mantém cenários de distâncias: da família, de hábitos, lugares. Todas as situações, desencadeadoras de tristezas por colocarem em contato com a perda.

A descontinuidade que o trauma gera atinge também dimensões da identidade. O golpe proferido sobre premissas básicas em relação à vida demanda do psiquismo uma espécie de sutura, que auxilie na integração do evento e de seus efeitos na biografia de cada sobrevivente. Algumas *3.3.2 Percepções de diferenças em si*, quando muito estranhas para o sujeito, remetem à angústia desencadeada pelo estrangeiro, como demonstram os trechos a seguir.

*Porque, por exemplo, antes do terremoto eu não posso dizer todo dia, eu fica feliz. Mas tem algum dia que eu fica feliz, com meu amigos, minha família. Depois terremoto eu não tenho ninguém como amigo, todo*

*mundo tá sofrendo. Como eu, meu alma tá mudando. Porque todo mundo fica sofrendo. Eu também. Tá sofrendo. (P6)*

*Tipo tudo quer mostrar isso como algo normal, mas pra mim não faz sentido como algo normal, sabe? Tipo, de não poder hã... de não poder ter um relacionamento definitivo com as pessoas, de estar sempre se apresentando, de estar sempre respondendo as perguntas, entendeu? De, de estar sempre a ser visto como um estranho nos lugares. De não poder pertencer ao lugar, entendeu? De uma forma definitiva e tal... e eu não consigo achar uma normalidade. (P1)*

Terremoto e migração suscitam nas falas como situações que geram exigências de mudança. De alguma forma, todos marcaram percepções de diferenças em si após esses eventos. Mas aqueles que são expressos com desconforto, por serem incômodos ou irreconhecíveis para esses sujeitos indicam fatores de risco importantes. O risco, nesse caso, não parece residir na falta de controle das mudanças sobre si, pois ao atribuir parte dos acontecimentos à vontade Deus, livram-se dessa total responsabilidade. Mas é a sensação da perda de um lugar familiar, ocupada por estranhas “forças” que agem na alma, naquilo que de mais íntimo se tem.

Todos os fatores de risco identificados parecem remeter à fragilidade que os participantes percebem em si, o que acaba por falar da necessidade de uma rede, atualmente atravessada pela ausência imposta pela migração. Permeados pelas perdas, sentem em alguns momentos que perderam a capacidade e a possibilidade de estabelecer novos vínculos visto que os efeitos das perdas cravam algo diferente em suas histórias.

Ainda que didaticamente categorizados, os fatores de risco se relacionam e formam uma complexa rede de situações que aumentam os riscos de agravamento do sofrimento psíquico desses sujeitos. A boa notícia é que as forças, categorizadas como fatores de proteção soam mais fortes do que os obstáculos ao bem-estar no caso desse grupo e serão abordados na última categoria de análise do presente estudo.

#### 5.4 CATEGORIA 4: FATORES DE PROTEÇÃO

As abordagens atuais em torno dos fatores de proteção não compreendem o conceito como mero antônimo dos fatores de risco, mas focam na questão da resiliência (Schenker & Minayo, 2005). Assim, tratar dos fatores de proteção não significa compreender que a vulnerabilidade ou o risco delas são inexistentes em determinado

momento do ciclo de vida, mas direciona a atenção aos recursos que se tem e se criam para integrar os infortúnios à própria história com menos prejuízo.

Essa categoria na presente análise foi compreendida a partir dos **4.1 Vínculos**, **4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem** e **4.3 Projetos futuros**, por meio de suas respectivas unidades temáticas, como se pode observar na Tabela 6. Como lugar privilegiado de transmissão da cultura e das representações iniciais do sujeito, inicia-se com os trechos que remetem ao *4.1.1 Contato com a família*.

Tabela 6 - Categoria 4: Fatores de proteção

4. FATORES DE PROTEÇÃO	<b>4.1 Vínculos</b>	4.1.1 <i>Contato com a família</i> 4.1.2 <i>Amigos</i> 4.1.3 <i>Religião</i>
	<b>4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem</b>	4.2.1 <i>Contato com conterrâneos no idioma primário</i> 4.2.2 <i>Hábitos alimentares</i> 4.2.3 <i>Música</i>
	<b>4.3 Projetos futuros</b>	4.3.1 <i>Trabalho</i> 4.3.2 <i>Família</i> 4.3.3 <i>Outros deslocamentos geográficos</i>

*Todo dia. Todo dia com meu filho e minha esposa. Porque lá quando eu venho ela tem um celular como esse, por Whatsapp e Facebook também. Messenger. Fala todo dia, falar. **Pensa que não viu, pero fala todo dia.*** (P7)

*Frequente, diariamente no Whatsapp (risos). **É, todo dia, 'oi, tudo bem, tal, como vai?*** (P2)

Primeiro e principal fator de proteção ligado aos vínculos, eis o contato com os familiares, seja lá onde eles estejam. Todos os participantes relataram contatos frequentes com aqueles que ficaram no Haiti, mas também com os membros da família que estão no Brasil, nos casos em que isso ocorre. Importante notar que a tecnologia possibilita a minimização de alguns efeitos da distância geográfica, facilitando a troca (Ainslie et al., 2013).

Mas esse contato não significa apenas as trocas permeadas pela conversa ao telefone, *Whatsapp* e outros meios possíveis. Ela trata, principalmente, de uma representação de contato, algo que possibilita

que mesmo longe se esteja perto e continue pertencendo. É pautada tanto no lugar que a família ocupa “em si” quanto no lugar que se ocupa na família, a partir da cultura haitiana (Pierre et al., 2010). Como P7 aponta, mesmo não estando junto ele sabe do que se passa com os filhos, acompanha, participa de decisões e assim mantém algumas dimensões de seu status paterno. Destarte, o contato com os familiares atua a favor da manutenção de papéis que remetem a continuidade, crucial frente às rupturas.

Porém a família não é o único dos elementos de compreensão dos vínculos como fator protetivo. A rede composta pelas pessoas que não possuem vínculos consanguíneos, mas estão próximas, cumpre uma função valorosa na vida dos participantes, como demonstram os trechos a seguir ao falar dos *4.1.2 Amigos*:

*[...]criando outros, novos laço né, com outras pessoas, eu consigo... é, é... eu consigo me manter aqui sem, sem vontade de voltar e consegui a me adaptar também, então essa nova... uma nova partida, foi uma nova partida pra mim... chegar aqui e fazer uns amigos, então, eu... por isso eu acho que consegui me adaptar bem com os amigos, as pessoas que são pra mim uma nova família. (P1)*

*Eles disseram comigo “fica tranquilo, não tem problema, agora nós somos família, não tem problema.” (P6)*

Como substitutivos dos familiares, os laços compostos pela amizade tecem uma rede fundamental. Pode-se dizer que esse tipo de laço é estabelecido geralmente com conterrâneos, seguidos de imigrantes de outras nacionalidades, principalmente africanos. A dificuldade da continuidade de laços com brasileiros, discutido na categoria anterior, tem relação com esse ponto. No entanto, reflexões acerca da constituição do sujeito, sua socialização na cultura e os próprios impactos da migração apontam questões importantes nesse sentido.

Ao lembrar que é na relação com os outros que o sujeito se constitui e constrói modos de lidar com as adversidades, não se pode ignorar o atravessamento da cultura nesse processo. A identificação com os conterrâneos ou ainda aqueles que partilham de implícitos culturais semelhantes facilita o contato e remete a um lugar conhecido, familiar. Ora, se é no seio familiar que se inaugura também a noção de proteção, não surpreende a “nova família” que se compõe no encontro entre

aqueles que partilham de elementos comuns, o que inclui um terremoto na história. Compartilhar atua, novamente, a favor da vida.

Também a imigração, com todos os fatores que a interpelam e se colocam como obstáculo, é vivida com menos vulnerabilidade no partilhar das experiências com os amigos que compõe a rede. Para além das pessoas e suas representações, outro ponto que faz compreender os vínculos é a *4.1.3 Religião*, demonstrada nas falas seguintes:

*Fica bem porque eu... Eu sou uma pessoa, eu acredito em Deus. Eu fazer oração por Deus e qualquer coisa que acontecer na minha vida, ele vai me proteger, fica bem tranquilo. (P4)*

*É assim que está a vida. A vida a gente sempre acha coisa, a vida nos pratica coisa. A vida é um parte de osso, uma parte carne. Quando sai carne tem osso. Pero se eu acho osso graças a Deus. Achar carne, também, graças a Deus. Pero quando eu acho osso fica um pouco ruim, pero não passar muito... Ficas uns dois ou três minutos assim. Isso tem na vida. Não fica muito ruim, muito pensando não. Eu sei que tem isso. (P7)*

Todos os participantes afirmaram ter uma religião. No que concerne às práticas relacionadas a esta, alguns ainda encontram-se um pouco confuso sobre as filiações possíveis no país de acolhimento – qual igreja frequentar, frequência, bairro, etc. As funções da crença religiosa auxiliam na organização psíquica frente às adversidades, uma vez que oferece certo alívio e segurança. Na cultura haitiana não é diferente (Pierre et al., 2010). A diversidade religiosa foi identificada na presente pesquisa por representantes do catolicismo e de vertentes protestantes. Nenhum participante se remeteu a filiação com o Vodou e alguns, até mesmo, expressaram desaprovação ao último em pequenos comentários.

Há que se considerar que o manejo do sofrimento psíquico de eventos traumáticos em sociedades coletivistas, comparadas às organizações mais individualistas, é “melhor sucedido” pela relação com a crença (Bastos, 2008). Ao remeter a Deus ou a elementos do destino aquilo de mal que lhes ocorre, ajuda a evitar a culpa e transmite para os rituais da religião as possibilidades de reparação – como pela oração, por exemplo. Diminui significativamente a sensação de solidão.

Além de colocar o sujeito em movimento, ao levá-lo a cumprir com suas responsabilidades ligadas a religião, atua a favor da integração e socialização na sociedade de acolhimento. Comparecer às missas ou cultos os tira de casa e promove encontros, opera em direção a socialização uma vez que nos espaços de exercício das práticas

religiosas acabam por encontrar com pessoas da comunidade, que não se restringem a imigrantes. Ao oferecer muito mais do que retirar, a religião cria ligações e assim protege.

Apesar de demandar adaptações, um importante fator que protege o sujeito em outro lugar é a **4.2 Manutenção do vínculo com a cultura de origem**, que nesse caso foi identificado a partir de alguns elementos, como o *4.2.1 Contato com os conterrâneos no idioma primário*, como demonstram os trechos a seguir:

*Eu to morando numa casa só com haitianos. Cinco, entendeu? Cinco haitianos. A gente fala crioulo, brincadeira, comida, suco haitiano, tudo haitiano... Não vai esquecer (risos)! (P2)*

***Crioulo.** Tem momento que quando eu encontrar uma pessoa que tem educação também, eu falar francês com ele. Porque nem todo o povo que fala francês. Francês é só pro pessoa que foi na escola. [...] Quando eu encontrar pessoa de outro país... Africanos. **Quando eu encontrar eles que falam francês, eu sempre falar francês com eles.** (P5)*

Crioulo haitiano e francês são os idiomas oficiais do país. Quando questionados sobre a língua primária, todos os participantes responderam o crioulo e dois participantes incluíram o francês. Representante da linguagem, passível de transmissão do que constitui o mundo para o sujeito, o acesso aos idiomas primários constitui um fator de proteção importante, por permitir o acesso e expressão a/de marcas afetivas, intraduzíveis na língua estrangeira.

Sabe-se que a falta de domínio ou conhecimento do idioma do país de acolhimento tem repercussões negativas para os imigrantes, de modo geral (Ainslie et al., 2013; Lussi & Marinuci, 2007). Além de dificultar questões práticas, da vida cotidiana, atua como mais um fator que reforça a sensação de estrangeiro, não pertencente. Todos os participantes não tinham nenhum domínio da língua portuguesa antes da imigração. Ainda que a aquisição posterior tenha se dado – e todos apontam a importância de avançar nesse sentido –, a existência de um espaço de expressão na língua primária possibilita um importante refúgio no familiar, uma vez que, diferente da pátria ou das pessoas que nela habitam, pôde se deslocar com esses imigrantes.

Outro elemento de contato com a cultura de origem que emergiu das falas dos participantes foi em torno dos *4.2.2 Hábitos alimentares*:

***É uma tradição mesmo de fazer sopas de abóbora dia 1º de janeiro pra comemorar a data da Independência do Haiti. 1º de janeiro então, lá os haitianos fazem e a gente faz aqui também. Se reúne entre nós pra, né... Pra beber a sopa, né, comer junto e isso é propriamente haitiano. E a gente se sente no Haiti, sabe. (P1)***

*É, e comida. Porque quando você mora com as mesmas pessoas da sua terra, tal e tal, difícil, quando você tá a morar, tem dois e três, por exemplo, dois ou três brasileiras num outro país. É claro que você não vai esquecer a sua cultura. Ela vai sempre presente, não na integralidade dela, mas ela vai sempre existir. Você fala português e tal, faz comida brasileira, brincadeira brasileira, entendeu? (P2)*

Não só elemento de satisfação das necessidades biológicas, a comida representa afetividade desde muito cedo na vida. Como uma das primeiras experiências de ligação entre mãe (ou cuidadores) e bebê, os rituais em torno da alimentação envolvem fortes elementos de uma cultura, com seus jeitos, temperos, modos de manipular, sabores, cheiros. Na materialidade da refeição se abrigam implícitos familiares, momentos e lugares que ultrapassam a mera mistura de ingredientes.

Pela fala dos participantes, os hábitos alimentares surgem como indissociáveis das relações. Portanto, comer, o que e como se come no Haiti é favorecido no encontro com os conterrâneos. Como a fala de P2 aponta, mesmo que não seja de maneira integral, a cultura é aquilo que resta quando nem tudo pode ser lembrado ou acessado. Continua e faz o sujeito “continuar” por meio de elementos que a sustentam. Mesmo não estando no Haiti, ao sentir um gosto dele a ele se retorna subjetivamente.

***Pra divertir. Eu gosto de escutar música. O dia de feriado eu fico escutando música. (P6)***

***E músicas haitianas também, sabe. A gente toca, a gente tem bastante encontro, eventos, que é haitiana, entendeu. (P1)***

Os trechos acima apontam outro elemento referido pelos participantes como elo com os costumes da terra natal. São as 4.2.1 *Músicas*. Ao remeterem a língua primária, não só em palavras, mas na entonação, ritmo e danças, soam às origens. Atribuem a facilidade de acesso a esse elemento cultural à tecnologia. As músicas constituem também parte das trocas com os conterrâneos que permaneceram no Haiti, afinal, por meio de suas composições são portadoras de narrativas

locais e um representante do entretenimento passível de troca à distância.

Pela relação que estabelecem com o cotidiano, muito focada no trabalho/estudo e na espera pela reunião familiar, um importante fator de proteção se caracteriza pelos desejos que remetem ao futuro. Ao avaliar algumas barreiras concretas que atravessam suas vidas – vulnerabilidade socioeconômica, a migração involuntária, desafios de integração na sociedade de acolhimento –, cabe pontuar que a proteção não reside no conteúdo desses planos. Mas diante dos difíceis eventos que atravessaram a vida desses sujeitos, identificar a existência de projetos futuros faz pensar características de economia e dinâmica psíquica que possibilitam vias de elaboração do traumático.

Eis, assim, a última subcategoria de análise referente aos fatores de proteção, chamada **4.3 Projetos futuros**. Elemento já existente no presente e que persiste no futuro, o *4.3.1 Trabalho* compõe a primeira unidade temática, como demonstram as narrativas a seguir:

*Primeiro plano, que eu tenho que trabalhar. **Trabalhar pra ajudar minha família, meu familiar.** Eu tenho plano de viajar. Eu tenho vários planos. É porque eu pensa pra eu ter muito dinheiro também. Eu gosto dinheiro. Não sei pra você... Eu gosto dinheiro. Muito, muito. Por isso eu preciso trabalhar, pra ganhar muito dinheiro. (P5)*

*Eu pensar em aprender também. Porque eu mais gosto que mecânico. Eu vou ver se eu posso conseguir **aprender, um curso aqui pra conseguir trabalhar. Minha segunda profissão.** (P6)*

O trabalho, presente no sistema econômico e social atual como elemento fundamental, ocupa um papel de destaque na vida dos haitianos, como apontou a CATEGORIA 1 referente às motivações do deslocamento, tanto no que concerne a continuidade do que já vem sendo feito, quanto na aquisição de qualificações exigidas para trabalhos mais satisfatórios. Os dados referentes à empregabilidade de imigrantes apontam os haitianos como principal nacionalidade no mercado formal no Brasil, além daqueles que apresentaram maiores taxas de admissão em 2014 e 2015 (Cavalcanti et al., 2015).

Pode-se inferir que o caráter protetivo do trabalho está na função que ocupa e que faz esses imigrantes ocuparem nas relações familiares e na atividade – aqui como antônimo de passividade – frente à vida. Há que se recordar de elementos da história do Haiti, bem como repercussões sociais e econômicas da exploração colonial e percurso

trilhado desde então que impactam a vida laboral dos haitianos, nomeadamente daqueles que migram. Mas enquanto meio que viabiliza operações práticas da vida, incluir o trabalho nos planos futuros demonstra essa vontade de prosseguir.

Por conseguinte, a unidade temática anterior só parece fazer sentido se a partir dela algo possa ser compartilhado, com aqueles que compõem a 4.3.2 *Família*. Eis recortes nesse sentido.

*Primeiro, eu preciso casar... Eu quero ter um filho, que eu não tenho. Eu tenho um... **Eu tenho 30 anos mês que vem. Preciso ter um filho. Ter uma mulher... É... Não é muitas coisas, não.** (P4)*

*Pra mim, eu já falei, se eu passar cinco anos aqui, eu ver que **eu não posso conseguir fazer família aqui, vou voltar lá pra conseguir.** Porque quero viver com minha família. Se eu consegui fazer uma família aqui, eu fico. Só se tem possibilidade alguma vez, eu vou viajar pra passar 15 dias com meu família. Visitar minha família, depois voltar aqui, com meu família. (P6)*

A partir do que as unidades temáticas anteriormente analisadas apontaram, a família possui um lugar central na vida dessas pessoas. Mesmo com os vínculos mantidos pelos meios possíveis à distância, ou com aqueles que conseguiram imigrar juntos, o desejo de estabelecer, reunir ou dar continuidade aos projetos familiares caracteriza mais um importante fator de proteção.

Como os trechos demonstram a possibilidade de estabelecer ou estar perto da família orienta, inclusive, o lugar geográfico que se espera ocupar. Não necessariamente no mesmo país, como cita P6, mas em algum lugar e contexto onde seja possível retornar sempre que se queira. A idealização presente nesse ponto denuncia, certo modo, a negação das perdas inevitáveis frente ao duplo traumático: experiência do terremoto e migração forçada. Sabe-se que a probabilidade de retorno ou a facilidade de ir e vir é atravessada pelas mesmas dificuldades em torno de contextos econômicos e sociais que forçaram a partida.

No entanto, há que se convir que o afeto expressado nesses planos familiares apontam para a vida. É como se marcassem as esperanças necessárias para se continuar em movimento – ainda que se saiba que a migração é permeada por outras questões que ultrapassam as possibilidades de análise do presente estudo. No compromisso de futuro com o outro, mais uma vez, a reinvenção continua.

Curiosamente, parte do que constituiu a primeira categoria de análise do presente estudo, retorna à última unidade, constituída por

**4.3.3 Outros deslocamentos geográficos.** Retomando o fato de que a “escolha” do Brasil não se constituiu por projeções e desejos no país de acolhimento, mas principalmente pela oportunidade mais facilitada, os projetos futuros abrangem também o desejo de seguir no deslocamento.

*[...] eu gostaria de fazer o mestrado na... Em Canadá. No Canadá, em Quebec, eu gostaria de poder estudar lá. **Ou num outro país que fala francês.** Tem Bélgica também que eu penso. Nesses dois países. Tem Canadá ou Bélgica, eu gostaria de poder fazer mestrado num desses dois países. (P2)*

***No Haiti, em qualquer lugar.** Pra ajudar, especialmente haitiano no emprego. Esse é missão grande. (P3)*

A distância do Haiti, dificuldade de retornar sempre que se deseja, o idioma... Eis algumas razões pelas quais o Brasil não se constitui como destino final dos participantes, ao menos no discurso manifesto. Sem se queixarem dos motivos daqui – como racismo e a desilusão frente às condições de trabalho, por exemplo – que poderiam contribuir para o próximo deslocamento, atribuem o último, principalmente, a possibilidade mais concreta de contribuir com a terra deixada e tudo o que ela contém.

Freud (1915/2010e) afirmou que as ilusões são bem-vindas por pouparem de sensações de desprazer, possibilitando que os sujeitos aproveitem de algumas satisfações. Tanto no que concerne ao retorno, quanto à mudança para outro lugar, sabe-se que mesmo na alteração da realidade objetiva, certas dimensões da subjetividade não possuem garantia de proteção e que a imigração não deixa de constituir um risco à saúde mental. No entanto, quando esperada e planejada alguns desses riscos podem ser minimizados.

A atividade frente à vontade de se deslocar abarca esperanças e idealização. Por indicar uma continuidade que não se encontra dissociada da realidade, uma vez que essas pessoas já migraram uma vez, os deslocamentos posteriores em busca de soluções não encontradas no Brasil se caracterizam como fator de proteção. Mesmo que não ocorram, a boa notícia reside no projeto, na possibilidade de poder se lançar no futuro mesmo após ter havido a experiência tão próxima de fim da vida. Afinal, fatores de proteção não eliminam os riscos, mas não paralisam frente a estes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desafiadora tarefa do contato com a diferença concretizou-se no presente estudo e fez emergir algumas considerações. Nesta seção, objetiva-se revisitar o percurso do trabalho e ao mesmo tempo “alinhar” reflexões que podem oferecer retalhos para estudos posteriores.

A palavra trauma, corrente no discurso ocidental leigo, é atribuída a eventos da vida com tamanha frequência que, por vezes, perde seu teor de demarcação de algo terrível, sendo posta como sinônimo de dificuldades um pouco mais intensas da vida cotidiana. Questionar-se em torno desse conceito diante de um evento catastrófico, como o terremoto de 2010 no Haiti, foi primeiramente uma tentativa de compreender, para além do conceito, a experiência de um grupo de sobreviventes do terremoto.

Desastres naturais, com todas as contradições que o termo abrange, não deixarão de ocorrer. O avanço tecnológico e científico continua tendo limites frente às consequências da relação humana com a natureza. A cada ocorrência de desastre é espetada uma espécie de agulha na carne, é lembrado ao humano que nem tudo ele pode. Mas quando sobrevive não só escapa da morte como traz consigo uma marca recém-nascida do vivenciado. Maior ou menor, superficial ou profunda, o que se sabe é que essa agulha ultrapassa a pele e é olhada ou desmentida a partir das possibilidades de cada sujeito, sempre inserido na cultura.

Como a literatura aponta e os resultados da pesquisa corroboraram, as características do terremoto de 2010 ocorrido no Haiti o sustentam como evento traumático. Sua capacidade de destruição objetiva, efeitos econômicos, sociais, políticos, psicossociais e subjetivos foram devastadores, como a própria imagem de desabamento e dos escombros propõe. Acrescida a impossibilidade de operar com os próprios recursos, o país viveu o agravamento de condições precárias que carrega ao longo de sua história. Análogo à ruptura advinda do trauma, o estado de demolição em que se encontrou o Haiti no pós-desastre teve seus efeitos na vida dos habitantes daquela terra.

A proximidade com a própria morte e a experiência de habitar o espaço comum a ela em número excessivo encerram a condição chave do diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT, frequentemente investigado na ocorrência desse tipo de evento. Mas ao observar mais a fundo os critérios diagnósticos, percebe-se que aspectos de outros quadros clínicos, mais especificamente de ansiedade e

depressão também podem emergir da experiência desse tipo de evento. Ao encontrar pessoas sobreviventes identifica-se a complexidade de compreensão frente ao que foi feito daquilo que lhes ocorreu, pois a mera descrição de sintomas certamente não abrange essa rica gama de possibilidades. Além disso, permite deparar-se com a especificidade, relativa àquilo que é da ordem do sujeito atrelado à cultura – contribuições da Psicanálise e Etnopsiquiatria.

A imigração não é, portanto, uma simples consequência do evento. Concretizou-se no pós-desastre e motivada pelas circunstâncias deste, é atravessada por características que a constituem como uma saída paradoxal frente ao impensável. Por um lado, é vista no contexto haitiano como uma possibilidade plausível quando as dificuldades se impõem, apoiada e sustentada pela rede familiar onde quer que ela esteja, o que a define como um projeto coletivo, mesmo que ocorra só. Vale pontuar que essa aposta na migração como uma saída – no sentido da alternativa – é engendrada na história marcada por eventos traumáticos e em um sistema econômico complexo. Não são meras escolhas dos migrantes. Ao optar pela dimensão involuntária da imigração, não se delimita apenas um conceito, mas foca-se nas consequências psíquicas que o atravessam.

Por outro lado, a imigração constitui um fator de risco, pois pode levar a um estado de vulnerabilidade ao agravar o sofrimento psíquico frente a todos os desafios que a interpõem: fatores pré-migratórios, como a exposição ao terremoto; dificuldade de se projetar no país de destino; barreiras de acolhimento e integração; idioma; distância de elementos que compõem o quadro cultural de referência e; todas as perdas implicadas no deslocamento, como a necessidade de reorganização interna para continuar pertencendo ao grupo social e familiar, mesmo à distância.

A análise dos dados obtidos demonstrou que, de fato, a experiência do terremoto deixou marcas profundas, se integrando como parte da história do Haiti. Mas suas marcas não se restringem aos 35 segundos de ocorrência e aos efeitos imediatos. O terremoto de 2010 afigura toda a desgraça do país, ferido há muito pela exploração de seu território, ditaduras e instabilidades intensas. Constituiu, ainda, a base de uma renúncia importante para os sobreviventes: a de habitar a terra natal. Isso não quer dizer que essas pessoas jamais migrariam, porém as características desse processo são envoltas por particularidades quando ocorridas pós-desastre.

A imposição do terremoto na terra e na vida desencadeou efeitos de reação frente à situação esperados. Ou seja, os sintomas identificados

marcam um sofrimento psíquico importante, dado o excesso de não significações que rompe defesas comuns frente às adversidades. A angústia remeteu ao inevitável desamparo. Mas os recursos psíquicos de reconstrução frente ao evento, estes sim, surpreendem. Não minimizaram a gravidade da vivência, mas impediram a paralisia dos sobreviventes.

Mesmo não sendo acolhidos como tais, os imigrantes haitianos pós-desastre deixaram sua terra como refugiados. Deslocaram-se em busca de proteção e garantias de continuidade. Não foi à toa que falar das despedidas foi duro. Difícil de expressar em palavras, constrangedor de demonstrar em sentimentos para uma estranha – a pesquisadora –, resistentes de se fazerem palavras na escrita da análise dos dados. A nostalgia passa a ser sentimento comum, pano de fundo desse deslocamento horizonte de continuidade, porém nascido da ruptura – evento traumático.

Percebeu-se ao longo da análise dos dados que os vínculos – ou a ruptura deles – estiveram presentes em todas as categorias de análise: as pessoas com quem contaram para viabilizar a migração; aquelas de quem tiveram de se despedir; a rede no pós-desastre; a família; os amigos; as crenças. Todos remetem a ligações. E aí emerge um ponto interessante: se o trauma abre justamente a ferida do desamparo, desse algo que pega o sujeito e faz “desmoronar algumas colunas” que o seguram à vida, como será possível confiar, apostar nos vínculos, depois de ter sentido o peso das perdas com tamanha intensidade?

Desastre natural, o terremoto foi um evento externo, geologicamente explicado e espiritualmente aceito como “vontade de Deus”. Diferente das imposições advindas da violência de outro semelhante – outro humano, como na tortura, abusos sexuais, genocídios, as mortes de guerra –, esse desastre parece ter um potencial menor de destruição de alguns recursos que colaboram para a elaboração. Como os participantes afirmaram, sentiram um aumento no senso fraternal, na solidariedade entre as pessoas. Arrisca-se dizer que, portanto, o terremoto não alterou a crença no valor e cuidado que os outros podem proporcionar. Sendo assim, não impediu que se recorresse a esses outros, concreta e simbolicamente, o que parece contribuir de maneira significativa para lidar com seus efeitos.

Os fatores de proteção, portanto, se sustentam principalmente em vinculações. Com pessoas, divindades, elementos da cultura e projetos. E essas características fazem sentido numa cultura coletivista, onde o pertencimento é uma importante dimensão da identidade. Não se nega com isso os golpes narcísicos perpetrados pelas perdas, advindas

tanto do terremoto, quanto da migração – manifestadas pela vergonha, por exemplo. A tristeza diante dos obstáculos enfrentados está presente e não é um detalhe. Mas o senso de continuidade oferecido por aspectos muito primitivos da constituição do sujeito na cultura haitiana indicam o movimento de reconstrução a partir dos “pilares estruturais” que não foram danificados.

Assim, podem-se questionar as formas de lidar com as questões de saúde mental. Ao partir do princípio de que há um modo particular, não só no registro singular, mas também no coletivo – do grupo cultural – de compreender e significar as experiências de vida infere-se que também é pelas demarcações do próprio grupo que residem às possibilidades de resolução. Portanto, não foi à toa que os participantes procuraram estar próximos aos familiares, acolheram pessoas em suas casas, oraram e partilharam alimentos no pós-terremoto. Organizaram-se como foi possível para não adoecerem.

Também por isso se resguardam de integrar algumas características no país de acolhimento. A título de exemplo pode-se trazer comentários que emergiram nas entrevistas a respeito de questões sexuais no Brasil. Alguns participantes relataram o desconforto e desaprovação às manifestações afetivas de casais homossexuais e a tolerância – percebida por eles – dos brasileiros nesse sentido. Afirmaram não compreender e nem querer fazê-lo, como se tal mudança de perspectiva sobre o assunto fosse perigosa para si.

Cabe trazer a tona a essas considerações alguns desafios enfrentados no percurso metodológico que se caracterizaram como limites no presente estudo. Apesar de se tratar de uma pesquisa qualitativa com amostra intencional e não representativa, esperava-se contar com participantes mulheres e homens. Como os resultados demonstraram, não houve participação de mulheres. Além de haver um número maior de homens haitianos imigrantes do que mulheres, isso apontado tanto pelas estatísticas quanto pela experiência da pesquisadora – na recepção de ônibus chegando com imigrantes na cidade, visitas à Pastoral do Migrante, eventos com participação de imigrantes, por exemplo –, a resistência daquelas que se conseguiu contatar foi um fator importante.

Eis algumas dificuldades enfrentadas nesse sentido: a insegurança em relação ao domínio do português, aceites que entre o primeiro contato e o momento da entrevista declinavam – principalmente por mal-estar físico relatado –, desconfiança e também dificuldade de acesso às mulheres, uma vez que alguns contatos passavam primeiramente pelos familiares homens. Houve um

desencorajamento de contar com participantes mulheres nessas condições, mesmo ao reconhecer que isso inevitavelmente afetaria os resultados de pesquisa. A sensação de estar ultrapassando um limite possível para elas habitou a pesquisadora e conteve o planejamento inicial.

Fica difícil dizer o que de fato atuou nesses impasses, restando apenas hipóteses. Uma é a impressão de que tanto por ser um número menor no Brasil, quanto por terem imigrado depois dos homens – geralmente familiares em geral ou cônjuges –, possuem um domínio menor da língua portuguesa o que as excluiu de critérios da pesquisa. Mas essa falta de domínio parece falar também da própria relação com a sociedade de acolhimento, nomeadamente com os eventos sociais, os quais não parecem circular tanto quanto os homens – que ainda o fazem pouco. Isso não parece ser sem relação com o próprio lugar da mulher na cultura haitiana, detentora dos cuidados do lar.

As questões de saúde também foram justificativas para a não participação. Houve uma ocasião em que na chegada da pesquisadora à casa da possível participante, a última a recebeu, mas afirmou, antes da entrevista começar, estar com muitas dores de cabeça e dores que impossibilitariam sua participação. Apesar de precipitado para o caso específico, supõe-se que queixas físicas podem ser formas de expressão do mal-estar destas mulheres, apresentando-se, inclusive, como uma estratégia de “proteção” para não falarem sobre os temas da pesquisa, desencadeadores de dor psíquica. Arrisca-se ainda interpretar esse ocorrido como uma demonstração de que falar do corpo é uma das formas possíveis, culturalmente aceita, de falar do sofrimento psíquico. E há que se levar em conta, ainda, que remeter o sofrimento a uma psicóloga antes de passar por outros representantes da comunidade para quem se costuma falar, pode estar relacionado.

As entrevistas terem ocorrido em português é um fato que também não pode ser ignorado. A expressão de aspectos emocionais na língua primária certamente ofereceria acesso a outros conteúdos nas entrevistas, ainda que um dos critérios de inclusão tenha sido o domínio do português. Logo, compreende-se que o fato de terem ocorrido em português demarca um limite do estudo frente aos resultados obtidos.

Outro ponto de interrogação frente aos resultados foi a ausência de referências a afiliações ao Vodou. Como os resultados demonstraram, todos os participantes afirmaram ser cristãos. Particularmente em duas situações, durante os encontros de entrevistas, citaram o Vodou como um assunto um tanto quanto proibido e bastante desagradável. Mesmo constituindo um sistema de valores importantes na cultura, o Vodou soa

mal visto, principalmente entre os evangélicos. Provavelmente, a renúncia à questão se dá como condição para o pertencimento entre os evangélicos e alguns católicos. Outra hipótese em relação ao tema é o receio de se falar sobre o assunto fora do seio familiar, principalmente com uma pesquisadora fora do meio cultural.

Há que se considerar também que o valor atribuído pela ciência e religiões oficiais nos países ocidentais a outras religiões, por vezes constringe as pessoas oriundas de sociedades tradicionais, que entendem que serão vistos como “primitivos” caso manifestem suas crenças e visões de mundo. É fundamental destacar que essa percepção não é desconectada da realidade e infelizmente, é reafirmada em diversos contextos nos países de acolhimento, como por exemplo, na atenção a saúde, assistência social e questões concernentes à justiça.

O fio inicial de investigação neste caso foi a análise dos impactos psicológicos da exposição ao terremoto de 2010 do Haiti. Por se tratar de uma investigação com os imigrantes no pós-desastre fez emergir que o terremoto, apesar de importante, não foi um evento tão traumático quanto o deslocamento que o sucedeu. Apesar do reconhecimento internacional em relação à regularização dos imigrantes haitianos no Brasil, que não podem ser acolhidos como refugiados, ainda há muito que ser feito em termos de garantias de direitos, acolhimento e integração dessas pessoas.

Ser imigrante não é fácil. Ser imigrante haitiano no Brasil é especialmente difícil. O estado de vulnerabilidade e desamparo atinge o âmbito social e psíquico dessas pessoas, ainda que a divisão seja meramente didática. Basta caminhar nas ruas e prestar um pouco de atenção. É possível ver essas pessoas e supor que a adaptação e integração no Brasil é dura. E no trabalho mais próximo, como aqueles realizados pelas pastorais, organizações não governamentais, serviços de saúde, justiça e assistência social, não restam dúvidas de que a situação dos haitianos no Brasil não pode seguir como está: extremamente precária.

Assim, é essencial ressaltar que não basta o Brasil querer ser reconhecido internacionalmente como um país de imigração e de acolhimento de refugiados, enquanto não se implicar na atenção integral a essas pessoas e ir além da seletividade produtiva de imigrantes – na qual os imigrantes não europeus são vistos como invasores, carentes, “ladrões de emprego”, “terroristas” e tantos outros absurdos tristemente presentes na representação social sobre algumas nacionalidades e etnias. Para que se constituam verdadeiras responsabilidades de política internacional são imprescindíveis que se superem os critérios do capital,

que se desenvolva um olhar e debate em torno da questão humanitária. Trata-se de pessoas, acima de tudo.

O desejo de reconstrução da história individual e coletiva – familiar e também do Haiti – se apresenta como uma importante força na vida dessas pessoas que, mesmo à distância, procuram compartilhar projetos com os conterrâneos. O contato com a rede social do país de origem foi e continua sendo um importante fator de proteção ao oferecer os elementos fundamentais de representação da experiência do terremoto e da migração. Pilares da nova casa, interna e externa, propiciam o material necessário para essa reconstrução que não cessa enquanto se movimentam. Espera-se que as arestas deixadas pela presente pesquisa, incentivem estudos posteriores que elaborem novas questões em torno do tema.



## REFERÊNCIAS

- Ainslie, R. C., Tummala-Narra, P., Harlem, A., Barbanel, L., & Ruth, R. (2013). Contemporary Psychoanalytic Views on the Experience of Immigration. *Psychoanalytic Psychology*, 30(4): 663-679.
- Albuquerque, E. M. (2009). *Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimacão de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas*. Dissertação de mestrado, FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (2009). *Cambio climático, desastres naturales y desplazamiento humano: la perspectiva del ACNUR*. Recuperado 30 out. 2014, em <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/6936.pdf?view=1>.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (2014). *Refúgio no Brasil: uma análise estatística (2010-2013)*. 2014. Recuperado 7 jul. 2014, em [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio\\_no\\_Brasil\\_2010\\_2013.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2013.pdf?view=1).
- Alves, R. B., Lacerda, M. A. C., & Legal, E. J. (2012). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 307-315.
- Associação Psiquiátrica Americana. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed, 2014.
- Associação dos Municípios da Grande Florianópolis. Recuperado 02 set. 2014, em <http://www.granfpolis.org.br/municipios/index.php>.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (L. A. Reto, & A. Pinheiro Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Barlow, D. H., & Durand, M. R. (2011). *Psicopatologia: uma abordagem integrada* (R. Galman Trad.). São Paulo: Cengage Learning.

- Bastos, C. L. (2008). Tempo e psicopatologia cultural das experiências traumáticas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(2), 195-207.
- Betts, J. (2013). Diferença cultural, sofrimentos da identidade e a clínica psicanalítica hoje. *SIG Revista de Psicanálise*, 2(1), 85-97.
- Caetano, R., Clark, C. L. & Tam, T. (1998). Alcohol Consumption Among Racial/Ethnic Minorities. *Alcohol Health and Research World*, 22(4), 233-242.
- Caiuby, A. V. S., Lacerda, S. S., Quintana, M. I., Torii, T. S., Androli, S. B. (2012). *Cad. Saúde Pública*, 28(3), 597-603.
- Caribbean Country Management Unit (2006). *Social Resilience and State Fragility in Haiti: A Country Social Analysis*. World Bank.
- Cavalcanti, L., Oliveira T., Tonhati, T. & Dutra, D. (2015). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.
- Cohen, R. E. (2008). Lecciones aprendidas durante desastres naturales: 1970-2007. *Revista Peruana Medicina Experimental y Salud Publica*, 25(1), 109-17.
- Conselho Nacional de Imigração (2015). *Base estatística – CNIg*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
- Cova, F., & Rincón, P. (2010). El Terremoto y Tsunami del 27-F y sus Efectos en la Salud Mental. *Terapia Psicológica*, 28(2), 179-185.
- Cyrułnik, B. (2001). *Resiliência, essa inaudita capacidade de reconstrução humana*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Diário Oficial da União (2013). *Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012*. Diário Oficial da União.
- Estrategia Internacional para la Reducción de Desastres (2009). *Terminología sobre la reducción del riesgo del desastres*. Ginebra:

Naciones Unidas. Recuperado 02 nov. 2014, em [http://www.unisdr.org/files/7817\\_UNISDRTerminologySpanish.pdf](http://www.unisdr.org/files/7817_UNISDRTerminologySpanish.pdf).

Fernandes, D. (2014). *Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”* (Relatório de Pesquisa/2014), Belo Horizonte, MG, Pontifícia Universidade Católica Minas.

Fernandes, D., Milesi, R., & Farias, A. (2012). Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório. *Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*, 6. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos.

Fraser, S-L., Rousseau, C., & Hassan, G. (2013). La psychologie interculturelle: un jeu de miroirs. *Revue québécoise de psychologie*, 34(2): 225-244.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, 24(1),17-27.

Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização. In \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1930).

Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. In \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (2010c). Além do princípio do prazer. In \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (2010d). O inquietante. In \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1919).

Freud, S. (2010e). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*

(1914-1916) (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In \_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 17: Inibição sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (P. C. Souza Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).

Gil, A. C. (1996). *Como elaborar projetos de pesquisa?*. São Paulo: Atlas.

Gilz, C. (2007). Os desafios e facilidades do uso do programa de software atlas/ti na análise de dados da pesquisa: a coleção “redescobrimo o universo religioso” na formação do professor. *Anais VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*, Curitiba, PR, Brasil.

Godoy, G. G. (2011). O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária complementar. In A. de C. Ramos, G. Rodrigues, & G. A. de Almeida. *60 anos de ACNUR : perspectivas de futuro*. São Paulo: Editora CL-A Cultural.

Gomes, E. R. B., & Cavalcante, A. C. S. (2012). Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI. *Psicologia & Sociedade*; 24(3), 720-728.

González-Rey, F. L. (2011). Diferentes abordagens para a pesquisa qualitativa; fundamentos epistemológicos (p. 1-51). In \_\_\_\_\_. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.

Handerson, J. (2015). *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia (2010). *Migração*. Recuperado 10 maio 2014, em [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_Gerais\\_da\\_Amostra/errata\\_migracao.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/errata_migracao.pdf).

- Internal Displacement Monitoring Centre (September, 2014). *Global estimates 2014: people displaced by disasters*. Geneva: IMDC and NRC.
- Kaefer, E. M. C., Soares, G. O., Brasileiro, L. S., & Borges, R. B. (2011). Desastres ambientais e conflitos. In PNUMA. *Simulação das Nações Unidas para Secundaristas*. 10 ed. Recuperado 01 jul. 2014, em <http://www.sinus.org.br/2011/press/downloads/pnuma.pdf>
- Kohn, R., Levav, I., Donaire, I., Machuca, M., & Tamashiro, R. (2005). Psychological and psychopathological reactions in Honduras following Hurricane Mitch: implications for service planning. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 18(4/5), 287–95.
- Krum, F. M. B., & Bandeira, D. R. (2008). Enfrentamento de desastres naturais: o uso de um coping coletivo. *Paidéia*, 18(39), 73-84.
- Laplanche, J. (1998). *Problemáticas I: A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. (4<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1982).
- Laplantine, F. (1998). *Aprender Etnopsiquiatria*. São Paulo: Brasiliense.
- Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997* (1997). Define mecanismos para implementação do Estatuto do Refugiado de 1951 e determina outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Presidência da República.
- Lopes, D. C., Costa, D. S., Soares, E. V., Furtado, J. R., Alves, L. M., Solino, M. N., & Cartagena, S. M. C. (2010). *Gestão de riscos e de desastres: contribuições da psicologia*. Florianópolis, Associação Cultural Cabeça ao Vento.
- Loubat, M., Fernández, A. M., & Morales, M. (2010). La Experiencia de Peralillo: Una Intervención Psicológica para el Estado de Emergencia. *Terapia Psicológica*, 28(2), 203-207.
- Lussi, C., & Marinuci, R. (2007). *Vulnerabilidade social em contexto migratório*. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios.

Recuperado 30 out. 2014, em  
[http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades\\_dos\\_migrantes.pdf](http://www.csem.org.br/pdfs/vulnerabilidades_dos_migrantes.pdf)

- Magalhães (2014), L. F. A. (2014). O Haiti é aqui: primeiros apontamentos sobre os imigrantes haitianos em Balneário Camboriú – Santa Catarina – Brasil. *Revista PerCursos*, Florianópolis, 15(28), 223-256.
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XXI, 40, 151-162.
- Martins Borges, L., & Pocreau, J-B. (2009a). A identidade como fator de imunidade psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 224-236.
- Martins-Borges, L., & Pocreau, J.-B. (2009b). Reconhecer a diferença: o desafio da Etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15(1), 232-245.
- Melo Carvalho, M. T. (2012). Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia pulsional. *Psicologia em Estudo* 17(3), 487-497.
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucite.
- Montazeri, A., Baradaran, H., Omidvari, S., Azin, S. A., Ebadi, M., Garmaroudi, G. Harirchi, A. M., & Shariati, M. (2005). Psychological distress among Bam earthquake survivors in Iran: a population-based study. *BioMed Central Public Health*, 5(4), 1-6.
- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o brasil: causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26 (2), 186-192.

- Moro, M. R., & Lachal, C. (2008). A Abordagem Transcultural em Psicoterapia. In \_\_\_\_\_. *As Psicoterapias: modelos, métodos e indicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Organização Internacional para as Migrações. (2009). Glossário sobre Migração. *Direito Internacional da Migração*, (22). Recuperado 30 mar. 2014, em [http://www.acidi.gov.pt/\\_cf/102363](http://www.acidi.gov.pt/_cf/102363).
- Pacífico, A. P., & Gaudêncio, M. R. B. (2014). A proteção dos deslocados ambientais no regime internacional dos refugiados. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XXII, 43, 133-148.
- Pacífico, A. P., & Pinheiro, T. K. F. (2013). O status do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, 1(1), 107-125.
- Papadopoulos, R. K. (2007). Refugees, trauma and Adversity-Activated Development. *European Journal of Psychotherapy and Counselling*, 9(3), 301–312.
- Patarra, N. L., & Fernandes, D. (2011). Brasil: país de imigração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, III Série (24), 65-89.
- Paula, E. A., Valencio, N., Correa, D. (2013). Entre desastres catastróficos e mobilidades controladas: das idas e vindas de camponeses brasileiros à chegada dos imigrantes haitianos no “reino deste mundo amazônico”. *Contemporânea*, 3(1), 45-71.
- Pierre, A., Minn, P., Sterlin, C., Annoual, P. C., Jaimes, A., Raphaël, F., Raikhe, E., Whitley, R.; Rousseau, C., & Kirmayer, L. J. (2010). *Culture and Mental health in Haiti: A literature review*. Geneva: WHO. Recuperado em 07 out. 2014, em [http://www.who.int/mental\\_health/emergencies/culture\\_mental\\_health\\_haiti\\_eng.pdf](http://www.who.int/mental_health/emergencies/culture_mental_health_haiti_eng.pdf)
- Raphaël, F. (2010). Réflexions sur la santé mentale dans une Nouvelle Haïti. *Revue haïtienne de santé mentale*, 1, 157-165, 2010.

- Rodrigues, V. M. (2013). Migrantes haitianos no Brasil: Mitos e Contradições. In *Crisis y Emergencias Sociales en América Latina*. Santiago: ALAS.
- Rudge, A. M. (2009). *Trauma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sá, S. D., Werlang, B. S. G., & Paranhos, M. E. (2008). Intervenção em crise. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 4(1): 0-0. Recuperado 10 jul. 2014, em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a08.pdf>
- Sampieri, R. H., Fernández-Collado, C., & Lucio, P. B. (2006). *Metodología de la investigación* (4ª ed.). Iztapalapa: McGrall-Hill.
- Santander, P. (2010). Reflexiones psicoanalíticas en torno al terremoto. *Revista Chilena de Psicoanálisis*, 27(1), 64-71.
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10 (3), 707-717.
- Schininà, G., Hosn, M. A., Ataya, A., Dieuveut, K., & Salem, M-A. (2010). Psychosocial response to the Haiti earthquake: the experiences of International Organization for Migration. *Intervention*, 8(2), 158-164.
- Secretaria Nacional de Defesa Civil (2007). *Política nacional de defesa civil*. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Recuperado 02 set. 2014, em [http://www.integracao.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=6aa2e891-98f6-48a6-8f47-147552c57f94&groupId=10157](http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=6aa2e891-98f6-48a6-8f47-147552c57f94&groupId=10157)
- Silva, C. C. R. (2012). Reflexões sobre o normal e o patológico e a ética da Psicanálise. *Psicanálise e Barroco em Revista*, 10(2), 62-73.
- Sommer, K. A., Abufhele M. M., Briceño, A. M. A., Dávila, A. D., Barreau, M. V., Castro, S. M., Ebel, C. F., Oltra, S. H., & Correa, A. D. (2013). Intervención de salud mental en niños expuestos a desastre natural. *Revista Chilena de Pediatría*, 84 (1), 59-67.

- Souza, N. S. (1998). O estrangeiro: nossa condição. In C. Koltai (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Sterlin, C. (2006). Pour une approche interculturelle du concept de santé. *Ruptures, revue transdisciplinaire en santé*, (11), 1, 112-121.
- Sturm, G., Baubet, T., & Moro, M. R. (2010). Culture, trauma, and subjectivity: the French ethnopschoanalytic approach. *Traumatology*, 16(4), 27-38.
- Summerfield, D. (2001). The invention of post-traumatic stress disorder and the social usefulness of a psychiatric category. *British Medical Journal*, 322, 95-98.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39(3), 507-14.
- United Nations Development Programme (2014). *Human Development Report 2015 – Work for human development*. Recuperado 20 mar. 2016, em [http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015\\_human\\_development\\_report\\_1.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report_1.pdf).
- Véron, J., & Golaz, V. (2015). Can environmental migration be measured? *Population and Societies*, 522, 1-4.
- Zaiontz, C. A., & Sarkar, A. (2014). Cultural themes in posttraumatic adjustment. *Clinical Neuropsychiatry*, 11(1), 20-31.



**APÊNDICE A – Questionário sociodemográfico**

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO  
INTERCULTURAL  
(Núcleo de Estudos em Migrações, Psicologia e Cultura –  
NEMPSiC)**

Data de aplicação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Dados Pessoais:**

1. Nome  
Completo: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) Feminino      ( ) Masculino
3. Idade: \_\_\_\_\_ anos
4. Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_
5. Estado Civil: ( ) Solteiro(a)  
( ) Casado(a)  
( ) União Estável  
( ) Separado (a)  
( ) Divorciado(a)  
( ) Viúvo(a)
6. País de nascimento: \_\_\_\_\_
7. Cidade de nascimento: \_\_\_\_\_

8. Cidade onde reside: \_\_\_\_\_

**Escolaridade e Ocupação:**

9. Escolaridade:

- Não alfabetizado
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo. Qual(is)

curso(s) \_\_\_\_\_

- Pós-graduação. Qual(is):

\_\_\_\_\_

10. Ocupação antes da imigração: \_\_\_\_\_

11. Ocupação atual: \_\_\_\_\_

**Residência:**

12. Número de cômodos da residência: \_\_\_\_\_

13. A residência é:

- Própria
- Alugada
- Familiar
- Cedida
- Outro: \_\_\_\_\_

14. Número de pessoas em sua residência, contando com você: \_\_\_\_\_  
pessoas

15. Informações sobre as pessoas que residem com você:

Tipo de Relacionamento	Sexo	Idade	Ocupação	Naturalidade

**Religião/Crença:**

16. Pertence a alguma religião/crença? Qual?

\_\_\_\_\_

17. É praticante? ( ) Sim ( ) Não

**Língua**

18. Qual a língua materna? \_\_\_\_\_

19. Fala alguma outra língua? Qual(is)?

\_\_\_\_\_

20. Nível da língua portuguesa antes da imigração:

( ) Nenhum ( ) Pouco ( ) Médio ( ) Muito

21. Apropriação da língua portuguesa atualmente:

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Ótima

**Dados sobre a imigração:**

22. Data da imigração: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

23. É a primeira imigração? ( ) Sim ( ) Não.

24. Você imigrou sozinho? ( ) Sim ( ) Não.

25. Se não, com quem imigrou?

---

26. Quem ficou no país?

---

27. Motivação para a imigração:

---

26. Tipo de visto de entrada:

- ( ) Turismo
- ( ) Trabalho
- ( ) Estudo
- ( ) Residência
- ( ) Refúgio
- ( ) Humanitário

27. Tipo de visto que possui no momento:

- ( ) Turismo
- ( ) Trabalho
- ( ) Estudo
- ( ) Residência
- ( ) Refúgio
- ( ) Humanitário

## **APÊNDICE B – Roteiro de entrevista**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### **Fatores de risco pré e pós-migratórios**

1. O que te motivou a vir do Haiti? Como escolheu o Brasil? Como foi o caminho até aqui? (Investigar se houve imigrações anteriores e em caso afirmativo, perguntar como foram)
2. Com foram as despedidas de familiares e amigos?
3. Como foi a chegada aqui em termos de moradia e acesso a serviços básicos (alimentação, saúde, ocupação)? E como está agora?
4. Foi recebido por quais pessoas?
5. Sente-se acolhido pelos brasileiros? (Se tiver passado por outros lugares no Brasil, perguntar como se sentiu em cada lugar)

#### **Exposição ao terremoto**

6. Diga-me livremente como foi o terremoto pra você? (Investigar neste item onde a pessoa estava, com quem e o que viu)
7. Você se machucou?
8. Você viu alguém machucado ou morto?
9. Como ficou sua casa e a de seus familiares?
10. Precisou se abrigar em algum outro lugar depois do terremoto? Se sim, onde, com quem e por quanto tempo?
11. Como ficou seu cotidiano nos primeiros meses após o terremoto?

#### **Sintomas clínicos decorrentes da exposição ao terremoto**

12. Como você se sentiu durante e logo após o terremoto? Com o passar do tempo, alguma coisa mudou?
13. Quando se lembra da situação, quais sentimentos aparecem?
14. O que você faz com esses sentimentos?
15. Tem coisas que acontecem que te fazem sentir emoções parecidas àquelas ligadas ao terremoto?
16. Você sonhava ou sonha com a situação?

17. Você percebe alguma mudança em si, algo diferente de como você era antes do terremoto?

### **Fatores de proteção pré e pós-migratórios**

18. Você ainda conversa com pessoas que estão no Haiti? Como e com qual frequência?
19. E com quem você conversa aqui? Em quais situações? (Investigar o contexto e nacionalidade dessas pessoas)
20. O que você fazia nas horas vagas lá? E aqui?
21. O que você acha que há de diferente entre lá e aqui?
22. O que pensa dessas diferenças e como lida com elas?
23. O que você faz para manter contato com sua cultura de origem?
24. Como e onde você se vê daqui 5 anos? (Investigar como imagina sua vida)
25. Quais são suas esperanças?

## APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Caro participante,**

Eu, **Allyne Fernandes Oliveira Barros**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), convido-o (a) a participar do processo de coleta de dados de minha Dissertação de Mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Lucienne Martins Borges, cujo título é **Haitianos no sul do Brasil: impactos psicológicos do terremoto de 2010**. E tem por objetivo compreender os impactos psicológicos decorrentes da exposição ao terremoto de 2010, ocorrido no Haiti.

O seu papel enquanto participante consiste em responder às questões de um roteiro de entrevista semiestruturado e a um questionário sociodemográfico. Para tanto, a entrevista será gravada em áudio. Cabe salientar que apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso direto às informações oferecidas por meio dos dados coletados. De acordo com os preceitos éticos asseguramos que a sua participação será absolutamente sigilosa, não constando nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo (a).

Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa, bem como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Antes de falarmos com você, o projeto desse estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC. Caso você queira entrar em contato com este Comitê, pode fazê-lo por meio dos telefones (48) 3112-1660 / (48) 3212-1644 ou pelo e-mail [cepses@saude.sc.gov.br](mailto:cepses@saude.sc.gov.br).

Esse estudo não se isenta de apresentar riscos psicológicos, podendo lhe causar desconforto ao responder as perguntas. Caso você se sentir desconfortável, além de ter o direito de interromper a participação

em qualquer fase da pesquisa, a pesquisadora lhe encaminhará para os atendimentos na Clínica Intercultural vinculada ao Serviço de Atenção Psicológica – SAPSI da Universidade Federal de Santa Catarina.

As informações obtidas serão armazenadas pela pesquisadora principal por 5 anos e utilizadas na elaboração do trabalho científico que poderá vir a ser publicado em meios acadêmicos e científicos. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas intervenções e avaliações psicológicas para o melhor acolhimento de diversas temáticas que a interpoem. Os resultados da presente pesquisa poderão ser apresentados a você e aos outros participantes após a defesa da Dissertação, em data a ser agendada.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Para quaisquer outras informações, coloco-me a sua disposição pelo telefone: **(48) 99115540** e/ou no e-mail: **allynefob@gmail.com**. Agradecemos a sua participação e enfatizamos que ela contribuirá de modo significativo para o avanço do conhecimento psicológico.

---

Allyne Fernandes Oliveira Barros  
Pesquisadora Principal – Mestranda

---

Dr<sup>a</sup> Lucienne Martins Borges  
Professora Pesquisadora - Orientadora

Eu \_\_\_\_\_,  
RG/CPF \_\_\_\_\_, declaro através deste documento o meu consentimento em participar da pesquisa intitulada **Haitianos no sul do Brasil: impactos psicológicos do terremoto de 2010**. Declaro ainda, que estou informado (a) dos objetivos da pesquisa, do método, de meus direitos de desistir participar a qualquer momento e também do meu anonimato.

---

Assinatura do participante da pesquisa

Florianópolis, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

## APÊNDICE D – Breve apresentação dos participantes

P1 – Tem 27 anos, nascido em Jérémie, é solteiro. É o terceiro filho: tem uma irmã mais velha (casada e com filhos), um irmão, ele e um irmão mais novo. Seus pais já faleceram há muito tempo e atualmente quem é responsável pela casa deles é a irmã mais velha. Foi morar em Porto Príncipe para estudar. Lá vivia com o marido de uma prima. A prima morava nos Estados Unidos. Quando o terremoto aconteceu estava na capital, na casa de uma amiga. A casa onde vivia teve a estrutura comprometida. Alguns dias depois foi para Jérémie, onde ficou na casa de sua família até poder retornar à capital. Um ano e sete meses depois (09/2011), mudou-se para o Brasil sozinho para continuar seu curso de graduação, que segue até hoje. Ainda não retornou ao Haiti. Quer continuar estudando, mas não no Brasil.

P2 – Tem 30 anos, nascido em Porto Príncipe, é solteiro. É o filho mais velho. Tem duas irmãs e dois irmãos. Todos vivem com seus pais em Porto Príncipe, onde morava antes da imigração. Quando o terremoto aconteceu estava em Porto Príncipe, fazendo um trabalho da faculdade com alguns amigos. Levou algum tempo para encontrar seus familiares. Sua casa foi completamente destruída, o que os levou a se abrigarem em um campo de futebol por cerca de um mês. Atualmente a casa está sendo reconstruída. Um ano e seis meses (08/2011) depois se mudou para o Brasil para continuar a graduação, que continua. Veio sozinho. Esteve no Haiti uma vez nesse período. Tem planos – próximos – de estudo em um país francófono.

P3 – Tem 31 anos, nasceu em Grand Rivière Du Nord, é solteiro. Tem uma irmã e um irmão oficiais, além de uma irmã por parte de pai. Seus pais faleceram depois do terremoto, inclusive P3 atribui a morte de seu pai ao intenso estresse frente às perdas do terremoto. Quanto o terremoto aconteceu estava em Cabo Haitiano, no trabalho e ficou sabendo pelas notícias apesar de também ter sentido as réplicas. Sua casa sofreu alguns danos. Emigrou para o Canadá alguns anos após o terremoto, onde permaneceu por um ano e três meses. Muitos de seus familiares moram lá. Como não conseguiu regularizar sua situação e já tinha um irmão no Brasil, veio para cá. Desde que chegou (04/2014) ainda não esteve com o irmão, que mora em São Paulo. Imigrou com uma criança, filho de um primo, que deixou em Chapecó. Tem dois cursos

superiores, mas trabalha como caixa de supermercado. Deixou uma namorada no Canadá.

P4 – Tem 29 anos, é solteiro, natural de Cornillon. É o filho mais velho de cinco: seguido dele são três mulheres e o mais novo é um menino. Morava com o pai e os irmãos em Porto Príncipe. A mãe vivia em uma cidade vizinha, onde trabalhava. Quanto o terremoto aconteceu estava em casa com uma das irmãs e um tio. Refugiou-se em uma praça próxima, pois apesar da casa não ter desabado, não sentiam segurança nela ou em casa alguma. Alguns dias depois foi para a casa da mãe, na cidade próxima, onde permaneceu com os pais, outros familiares e amigos. Concluiu a faculdade no Haiti, mas não conseguia emprego. Imigrou para o Brasil (03/2014) sozinho, mas ao chegar juntou-se a conhecidos e amigou. Morou em Paranaíba, mas mudou-se para Santa Catarina para ficar mais perto de um amigo. Apesar das qualificações profissionais que possui, trabalha em serviços gerais (limpeza).

P5 – Tem 28 anos, é casado e nasceu em Cabo Haitiano. Quando partiu do Haiti deixou a esposa grávida de sua filha, que ainda não conhece pessoalmente. Tem um irmão nos Estados Unidos, um no Haiti e outro no Brasil. Quando o terremoto aconteceu estava em Porto Príncipe, onde trabalhava no comércio. Caminhava na rua quando o tremor principal ocorreu e teve sua casa destruída. Refugiou-se na casa de seus pais em Cabo Haitiano. Passou por alguns lugares desde então: primeiro foi para a República Dominicana, onde passou cerca de seis meses. Depois se mudou para Cuba, onde ficou por dois meses. Retornou ao Haiti e de lá veio para o Brasil (11/2013), onde já residia um de seus irmãos. Morou alguns meses em Brasília, até se mudar para a região metropolitana de Florianópolis. Quer ver a esposa e filha em breve, mas não está fácil.

P6 – Tem 28 anos, é solteiro e também natural de Cabo Haitiano. Tem duas irmãs e quatro irmãos. Um deles, mora na República Dominicana. Sua mãe já faleceu, então morava com seu pai – com quem também trabalhava – e com alguns seus irmãos, na capital, Porto Príncipe. Além de trabalhar, também fazia um curso de graduação à época. Quando o terremoto aconteceu estava na faculdade, fazendo uma prova. Conseguiu escapar, apesar do ferimento grave na cabeça. No dia seguinte foi para a cidade natal, onde permaneceu com os familiares. Mudou-se para o Brasil (04/2014) sozinho. Chegou pelo Acre, de lá foi para São Paulo, onde foi recrutado para trabalhar em uma empresa em Chapecó. Permaneceu lá por seis meses, até decidir se mudar para a região

metropolitana de Florianópolis, onde veio encontrar alguns amigos conterrâneos. Trabalha em uma fábrica. Quer constituir sua própria família.

P7 – Tem 36 anos, é casado e pai, nascido em Gonaïves. Tem três meninos e uma menina que estão com sua sogra, pois há quatro meses sua esposa veio morar com ele. Trabalhava como agricultor e comerciante em sua terra natal. Frequentemente fazia idas e vindas a trabalho entre Haiti e República Dominicana, por isso domina o espanhol. Quando o terremoto aconteceu estava em casa com a esposa e um de seus filhos, em Gonaïves. Teve sua edícula destruída, onde geralmente ficava um de seus filhos e sua sogra que felizmente não estavam lá. Imigrou para o Brasil (10/2013), onde já morou em Chapecó e Goiânia. Tem um irmão em Santa Catarina e alguns familiares pelo Brasil, mas chegou sozinho ao Brasil. Tem também parentes em outros países. Sente saudades dos filhos e se preocupa com o futuro deles diante das dificuldades financeiras que enfrenta. Sente saudades, mas acredita que sua esposa sofre muito mais com a distância e logo deve retornar ao Haiti, enquanto ele fica.